

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TANGARÁ DA SERRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS
MESTRADO ACADÊMICO**

ADRIANE REGINA MENEGAZ VERONESE

**O MAL-ESTAR NAS OBRAS DE BERNARDO CARVALHO: UM TEMA E
SUAS DECLINAÇÕES**

Tangará da Serra – MT

2020

ADRIANE REGINA MENEGAZ VERONESE

**O MAL-ESTAR NAS OBRAS DE BERNARDO CARVALHO: UM TEMA E
SUAS DECLINAÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Estudos Literários - PPGEL, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Literários, na área de Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Lúcia da Rocha Maquêa

Tangará da Serra – MT

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para os fins de estudo e pesquisa desde que citada a fonte.

Veronese, Adriane Regina Menegaz.

O mal-estar nas obras de Bernardo Carvalho: Um tema e suas declinações/
Adriane Regina Menegaz Veronese – Tangará da Serra, 2020.

109 p.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso

(Dissertação/ Mestrado) Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Estudos Literários, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Linguagem, Campus de Tangará da Serra, Universidade do Estado de Mato Grosso. Tangará da Serra/MT, 2020.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vera Lúcia da Rocha Maquêa.

1. Mal-estar. 2. Bernardo Carvalho. 3. Literatura contemporânea. I. Adriane Regina Menegaz Veronese. II. *O mal-estar nas obras de Bernardo Carvalho: Um tema e suas declinações*

ADRIANE REGINA MENEGAZ VERONESE

**O MAL-ESTAR NAS OBRAS DE BERNARDO CARVALHO: UM TEMA E
SUAS DECLINAÇÕES**

Mestrado em Estudos Literários

Departamento de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso
(UNEMAT) Tangará da Serra, ____ de ____ 2020.

Profa. Dra. Walnice Aparecida Matos Vilalva
Coordenadora do programa

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Vera Lúcia da Rocha Maquêa
UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso
Orientadora

Prof. Dr. Agnaldo Rodrigues da Silva - UNEMAT

Prof. Dr. Mário César Silva Leite- UFMT

Para minha mãe:

Lourdes Catarina Menegaz (*in
memoriam*)

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me orienta e é a luz que me conduz.

À minha família, pelo apoio, incentivo e suporte. Obrigada pela compreensão em todos os momentos que me fiz ausente. Minha gratidão a todos vocês!

Ao meu esposo Rogério e as minhas filhas Luísa e Joana companheiros e maiores incentivadores desde o princípio deste projeto. Meu amor e meu carinho.

À minha orientadora, Profa. Dra. Vera Maquêa, mulher de infinita humildade e conhecimento que me acolheu sem mesmo me conhecer. Obrigada por todas as palavras de incentivo durante este processo de aprendizagem.

Às minhas amigas Shirlene, Juliana, Roberta, Gisele, Helen, Vera, Eliane, Beth, Sandra e Josiane que foram anjos enviados por Deus no decorrer deste processo. Aos colegas desta turma 2018-2019, pela união e pelos bons momentos que passamos juntos. Meus sinceros agradecimentos e minha gratidão pelo carinho e acolhimento de todos.

Ao Conselho Deliberativo, a Gestão Escolar e todo o Corpo Docente da Escola Municipal Paulo Freire de Juína-MT, da qual faço parte. Meu agradecimento pela aceitação deste processo formativo pelo qual estive ausente por dois anos nesta Unidade Escolar.

Os tijolos com que é construída a existência humana são as relações com os outros homens. O amor, a afeição, a amizade, a estima obtidos e concedidos, uma vez presentes, não cessam de nos fazer felizes. (TODOROV, [1939] 1999, p. 185)

RESUMO

A presente dissertação situa-se na linha de pesquisa Literatura e Vida Social nos países de Língua Portuguesa e apresenta uma abordagem temática dos romances de Bernardo Carvalho *Mongólia* (2003), *O Filho da Mãe* (2009) e *Simpatia pelo Demônio* (2016). Partindo da concepção de literatura como compromisso social, questão importante na tradição da crítica literária brasileira, propôs-se refletir sobre as representações culturais, sociais, econômicas e políticas a partir dos temas literários selecionados nestas obras. Tem-se como objetivo analisar o conceito de mal-estar gerado pela falta de ética, quebra de contratos e normas impostas pela sociedade nas diferentes formas das relações humanas, por meio do estudo de narradores e personagens. Se o mal-estar é uma questão que se faz presente na existência do ser humano contemporâneo, vamos verificar como Bernardo Carvalho recria esse tema nos romances escolhidos. Para dar suporte a este estudo, dialoga-se com a crítica da obra do autor e com referências teóricas pertinentes ao tema e suas derivações. Para que este estudo se realizar adotou-se a metodologia de pesquisa bibliográfica e analítica. Conta-se com um referencial teórico e crítico que subsidia análises de obras que compõem a literatura brasileira contemporânea de modo geral e, a literatura de Bernardo Carvalho, de modo particular. Para isso tomou-se como base teórico-crítica estudiosos como Freud (1930), Watt (1957), Lukács (1965), Bosi (1970), Adorno (1974), Said (1978), Bakhtin (1979), Benjamin (1985), Steiner (1990), Candido (1995), Maffesoli (1997), Todorov (1999), Agamben (2006), Resende (2008), Schøllhammer (2009), Abdala Junior (2012), Dalcastagnè (2014), Maquêa (2010), Perrone-Moisés (2016), entre outros que se fizerem necessários para discutirmos o gênero romance, as teorias da literatura, literatura brasileira contemporânea e os sentidos de mal-estar.

Palavras-chave: Mal-estar, Bernardo Carvalho, Literatura contemporânea.

ABSTRACT

The current dissertation is situated in the line of research Literature and Social Life in the Portuguese speaking countries and presents a thematic approach of Bernardo de Carvalho's novels *Mongólia* (2003), *O Filho da Mãe* (2009) e *Simpatia pelo Demônio* (2016). Starting from literature conception as a social commitment, important question in the tradition of Brazilian literary criticism, we propose to reflect about the cultural, social, economic and political representations based on the literary themes selected in these works. Our aim is to analyze the concept of uneasiness generated by the lack of ethics, breach of contract and the rules imposed by society in the different human relationships, through the study of narrators and characters. If uneasiness is an question that is we are going to verify how Bernardo Carvalho recreates this theme in the chosen novels. To support this study, we will dialogue with the criticism of the author's work and its derivations. In order for this study to be accomplished, we will adopt the methodology of bibliographical and analytical research. We rely on a theoretical and critical reference that subsidizes analysis of works that make up contemporary Brazilian literature in general and Bernardo Carvalho's literature in particular. In order to do this, we will take as theoretical-critical basis scholars as Freud (1930), Watt (1957), Lukács (1965), Bosi (1970), Adorno (1974), Said (1978), Bakhtin (1979), Benjamin (1985), Steiner (1990), Candido (1995), Maffesoli (1997), Todorov (1999), Agamben (2006), Resende (2008), Schøllhammer (2009), Abdala Junior (2012), Dalcastagnè (2014), Maquêa (2010), Perrone-Moisés (2016), among, who are necessary to discuss the romance genre, theories of literature, contemporary Brazilian literature and the senses of uneasiness.

Keywords: Uneasiness, Bernardo Carvalho, Contemporary literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. CAPÍTULO 1: O ROMANCE COMO EXPRESSÃO LITERÁRIA DE BERNARDO CARVALHO	20
1.1. A arte trágica de Bernardo Carvalho	25
1.2. <i>Mongólia</i> (2003)	30
1.3. <i>O Filho da Mãe</i> (2009)	31
1.4. <i>Simpatia pelo Demônio</i> (2016).....	32
2. CAPÍTULO 2: O TALENTO NARRATIVO COMO FORMA DE INTERCAMBIAR EXPERIÊNCIAS.....	34
2.1. Mongólia: um labirinto sem paredes.....	34
2.2. Mongólia: espaço de reencontros	47
3. CAPÍTULO 3: ROMANCE COMO EXPRESSÃO LITERÁRIA DE BERNARDO CARVALHO	54
3.1. Bernardo Carvalho: o romance como expressão maior	54
3.2. As trezentas pontes que unem as quimeras em <i>O Filho da Mãe</i>	55
3.3. A armadilha e o sacrifício perpétuo da infeliz bela alma em <i>Simpatia pelo Demônio</i>	75
3.4. O Rato e o demônio chihuahua.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109

INTRODUÇÃO

Em algum instante, em algum lugar, o tempo não foi vivido perigosamente? O que a literatura contemporânea está dizendo sobre este tempo, em que vivemos? Que problemas e quais questões a literatura ilumina? O que a literatura do agora dirá às sociedades do futuro, sobre as pessoas deste presente? Quais os incômodos? Quais encruzilhadas? Quais nostalgias? Quais expectativas? A literatura constitui um registro importante e audacioso, pois, sem compromisso com a verdade, ela diz a verdade; sem compromisso com o real, ela é verossímil.

A literatura contemporânea que se desenvolve no Brasil possui alguns escritores expoentes, os quais têm se destacado pela linguagem influenciada pela comunicação em redes digitais e pelas vozes descentralizadas. Muitos escritores se destacam neste cenário, desde a década de 1960, sendo que, nas primeiras décadas do Século XXI, surgem autores que representam uma geração ainda mais tocada pelas transformações ocorridas pela revolução da realidade digital e pelas trocas culturais. Dentre esses escritores brasileiros, Bernardo Carvalho se destaca pela produção vigorosa e experimental.

Nesta dissertação, tomamos três romances – *Mongólia* (2003), e *Filho da mãe* (2009) e *Simpatia pelo Demônio* (2016) – para aprofundar um estudo sobre Bernardo Carvalho e, a partir de sua escrita, compreender, perceber de determinados ângulos, a forma como a literatura tem dado expressão ao mal-estar da civilização. Em outras palavras, a partir da obra de Bernardo Carvalho, esta dissertação coloca em evidência algumas questões prementes do momento atual da civilização, marcado pelo isolamento social dos indivíduos e pela solidão existencial.

Partindo da concepção da literatura como compromisso social, questão importante na tradição da crítica literária brasileira, a análise dos romances *Mongólia* (2003), *Filho da Mãe* (2009) e *Simpatia pelo Demônio* (2016) possibilita refletir sobre algumas questões sociais que, em meio à barafunda de informações das sociedades atuais, tornam-se banais, como o desaparecimento de uma pessoa, em meio a tantas que desaparecem, bem como refletir sobre questões de cunho existencial, como a vida e a morte, a solidão e a angústia, a sexualidade e a identidade.

Bernardo Carvalho nasce na cidade de Rio de Janeiro, no clarear da década de 1960; formado em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, hoje atua como jornalista, tradutor e escritor. Nesta ocupação possui em seu currículo obras complexas que lhe renderam prêmios importantes dentro e fora do Brasil. Entre as principais obras, uma coletânea de contos está incluída, sendo *Aberração* (1993) e aproximadamente dez romances, entre eles *Onze* (1995), *Os Bêbados e os Sonâmbulos* (1996), *Teatro* (1998), *As Iniciais* (1999), *Medo de Sade* (2000), *Nove Noites* (2002), *Mongólia* (2003), *O Sol se Põe em São Paulo* (2007) e *O Filho da Mãe* (2009). Foi vencedor de dois Prêmios Jabuti de Literatura, um deles (2004) na categoria Romance com a obra *Mongólia*.

De seus romances, toma-se *Mongólia* (2003), *Filho da Mãe* (2009) e *Simpatia pelo Demônio* (2016) para compreender, em movimento indutivo, do menos para o mais, o conjunto de sua obra: os temas preferenciais, as recorrências, as repetições, os inesperados. Por meio dos escritos de Bernardo Carvalho, bem como da crítica em torno dele constituída, pode-se derrubar/esmaecer fronteiras geográficas e etnográficas em busca da essência humana, sem rotulação, sem discriminação.

Segundo Candido (2008, p. 56), o conceito de literatura como função social independe da vontade ou da consciência dos autores e consumidores de literatura. Decorre da própria natureza da obra, da sua inserção no universo de valores culturais e do seu caráter de expressão, coroada pela comunicação. Neste sentido, questões colocadas em plano periférico nos romances de Bernardo Carvalho ganham relevo e destaque no conjunto de discussões, quando se coloca em discussão o tempo hodierno.

Nas últimas décadas, a cultura mundial vivenciou um período de intenso desenvolvimento tecnológico e industrial, o que, conseqüentemente, ocasionou diversas crises nos campos político e social. A literatura contemporânea reflete bem este momento e partir do registro ficcional evidencia-se a confusão do “agora” e a imprecisão histórica do “instante” que estamos vivendo.

Os romances de Bernardo Carvalho expressam a fragilidade das identidades contemporâneas que convivem com um passado em ruínas e um presente sem muitas expectativas. Assim, a realidade narrada tem existência na linguagem apresentada por personagens em intensa busca interpretativa.

O mal-estar globalizado tão perceptível na solidão das pessoas e no recrudescimento de uma melancolia profunda, conhecida por depressão é apresentado pelo autor fruto das mazelas deixadas por questões históricas, econômicas e sociais. A composição do processo artificial de edificação do literário permite ir além e refletir sobre a própria realidade, evidenciando o grau de artificialidade que há no real construído.

Desta forma para que a sociedade possa se desenvolver de forma ordeira o homem pagou o preço da renúncia de sua satisfação pulsional, ou seja, da sua vida sexual e de seus instintos que foram reprimidos visando o bem estar da sociedade. Com isso a civilização travou uma disputa constante contra o homem isolado e sua liberdade, pois esta liberdade individual não constitui um dom que converge em benefício da civilização. Segundo Freud a repressão e a sublimação dos instintos sexuais bem como sua canalização para o mundo do trabalho constituem as principais causas das doenças psíquicas de nossa época. A sexualidade é um ponto fundamental para a manutenção e geração da civilização humana, é por meio dela que a acontece reprodução promove-se a geração de novas vidas humanas. Após estes impulsos sexuais serem canalizados para o trabalho com o objetivo de desenvolver a sociedade surge o sentimento de mal-estar. Ao considerar que vivemos hoje em uma sociedade capitalista focada no desenvolvimento econômico e não o social. Este homem terá que desenvolver características para sobreviver sob esta forma de governo, o trabalho está subdividido entre homens, máquinas e tecnologias restando ao homem empenhar sua vitalidade para se manter vivo neste meio desempenhando o papel lhe compete devendo ainda obedecer às regras emitidas pelo Estado, empresa, pela religião ou mesmo pela comunidade a qual faz parte. Esta forma de trabalho lhe é muito cara, pois a civilização contemporânea suga-lhe o que há de melhor na trajetória de sua vida, desde a juventude este homem terá que empregar seu vigor físico e mental para executar funções que lhe são atribuídas.

A sociedade ainda lhe exige o cumprimento de normas e regras vigentes impostas pela coletividade desprezando a felicidade individual. De certa forma homem procura constantemente se realizar e satisfazer seus desejos pessoais, mesmo que o resultado desta tomada de decisão lhe custe à infração de regras e normas de conduta as quais está subordinado. A justiça

deveria garantir e prezar pelo direito do homem para que não seja corrompido, garantindo que todos estes tenham assegurados os mesmos direitos e que nenhum obtenha privilégios sobre os direitos do outro. Todos os avanços que aconteceram historicamente rederam ao homem e a sociedade muitos benefícios, mas não libertos das mazelas, consequência do excesso de trabalho, resultando em uma sociedade de indivíduos vivendo suas crises e angústias como resultado de um processo de exaustão física e mental. O conceito de “mal-estar” formulado por Freud ([1930], 1992), reconhece que o homem ocupa um lugar de eterna incompatibilidade entre suas necessidades individuais diante às exigências sociais e culturais. Na atualidade este sentimento não é diferente, o homem vive em espaços que forçam e forjam mudanças constantes.

Desta maneira o homem permutou parte da sua felicidade para obter segurança em um tempo que o próprio tempo se tornou efêmero e impreciso, em virtude da velocidade dos acontecimentos e da multiplicidade de possibilidades que se oferecem aos nossos olhos. A contemporaneidade caracteriza-se, sobretudo, pela sensação de liberdade individual plena e fluida, tão almejada pelo indivíduo que busca espaços para realizar encontros sem barreiras e viver relações efêmeras como na rede de internet.

O romance contemporâneo ultrapassa as diversas fronteiras geográficas, territoriais adentrando lugares e contextos variados recriando o mal-estar, reflexo das relações humanas causado pela insegurança e instabilidade social, econômica, cultural e principalmente pela infração das regras e normas pré-estabelecidas. Esta pesquisa se propôs inicialmente a observar como surge a condição de mal-estar nas obras de Bernardo Carvalho especificamente os romances *Mongólia* (2003) *O Filho da Mãe* (2009) e *Simpatia pelo Demônio* (2016). Estas narrativas tecidas por realidades pontuais introduzem temas relevantes que proporcionam aos leitores (re)pensarem sobre inúmeros conceitos e pré-conceitos já calcificados pela sociedade contemporânea em torno de situações que podem ser causa ou mesmo consequência do mal-estar.

Para Freud (2011) as raízes da infelicidade humana provêm do conflito entre os instintos humanos e a forma como a sociedade se impõe neste processo sobre o indivíduo. Ainda segundo o estudioso o sofrimento humano

provém de três fontes geradoras: O poder superior da natureza; da fragilidade dos corpos; da inadequação as regras. Anteriormente o indivíduo não poderia ser feliz em sociedade entretanto este homem foi obrigado a se adaptar e a conviver em comunidade.

Todas as mudanças que foram sendo desenvolvidas ao longo dos tempos proporcionaram ônus e bônus para a civilização, em meio a tantos avanços e desenvolvimento humano, científico e tecnológico que favoreceu o convívio em sociedade. Entretanto para que esta sociedade organizada obtivesse o progresso necessário privou o homem de muitos prazeres individuais em benefício da coletividade. Surgindo a necessidade de impor leis, regras de conduta, contratos promovendo uma organização prévia que sobrepõe a felicidade individual em benefício da coletividade. Para que estas normas pré-estabelecidas não sejam infringidas gerando uma condição de mal-estar.

Diante desse objetivo tomamos o escritor brasileiro Bernardo Carvalho que está inserido na estética chamada “geração 90”. A obra produzida por este escritor recria diversas perspectivas e versões da realidade. Seus romances apresentam uma literatura sem fronteiras resultado do labor de um processo de estudo e pesquisa expostos por inúmeras inferências extraliterárias no corpo de seu texto. De consciência questionadora procura estar além de limites geográficos explorando novos caminhos e recriando efeitos de uma visão do exótico, mas sempre estabelecendo pontes entre terras estrangeiras e seu país de origem, o Brasil. É característica recorrente do autor utilizar de suas ficções para a formação de uma metaliteratura, considerando que suas obras estão recheadas de referências que remetem seus leitores aos grandes nomes da literatura mundial, ressoando e formando uma literatura híbrida. Com uma forma híbrida e cheia de intertextualidade Bernardo Carvalho consegue visualizar o real e recriá-lo formando uma metaficção ou mesmo uma metaliteratura.

Apresenta uma estética em sua escrita composta geralmente por frases curtas, de linguagem pontual e direta, porém, por trás destas palavras simples apresenta tramas um tanto complexas. O texto é carregado de ironia e conduz o leitor em meio a tramas de violência e melancolia sofridas pelas personagens. Assim Carvalho apresenta uma forma dinâmica de abordar suas

temáticas escolhidas, recriando a realidade incompleta e transitória destes tempos contemporâneos que apresentam múltiplas facetas ampliando as possibilidades de leitura. Seus romances se conectam entre si e entrelaçam uma narrativa à outra. As temáticas muitas vezes revestidas por novas roupagens ressurgem e ecoam em outros romances como as tramas detetivescas, conflituosas, interétnicas e inter-religiosas que exaltam as questões humanas existenciais e as questões de classes sociais e de gênero.

A construção das narrativas de Bernardo Carvalho reflete o conflito entre o homem e a sociedade capitalista, que por meio de elementos que simulam, jogam, fingem e enganam, mas, sobretudo nos fazem refletir sobre a condição humana em meio as incertezas do “agora” e a condição de mal-estar na sociedade. Tais narrativas perpassam por discussões instigantes acerca da concepção de literatura de representação, do caráter artificial da arte e da maneira como a realidade é apreendida.

No sentido de compreender com mais profundidade a obra de Bernardo Carvalho e, assim, apreender a forma como esse escritor percebe a contemporaneidade, esta pesquisa se desenvolveu a partir de alguns objetivos. O primeiro objetivo, geral e onipresente no discurso de todas as etapas foi elaborar um estudo analítico da produção literária do escritor Bernardo Carvalho tendo como foco, principalmente, de três obras muito emblemáticas: *Mongólia* (2003), *Filho da Mãe* (2009) e *Simpatia pelo Demônio* (2016), analisadas em diversos aspectos: estruturais, estéticos e temáticos.

Inicialmente, o propósito final era trabalhar e aprofundar dois conceitos que manifestam as movimentações entre pessoas e culturas: nomadismo e trânsito; e, sob este olhar traçar reflexões, de acordo com a teoria literária, sobre as relações sociais, econômicas e políticas que compõem o romance. Todavia, à medida em que a pesquisa se aprofundava, novas questões exigiram a abertura de novas perspectivas e o desenvolvimento de algumas reflexões que, inicialmente, não estavam no horizonte dos objetivos.

Assim, alguns objetivos mais específicos foram constituídos: primeiro buscamos refletir sobre aspectos da vida do autor que possam ter influenciado nas escolhas intrínsecas à obra, considerando, neste objetivo, traços de sua própria biografia que influenciaram sua escrita, outro fato, de ser jornalista, profissão caracterizada por ter uma linguagem referencial marcante e objetiva.

Outro objetivo específico era descrever os aspectos estéticos e estruturais das obras *Mongólia* (2003), *Filho da Mãe* (2009) e *Simpatia pelo Demônio* (2016). Apresentar uma descrição do aspecto temático sobre jogo narrativo foi o terceiro objetivo. O quarto objetivo está ligado à condição de mal-estar vivido pelas personagens; neste sentido, buscou-se uma verificação de como este mal-estar está representado nas obras selecionadas e como se apresenta sendo causa ou consequência gerada por atitudes e tomadas de decisões das personagens. Por fim, também constituiu um objetivo específico discutir o papel da obra literária no contexto histórico, socioeconômico e político.

A metodologia é qualitativa, método indutivo, ou seja, tivemos a pretensão de compreender a estética do escritor por meio de três obras *Mongólia* (2003), *Filho da Mãe* (2009) e *Simpatia pelo Demônio* (2016). Sabe-se que cada obra constitui um universo infinito, mas particular, todavia, alguns traços gerais da obra do escritor, suas preferências temáticas, suas obsessões podem ser flagradas no decorrer da análise dessas três narrativas. Como estratégia de pesquisa, a investigação se deu por etapas fundamentais: primeiro uma leitura da obra do escritor e selecionar os três romances para compor um objeto de pesquisa mais centrado. Paralela às leituras dos romances, deu-se também a leitura de obras críticas e teóricas, que resultaram em resenhas e fichamentos. Outro momento importante foi o desenvolvimento de pequenos ensaios que, no desenho geral da dissertação, foram introduzidos de acordo com as discussões em curso.

Em relação às leituras de obras críticas e teóricas, indicadas pela orientadora ou levantadas a partir de outras leituras, pode-se dizer elas formaram um referencial teórico bastante diverso, com obras clássicas dos estudos literários, teoria e crítica, mas também obras de áreas diversas, como Filosofia, História, Psicanálise e Geografia, compõem o leque de obras que foram lidas e estudadas a fim de abrir o leque de compreensão das questões temáticas colocadas por Bernardo Carvalho, ao longo de sua obra. Destaque para alguns autores, tais como Lukács, Benjamin, Watt, Bakhtin, Candido, Todorov, Freud, Maffesoli e Maquêa, entre outros que se fizeram necessários para discutirmos o gênero e as teorias da literatura contemporânea.

Lukács, Todorov, Watt, Candido e Bakhtin embasaram teoricamente a discussão em torno do gênero literário; o embasamento teórico basilar dos

referidos autores foi fundamental na contribuição para que os romances fossem analisados e compreendidos. Uma das características das obras de Bernardo Carvalho é a composição híbrida, já que, em sua maioria, os romances são compostos por mapas, fotos, cartas, diários, bilhetes, e-mail entre outros; para embasar esta discussão teremos o suporte teórico de Bakhtin, para dialogar sobre esta composição híbrida. Para tratar de questões de desenraizamento, estrangeiro e trânsito geográfico contamos com os teóricos Todorov e Said. Para tratar sobre os diversos tipos de narradores temos a contribuição de Benjamin. Ademais, temos a contribuição de outros teóricos e críticos que compõem este estudo.

Quanto à estrutura, esta Dissertação está dividida em três capítulos, com as seguintes discussões:

No primeiro capítulo, *O romance como expressão literária de Bernardo Carvalho*, detivemo-nos a compreender, analisar e investigar o gênero literário utilizado pelo escritor brasileiro de língua portuguesa para compor suas ficções detetivescas e seus labirintos. Buscamos observar nas obras selecionadas o panorama histórico em que está inserido o contexto cultural-social-econômico e as características das personagens, que extrapolam fronteiras por meio do trânsito geográfico e o mal-estar que os circunda. Uma breve incursão biográfica e bibliográfica sobre o autor e sua trajetória profissional foi traçada. Temos o embasamento de vários teóricos como Bakhtin (1997) que apresenta e conceitua sobre a organicidade do gênero romance que está em construção e que neste sentido se apresenta maleável e aspira às possibilidades e necessidades de vários contextos. Bakhtin ainda traz o conceito de híbrido na literatura como um importante traço do romance contemporâneo. Todorov (1999) trata das questões relacionadas ao gênero romanesco, como também apresenta um olhar reflexivo sobre as atuais democracias que emolduram um quadro de violência, racismo, hipocrisia e a perda da autônima individual. Por outro lado, Watt (2010), demonstra a partir de seus conceitos toda a genialidade do romance e maneira como este gênero apresenta as experiências humanas em uma perspectiva literária. Para Lukács (2009) este gênero é maleável, porém não assimila a realidade numa estrutura calcificada, mas antes, por ser capaz de representar em sua forma o conteúdo esquivo do mundo, adapta-se à desarmonia e a transcreve como elemento formal.

Benjamin (1994) reforça a origem do romance que surgiu a partir do indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los. Escrever um romance significa, descrever a vida, ou seja, é a capacidade que este mesmo indivíduo desenvolveu para recriar o incomensurável até seus últimos limites anunciando a profunda perplexidade de quem a vive. Agamben (2009) define o conceito de contemporâneo sendo ele o que mantém o olhar fixo no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro que reflete todas as mazelas de seu tempo. Candido (2000) apresenta o conceito de que a vida se nutre das tensões e dos conflitos, e o romance absorve todas estas tensões e conflitos e floresce neste tempo atual em meio a cenários sociais dissonantes e marginais. A partir deste aporte teórico, observamos as características específicas que conferem ao romance uma forma de gênero mais apropriado para o desenvolvimento das tramas de Carvalho. Para Freud (2011) o conceito de mal-estar na civilização remete a infelicidade e o conflito entre indivíduo e sociedade e suas variadas configurações na vida civilizada.

E, por meio da crítica literária contemporânea, observamos os diversos olhares produzidos por estudiosos e críticos literários e suas críticas promovidas por estes estudiosos sobre o romance contemporâneo e de forma mais específica quando se referem aos romances de Bernardo Carvalho. Perrone-Moisés (2016) refere-se à literatura como um dos poucos exercícios de liberdade que ainda nos restam nos tempos atuais. Schøllhammer (2009) discute o conceito do realismo e sua aplicação no romance contemporâneo. Para o crítico, o romance consegue atrelar um relato de viagem a uma ficção tramada por várias fontes e manuscritos, representando camadas superpostas de representações, que se confundem com a realidade. Dalcastagnè (2012) apresenta os ruídos e a pluralidade de vozes dissonantes que compõem o espaço da literatura contemporânea brasileira. Com estes, e junto a outros estudiosos, refletimos sobre a produção desta literatura contemporânea brasileira, com especial atenção à obra de Bernardo Carvalho, verificando a forma como a crítica tem se posicionado em relação à produção ficcional deste escritor.

No segundo capítulo, *O talento narrativo como forma de intercambiar experiências*, acontece uma imersão no romance *Mongólia* (2003) um labirinto

sem paredes no qual Bernardo Carvalho emerge com seus personagens em trânsito geográfico nos vários labirintos das metrópoles perdidos em labirintos de si mesmos. Analisamos a fragmentação da voz narrativa que converge como modo de produção por meio de uma pluralidade de vozes sociais que ecoam na narrativa. Buscamos demonstrar as características deste romance contemporâneo brasileiro e sua contextualização histórica de acordo com os teóricos e críticos. Abordamos os críticos atuais com a intenção de realizar uma linha paralela entre o estilo de Carvalho e dos cânones.

O terceiro capítulo constitui uma apresentação e discussão de outros dois romances de Bernardo Carvalho: *O Filho da Mãe* (2009) e *Simpatia pelo Demônio* (2016). O propósito é verificar os traços recorrentes do escritor, a fim de detectar a estética, a linguagem e as preferências temáticas de Bernardo Carvalho. Esses romances tratam de temas que se aproximam como o amor e as guerras. No romance *O Filho da Mãe* (2009), temos como tema central o amor e as guerras que envolvem homens e mulheres, em um tempo histórico tomado por conflitos humanos visando o poder e domínio de povos e territórios. O pano de fundo deste romance fica em torno das diversas relações amorosas conflituosas e fraturadas, independente se estas são entre casais heterossexuais ou homoafetivos. As mulheres têm espaço considerável nesta narrativa, sendo elas as promotoras da maternidade e escolhem viver ou abandonar tal missão esta decisão gera diversos conflitos individuais e coletivos. Em *Simpatia pelo Demônio* (2016), os temas amor e guerra se repetem. A violência promovida nas relações amorosas e a destruição individual gerada por relacionamentos destrutivos e adoecidos são exploradas na narrativa. Os temas coletivos estão retratados, tais como a destruição em função do domínio e do poder promovido pelas múltiplas guerras, interétnicas e inter-religiosas entre povos. Ao lançar um olhar crítico e reflexivo sobre estas composições ficcionais teremos como objetivo específico identificar situações em que o sentimento de mal-estar é gerado, e se este é a causa ou a consequência de questões conflitantes nas narrativas elencadas.

Com estilo contemporâneo – urbanidade, linguagem, movimentos interculturais –, Carvalho aborda temas atuais de um mundo globalizado pela informação e pelos deslocamentos humanos. A apresentação das obras selecionadas será feita de maneira cronológica, com foco maior na obra

Mongólia (2003), todavia, para ampliar a discussão sobre estética e características recorrentes do escritor, outros dois romances são analisados: *O Filho da Mãe* (2009) e *Simpatia pelo Demônio* (2016) para compor este estudo.

Convido a embarcar nesta leitura, com olhos reflexivos e abertos para todas as possibilidades advindas deste estudo. Sabemos que a literatura neste tempo de tantos conflitos, repressão e violência é um horizonte livre e aberto para a recriação, uma das únicas possibilidades em que podemos permitir que nossa imaginação flua sem cobranças e sem preconceitos. Neste estudo apresentamos personagens vivendo suas crises existenciais estando psicologicamente angustiadas por situações que refletem as mesmas condições de desamparo das relações humanas reais contemporâneas. O cenário cultural, econômico, social e político da obra literária e recriado pelo escritor e faz referência aos indivíduos se tornam sobreviventes e resistentes neste tempo contemporâneo que urge. Com a intenção de compreender a maneira como surge a condição de mal-estar em meio à civilização, observamos como esta é abordada na literatura de Bernardo Carvalho se como causa ou como consequência das relações entre os indivíduos em meio à coletividade.

Esperamos que esta leitura seja objeto de fruição e contemplação, embarcaremos na ficção de Bernardo Carvalho que nos leva a um itinerário de desertos humanos e geográficos, imensos labirintos em meio a grandes metrópoles com suas múltiplas formas de guerras, rompemos fronteiras entre países, nos relacionamos com povos de cultura e línguas plurais, temos o misticismo a religiosidade e o amor que une e desune a civilização humana. Ao retornar desta análise literária teremos um olhar ampliado para pré-conceitos e certezas definitivas.

1. CAPÍTULO 1: O ROMANCE COMO EXPRESSÃO LITERÁRIA DE BERNARDO CARVALHO

*“O romance coloca de modo mais agudo que qualquer outra forma literária – o problema entre a obra literária e realidade que ela imita.”
(WATT, 2010, p. 11)*

O termo romance se consagrou no final do século XVIII. Para Defoe, Richardson e Fielding, romancistas ingleses, a característica essencial deste gênero seria o “realismo”, o qual, como expressa Watt (2010, p.11), “procura retratar todo o tipo de experiência humana e não só as que se prestam a determinada perspectiva literária: seu realismo não está na espécie de vida apresentada, e sim na maneira como se apresenta.” Sendo esta uma das formas literárias em que a realidade representando mais concretamente essa reorientação individualista e inovadora aparece. Para o mundo moderno, este gênero acompanhou este processo de mudança, fortalecendo os princípios de individualidade e interioridade do homem a partir da obra literária.

De acordo com Bakhtin (2014), o romance é um gênero em evolução, por isso reflete mais profundamente e mais substancialmente, as transformações da sociedade e as suas subjetividades. O romance é movido pelo sentido da vida, assim convida o leitor a refletir sobre o comportamento humano, que se move e se molda em contextos culturais diversos, sendo que, no atual cenário, as trocas culturais são favorecidas também por meio da comunicação digital. Como um veículo literário lógico de uma cultura, que condiz com a originalidade e à novidade. Para Watt (2010), a genialidade do romance está na maneira como se apresenta a experiência humana em uma perspectiva literária. Pois o mundo do romance é o das sociedades contemporâneas, é o mundo em curso, marcado pelo isolamento e pelo individualismo e pela comunicação em rede. Watt (2010) pontua que, as obras literárias de Carvalho estão recheadas de personagens que recriam experiências humanas em espaços literários. Já para Lukács (2009, p. 91) o romance:

é a forma da aventura do valor próprio da interioridade, seu conteúdo é a história da alma que sai a campo para conhecer a si mesma, que

busca aventuras para por elas ser povoadas e, pondo-se à prova, encontrar a sua própria essência.

A pesquisa é parte importante para as criações de Bernardo Carvalho e faz parte de suas representações nos espaços recriados de suas obras. O escritor estuda o espaço real, buscando inspiração para suas obras. Após agregar conhecimento necessário sobre a cultura, a história, a religiosidade do país em questão, o autor recria uma correspondência entre a obra literária e a realidade imitada por ele como nas obras escolhidas para este estudo *Mongólia* (2003), *O Filho da Mãe* (2009) e *Simpatia pelo Demônio* (2016).

Quanto a esta forma de trabalho dos escritores da atualidade, Candido [1918] (2000, p. 127), em seu texto *A literatura na evolução da sociedade*, esclarece: “Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma expressão”. Candido e Lukács percorrem o mesmo sentimento de que o autor precisa, a princípio, de uma inspiração individual para que a literatura possa brotar nas obras literárias.

Bakhtin (2017, p. 11) na obra *Notas de literatura, cultura e ciências humanas*, no capítulo *A ciência da literatura hoje*, afirma que a ciência da literatura deve estabelecer um vínculo mais estreito com a história da cultura, pois para ele a literatura é parte inseparável da cultura e não pode ser entendida fora do contexto pleno de uma época. Não devendo ainda ser separada do restante da cultura e ser condicionada apenas a fatores socioeconômicos. Assegura ainda que a união dos fatores históricos, culturais e socioeconômicos influencia a literatura, trazendo compreensão para leitores de diferentes épocas. As obras literárias dissolvem as fronteiras das épocas, vivem nos séculos, isto é, no grande tempo, pois se elas nascessem integralmente no tempo presente e não dessem continuidade ao passado, jamais viveriam o futuro. Diante dessa afirmativa Bakhtin (2017, p14-16) esclarece, “Tudo o que pertence apenas ao presente morre com ele”. Por isso é comum encontrar nas obras literárias fatos e acontecimentos que fazem parte da história recente da humanidade. Como é o caso das obras contemporâneas que também incorporam temas universais. É válido lembrar as três funções que cabem à literatura, como afirma Perrone-Moisés (2016, p. 79),

Mathesis: a literatura é um lugar de saberes (no plural); ela não sabe coisas (como as ciências), mas sabe das coisas; 2) Mimesis: a literatura busca representar o real; mas o real é irrepresentável na linguagem verbal, e é essa busca que a constitui, não como representação, mas como “fulgor do real”; 3) Semiosis: a literatura não usa os signos, ela joga com os signos deslocando-os de seus usos habituais e práticos, tornando-os visíveis.

Além dessas “funções”, Perrone-Moisés (2016, p. 79) afirma que a literatura tem o importante papel de auxiliar na preservação da língua, pois, [só] ela tem densidade e sustância. Desta forma, a literatura carrega em sua essência características que tornam o romance um gênero exógeno e plural, configurando-o como um “lugar de memória”, produzido pelos processos de “seleção”, “combinação” e “auto desnudamento da ficção”, este espaço de memória reflete necessidades humanas que nunca obtêm a sua realização plena, pois, a memória se revela como um sistema dinâmico, aleatório e involuntário, perpassado por lacunas e fraturas, hesitações e esquecimentos. Para Lukács (2009, p. 223), a forma do romance é: “Maleável, o romance não assimila a realidade numa estrutura calcificada, mas antes, por ser capaz de imitar na sua própria forma o conteúdo esquivo do mundo, adapta-se à desarmonia e a transcreve como elemento formal”.

Por ser um gênero em construção, que se abre para o novo, especificamente o romance contemporâneo, aponta para alguns aspectos da realidade no tempo presente, como o multiculturalismo e a permeabilidade das fronteiras, absorvendo proposituras inusitadas na sua rede de sentidos. Seguindo este mesmo fluxo, o romance contemporâneo ancora ainda conteúdos de natureza ética, estética e política que procuram, em meio às fragilidades deste mundo humano contemporâneo, recriar espaços de um presente imediato, marcado por grandes angústias que refletem as agruras do movimento frenético das sociedades hodiernas. Através de personagens em intensa busca individual em meio à coletividade. Como Lukács (2009, p. 223-224), ressalta, o romance é o veículo para a forma representativa de sua época, por meio de sua estrutura dinâmica absorve com apetite voraz as relações reais e as transforma em movimento do enredo, porém não o faz de modo calcificado por ser maleável e ter a capacidade de imitar e transcrever como elemento formal para a narrativa, ou prosa das frases isoladas. Em perfeita sintonia com os tempos, os grandes romances são os únicos aptos a

ajustar-se com folga à configuração irrestrita de sua matéria e a aflorar “em símbolo do essencial que há para dizer.

Como Lukács (2009) ressalta a função do romance em seu tempo, o romance contemporâneo constitui um espaço privilegiado para questionamentos e inquietações atuais, por apresentar temáticas que reproduzem a violência, a angústia, o desejo, situações mal resolvidas, problemas individuais e coletivos. Temas como a busca pela identidade, a (ir)realização pessoal, a culpa, as relações humanas fraturadas, as questões de classe, de cor, de gênero permitem que o espaço literário contemporâneo transforme-se em um palco iluminado, no qual se desenvolvem cenas que representam diversas indagações sobre a constituição da subjetividade do homem moderno.

O romance contemporâneo na era da globalização é apresentado com suas diversas fronteiras, realçando os contextos de insegurança e instabilidade social, condição prevalente de nosso tempo. Como afirmou Candido ([1918], 2000, p. 116) “a vida se nutre das tensões e dos conflitos”, e o romance contemporâneo floresce em meio a este cenário social dissonante e marginal. De acordo com Candido, Rancière (2005, p. 59) reafirma que, “o real precisa ser ficcionalizado para ser pensado”.

Diante dessas questões que tratam do romance e de sua relação com a sociedade, temos a literatura de Bernardo Carvalho, escritor que transforma suas obras em um espaço privilegiado de reflexão; nas narrativas desse escritor o real é ficcionalizado por meio de uma abordagem de temas relevantes que remetem ao caos e à violência, situações “normalizadas” nas sociedades contemporâneas.

A violência, por seu aspecto polêmico e incômodo, está sempre presente nas obras literárias e nas mídias: na literatura, com o propósito de provocar reflexões; na comunicação midiática, com o propósito de confundir as pessoas, sob o discurso de “informar”. Mas como diz Dalcastagnè (2012, p. 73): “Mudar o mundo é tarefa grande demais para a literatura. Um romance pode expressar a oposição a um estado de coisas, mas se a posição permanecer restrita às páginas dos romances estará fadado ao fracasso.”

Neste sentido, o romance contemporâneo evidencia os inúmeros diálogos que são forjados para compor seu interior. Esta pluralidade de vozes

reflete uma forte ligação entre a sociedade a partir da qual foi idealizada a obra, com os traços de sua cultura e da sua história, pois o espaço da ficção na atualidade é mais sinuoso que a própria realidade. Nas narrativas contemporâneas não há espaço para consolos pessoais, muito menos ambiente para verdades definitivas ou para dar lições de vida. Havendo espaço para armadilhas discursivas e intempestividade do mundo e de seus contemporâneos. Como afirma Perrone-Moisés (2016, p. 112):

O romance sobreviveu por ser um gênero plástico e onívoro, capaz de incluir outros gêneros, da narrativa de aventuras ao ensaio filosófico, do diário íntimo ao relato histórico, da representação realista do mundo em que vivemos à invenção fantástica de outros mundos, do testemunho político à reportagem jornalística, capaz enfim de absorver todo tipo de estilo, prosaico ou poético, e de continuar revelando aspectos da realidade que escapa à hiperinformação das mídias.

O romance, por ser um gênero dinâmico, reflete as evoluções da humanidade; sendo assim, este gênero textual pode imiscuir-se a dois ou mais gêneros, assim formando um gênero híbrido.

Bakhtin (2015, p. 156) nos esclarece o que vem a ser a hibridização “É a mistura de duas linguagens sociais no âmbito de um enunciado - o encontro, no campo desse enunciado, de duas diferentes consciências linguísticas divididas por uma época ou pela diferenciação social.”. Esta fusão acontece por meio dos fragmentos que estão dispostos e compõem o romance por meio de diferentes gêneros como cartas, diários, mapas, caderneta de anotações e fotografia.

O recurso da hibridização é bastante explorado por Bernardo Carvalho, que traz elementos de outros gêneros para compor vários de seus romances. Para Bakhtin (2015, p. 159) esta é uma composição do híbrido romanesca marcada pela junção de diferentes enunciados sociais em uma narrativa. A construção dos híbridos definida por posições linguísticas individualizadas. De acordo com Schøllhammer: “Carvalho cria uma nova tensão entre esses índices de realidade [...] como um arquivo que amarra o romance ao um determinado contexto histórico que, por sua vez, reverbera na sua construção romanesca.”.

A composição híbrida é uma das características do fazer literário de Carvalho, cuja estética dialoga com diversos gêneros primários, os quais

transpõem suas obras. Seus personagens percorrem lugares, porém, em tempos diferentes, deixando suas marcas pessoais em cartas, diários, fotografias, mapas e cadernetas de anotação.

Após a produção deste capítulo denominado “O Romance Como Expressão Literária De Bernardo Carvalho”, compreende-se que o gênero escolhido por Bernardo Carvalho é o romance por representar uma grande forma de expressão na contemporaneidade. Após o levantamento teórico Bakhtin (2015), Lukács (2009), Candido (2000), Watt (2010), Agamben (2009), e unidos aos críticos Resende (2008), Schøllhammer (2011), Dalcastagné (2012), e Perrone-Moisés (2016), nota-se que a literatura contemporânea brasileira não se mostra homogênea.

É factível que a literatura contemporânea representa, por meio do gênero romance, a fidelidade à experiência individual, que é única e, portanto, uma fonte inesgotável de atualidade e novidades. Em meio a um cenário provocador, atravessado por uma pluralidade de vozes unidas à imprecisão contemporânea onde as mudanças acontecem em instantes e podem refletir sobre conceitos pré-estabelecidos. O romance como gênero aberto e em construção, é um dos veículos apropriados para que a literatura contemporânea dialogue com os elementos do passado literário, cultural e social, como fontes permanentes que podem ser revistas, recriadas e renovadas.

1.1. A arte trágica de Bernardo Carvalho

*“O elemento crítico não está necessariamente no tema, mas na capacidade de recusar a naturalização daquilo que é produto social.”
(DALCASTAGNÉ, 2014, p. 4)*

Escritor contemporâneo em pleno processo de produção, festejado pela crítica e estudado em diversas universidades, Bernardo Carvalho nasceu no Rio de Janeiro nos anos 1960. Desempenhou diversas funções como jornalista, colunista, crítico e escritor. Atuou como repórter e editor correspondente do jornal *Folha de São Paulo* em diversos países.

Bernardo Carvalho obteve reconhecimento da crítica nacional e internacional pela diversidade de seus temas e por sua conduta experimental

que se configura pela busca do novo. Agamben (2009, p.59) esclarece o que vem a ser um contemporâneo, “é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatural, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo”.

Neste sentido, observa-se que a literatura de Carvalho está profundamente relacionada ao momento contemporâneo a que o estudioso se refere, por ser uma literatura de dissenso que impacta e trata de temas atuais. Carvalho desenvolve temas por meio de uma escrita madura e dura, cuidadosamente elaborada, cujo resultado promove reflexões inquietantes sobre questões que afligem e angustiam os homens do presente, as sociedades do agora: a solidão existencial e o isolamento social, as contradições das trocas e das rupturas culturais, a violência gratuita.

Sua abordagem retrata temores e culpas, vida e morte, ficção e realidade, amor e violência e a busca pela identidade. Carvalho é um dos nomes de destaque da atual literatura brasileira ao lado de outros escritores que também surgiram nos anos 1990, como Luiz Rufatto, Marçal Aquino, Marcelino Freire e Adriana Lisboa, entre outros.

Algumas características são recorrentes em suas obras, como ressalta Schøllhammer (2009, p. 122): “a procura do homem por seu duplo, um outro avesso em sua encarnação concreta” e ainda por suas personagens tratar questões geradoras como a busca pela identidade como “quem sou eu e de onde venho?”. Schøllhammer (2009, p. 37):

Estes personagens estão sempre em movimentos de investigação dos fatos e de eventos que escreveram suas histórias e fornecem pistas que levam à origem familiar e a identidade, mas sempre numa construção de realidade realista apenas em aparência e que, no desenrolar dos eventos, vai perdendo a verossimilhança e congruência.

Os livros de Bernardo Carvalho expressam os limites da representação diante de um real enigmático. A ficção é recorrente na construção de suas obras por meio do deslocamento constante de seus personagens; também é recorrente pela literatura híbrida, com a inserção de múltiplos gêneros que compõem as narrativas. A apresentação de uma literatura sem fronteiras, resultado de um processo cunhado por meio da pesquisa e da vivência, repleto

de inferências extraliterárias de consciência questionadora que está além de limites e fronteiras.

Com foco na narrativa ficcional, o escritor obtém espaço propício para realizar armadilhas e tirar seus leitores da zona de conforto. Carvalho possui um estilo nômade procurando caminhos pouco explorados, criando efeitos de uma visão exótica, através de personagens que se colocam em movimento também em terras estrangeiras. Algumas características são constantes: personagens em deslocamento e, frequentemente, não possuem nome próprio; há uma problematização da relação entre a literatura e o mundo no presente, sendo comum uma narrativa que se encaixa dentro da outra. O autor utiliza uma série de procedimentos que revela uma consciência questionadora do fazer literário, discutindo situações como os conflitos entre a vida e a morte, entre documental e o ficcional, o imaginário e o real.

Os romances de Carvalho carregam outro componente recorrente, que é o trágico radical, elemento que inicia, impulsiona e conclui suas narrativas. De acordo com Resende (2008, p. 31): “Em toda obra do autor, há enigmas e não há explicações senão o próprio reconhecimento da tragicidade da condição humana, ambígua, inexplicável, incontrolável”. Ainda a estudiosa afirma que, “partindo da banalidade do trágico no cotidiano da grande cidade para se perder e se encontrar por entre caminhos tão indecifráveis como o próprio trágico”.

A literatura de Carvalho tem como palco o espaço urbano, cenário propício para discutir a questão da violência. Partindo do tema *violência*, o autor recria em suas narrativas outros temas que possibilitam ao leitor desenvolver um olhar questionador sobre diversas formas de manipulação humana que geram a violência. Como os métodos de controle social gerados pelas divisões de poder, sendo eles entre os setores público e privado, governos e políticos, as diversas formas de governanças dos Estados, os modos utilizados para administrar a máquina pública e como estes refletem no cotidiano dos indivíduos que habitam os centros urbanos. Ou seja, todas estas questões unidas geram violência no cenário urbano, especificamente nas grandes cidades. E tornam-se pano de fundo para os escritores contemporâneos como Carvalho que se apropria destas situações reais e as recria em suas narrativas,

A cidade – real ou imaginária – torna-se, então, o *locus* de conflitos absolutamente privados, mas que são também os conflitos públicos que invadem a vida e o comportamento individuais, ameaçam o presente e afastam o futuro, que passa a parecer impossível. (RESENDE, 2008, p. 33)

Bernardo Carvalho acumula em seu currículo importantes prêmios que lhe renderam reconhecimento da crítica nacional e internacional. Nestes romances encontramos recriados diversas personagens que estão em constante estado de trânsito muitos fora do seu espaço natural, fustigados, incomodados, vivendo suas crises existenciais de acordo com sua época. Sentimentos de culpa, revolta, quebra de contatos, temor sobre a vida e a morte, questões de gênero, sexualidade, religiosidade, o estrangeiro, a questão do duplo, racismo, xenofobia e outros temas incômodos refletem o mal-estar na civilização por meio da arte literária. Todos estes temas estão representados e ecoam nas obras de Bernardo Carvalho, o qual cumpre uma “função social” de escritor, ou seja, por meio de conflitos que se desenvolvem nas narrativas, ele trata de conflitos que se desenvolvem em um plano real. Carvalho aborda e discute esses temas a partir de uma estética de acontecimentos entrecortados, por meio de uma escrita madura e sem rodeios.

Entre as principais obras, incluem-se uma coletânea de contos, *Aberração* (1993) e diversos romances que foram traduzidos e publicados em diversas línguas. Já em *O Mundo Fora dos Eixos* (2005) o autor apresenta suas crônicas e resenhas por meio de textos de ficção e crítica, produzidos no decorrer de uma década. Com uma produção constante os principais títulos são: *Onze* (1995), *Os Bêbados e os Sonâmbulos* (1996), *Teatro* (1998), *As Iniciais* (1999), *Medo de Sade* (2000), *Nove Noites* (2002), *Mongólia* (2003), *O Sol se Põe em São Paulo* (2007) e *O Filho da Mãe* (2009), *Reprodução* (2013), *Simpatia pelo Demônio* (2016).

Segundo Meireles (2015, p. 32), a obra de Bernardo Carvalho é traduzida no exterior. Como o romance *As Iniciais* (1999), que foi lançado pela *Rentrée Literária* de Paris, em 2002, é considerado um marco na carreira do escritor. Nesse período, o nome de Bernardo Carvalho figurou entre a lista dos mais de 600 escritores que tiveram seus livros lançados até o final do outono daquele ano, entre eles Philippe Sollers, Jean-Philippe Toussaint e Christine Angot.

Ao longo de sua trajetória como escritor ficcionista, vem sendo reconhecido e agraciado com diversos prêmios. Dentre eles foi vencedor do *Prêmio Oceanos*, em 2017, com seu novo romance *Simpatia pelo Demônio* (2016). Recebeu o Prêmio Jabuti de Literatura em 2014, com a obra *Reprodução* (2013). Em 2004, com a obra *Mongólia* (2003), recebeu dois prêmios sendo um o Prêmio Jabuti de Literatura e outro da APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte). Com o romance *Nove Noites* (2002), Bernardo Carvalho conquistou o Prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira e o prêmio Machado de Assis, da Biblioteca Nacional.

Ainda de acordo com Meireles (2015, p. 14), antes de publicar *Nove Noites* (2002), Bernardo Carvalho era pouco conhecido pelos leitores brasileiros. Suas obras circulavam em grupos restritos e os comentários referentes a elas eram bem reduzidos em jornais e revistas de circulação nacional. Seus primeiros quatro livros venderam, em nosso país, aproximadamente 2.000 exemplares cada, quantidade considerada mínima para o mercado editorial brasileiro, não obstante houvesse alguns escassos comentários elogiosos da crítica jornalística. Nesse cenário de desconhecimento para o público leitor nacional, uma aparente contradição: embora pouco lido e vendido em seu país, o escritor já tinha dois de seus livros, *Aberração* (1993) e *Os Bêbados e os Sonâmbulos* (1996), traduzidos e publicados na França por uma editora de prestígio, a *Rivages*.

Marta Barbosa, em seu artigo “*A maternidade pelo avesso* no novo romance de Bernardo Carvalho”, acredita que “*O Filho da Mãe* [...] periga ser um dos melhores títulos brasileiros do ano [2009], sem nenhum exagero” (UOL Entretenimento, 12 abr. 2009). Ainda segundo Barbosa,

com uma trama complexa e muito bem construída, o autor consegue manter a tensão na leitura até a última das 199 páginas de texto. Dramática, a história transita pela guerra da Tchetchênia, por uma São Petersburgo em obras, pelo alto mar do Japão. E tudo se converge no tema da vulnerabilidade natural a todo em qualquer ser humano, em especial às mães. (UOL Entretenimento, 12 abr. 2009)

A escolha das obras: *Mongólia* (2003), *O Filho da Mãe* (2009) e *Simpatia pelo Demônio* (2016). A seleção das obras se deu em momentos e por objetivos distintos. A princípio a primeira escolha foi pelo romance *Mongólia* (2003), pelo prazer da leitura despertada pelo título, que provocou curiosidade

por ser desconhecido e misterioso. No decorrer das leituras, novos olhares foram despertados, algo muito além da primeira motivação, do simples prazer pela leitura descompromissada, proporcionando uma consciência crítica e reflexiva. Após, tornou-se objeto de estudo, fomentando o projeto de pesquisa, pré-requisito obrigatório para o ingresso no curso de pós-graduação em estudos literários.

Por outro lado, as obras *O Filho da Mãe* (2009) e *Simpatia pelo Demônio* (2016) vieram por acréscimo para compor e enriquecer a pesquisa, mas principalmente por realizarem a função que cabe à obra de arte, que é chocar e impactar o leitor. Estas duas obras tratam de temas universais como o amor e as guerras. E o autor com todo seu poder e vigor atribuídos a uma escrita impactante proporcionou importantes reflexões sobre realidades desta época no mundo. Bernardo Carvalho, nestes romances, acessa profundamente seus leitores por meio de um realismo crítico unido à ironia.

Por ser um representante da literatura contemporânea brasileira, Bernardo Carvalho realiza uma literatura dura e questionadora, por meio de personagens angustiados, em deslocamento, vivendo em espaços violentos que refletem o mal-estar em meio à civilização contemporânea. Entre tantos outros questionamentos interiores e exteriores os romances possibilitaram um pensamento reflexivo sobre diversas inquietações derivadas deste mundo contemporâneo tecnológico, no qual tudo pode mudar em questão de instantes.

As obras apresentam por outro ângulo os problemas culturais, religiosos, econômicos, sociais, conflitos de fronteiras, fazendo sempre um paralelo com o estrangeiro e o homossexual. Recriando situações de violências mundializadas, ou seja, comuns no mundo inteiro, sem se esquivar do seu país de origem o Brasil; procura reproduzir paralelos entre outros países que sofrem as mesmas mazelas sociais, reflexos das políticas públicas e das formas de poder opressivas e repressivas.

1.2. *Mongólia* (2003)

O romance conta a história de um Diplomata Aposentado que é surpreendido por uma trágica manchete de jornal que informava a morte de um antigo colega de trabalho do Itamaraty. O fato violento aconteceu no morro do

Pavãozinho em meio a um confronto entre uma quadrilha de sequestradores e a polícia do Rio de Janeiro. Em uma tentativa insana e frustrada de resgatar o filho menor, o colega é morto ao pagar o resgate exigido pelos bandidos.

O convívio entre colegas existiu por trabalharem em uma ação conjunta para elucidar o desaparecimento de um jovem fotógrafo brasileiro em terras orientais, especificamente na Mongólia. Essa ordem foi enviada por autoridades diplomática brasileiras, atendendo a um pedido de um importante e influente empresário do cenário político do Brasil. O pedido de encontrar este jovem desaparecido foi emitido pelo Diplomata Aposentado. Como na época da instrução se encontrava na eminência de aposentar-se, reencaminhou o encargo para o colega, porém, por algum fato desconhecido na época tentou recusá-la. Esta negação se deu logo após ter acesso a uma pasta de documentos com informações do desaparecido. Mas, a tentativa de recusar a missão não foi aceita pelo seu superior que o obrigou a cumpri-la.

O Diplomata Aposentado, abalado com a notícia da morte do antigo colega de trabalho, busca a pasta que continha documentos deixados pelo falecido. Nela encontra documentos, cartas, fotografias, e diários de viagem, que estavam sob sua posse. Diante destes escritos, ele descobre que o colega e o jovem desaparecido eram irmãos. Despertando o antigo sonho de tornar-se escritor, ele recria a estória desvendada.

1.3. *O Filho da Mãe (2009)*

A narrativa aborda dois temas o amor e a guerra. Nesta obra literária o autor recria os conflitos provenientes de um amor homoafetivo e o amor maternal que convivem em um estado permanente de guerra. A guerra nesta obra adquire uma amplitude de significados motivada por diferentes situações coletivas e individuais que visam o poder e o domínio sobre culturas diversas, evidenciando questões existenciais, de gênero, os conflitos interétnicos, religiosos e a expansão das fronteiras.

Os acontecimentos do romance têm seu início em São Petersburgo, na Rússia, no ano de 2003, quando o país volta a sufocar a república separatista da Tchetchênia. Esta obra recria um relacionamento homoafetivo entre dois jovens: o tchetcheno Ruslan, enviado pela avó à cidade com a intenção de

livrá-lo da guerra; e Andrei, filho de uma russa com um exilado político brasileiro, criado em Vladivostok. As personagens femininas são interlaçadas pelo tema maternidade em tempos de guerra desde início do romance vivem em um constante conflito pessoal para viver ou não, os prazeres e os (des) prazeres que a maternidade oferece.

Seguindo pelo tema das guerras em um vasto e tortuoso caminho, o espaço literário desta obra é urbano, ambiente no qual o amor e a dor se visitam. Neste cenário acontecem as interações humanas por meio de envolvimento amorosos entre heterossexuais e homossexuais, violências física e psicológica, promovendo crimes de ódio, xenofobia, racismo e homofobia. Outros aspectos como o trânsito geográfico, o tráfico de recursos naturais e de pessoas na Amazônia, a poluição e destruição do planeta, abusos sexuais, a negligência e a omissão dos poderes, o sentimento de estrangeirismo e de não pertencimento a pátria compõem a obra que é narrada em terceira pessoa.

1.4. *Simpatia pelo Demônio* (2016)

A obra traz a história de um intelectual no auge de seus cinquenta e cinco anos, em plena crise de meia idade, separado de sua esposa e de sua filha. Rato, que resolve viver uma paixão homoafetiva, é um típico intelectual, estudioso, congressista e pesquisador que teve como objeto de estudo em sua tese a violência em áreas de zonas de conflito e guerra. Este profissional vive em trânsito, conhecedor de diversas regiões de confronto interétnico e religioso, atuando como observador. A ele foi determinado uma missão ilícita, em uma zona de guerra dominada por radicais islâmicos, em que deveria atuar como um civil e entregar o valor exigido para o resgate de um refém de desconhecida identidade. Diante de toda sua experiência como agente humanitário este fato iria contra o estatuto que ele mesmo ajudou a construir e no qual constava que ele deveria zelar pela vida e pelos direitos de seus colaboradores.

Sua missão foi enviada por superiores, a pedido de um pai desesperado, porém, influente no cenário político do país. Logo Rato, que nada tinha de agente secreto teria à missão de fazer chegar o valor do resgate nas mãos

certas. Passaria por um labirinto de facções inimigas em meio a uma guerra primitiva e tecnológica. Rato trabalhava a vinte e sete anos nesta agência humanitária, em Nova York. Mas envolvido por um estado de mal-estar, foi convencido a aceitar tal missão e ao mesmo tempo pedir demissão da agência humanitária para não deixar rastros e pistas, só assim salvaria a agência e garantiria o sucesso da sua última missão. A partir do aceite desta incumbência, este homem gabaritado deu início a sua própria derrocada profissional em função de uma escolha pessoal feita anteriormente quando decidiu viver e se envolver em um relacionamento homoafetivo.

Esta paixão vivenciada por Rato e seu parceiro Chihuahua torna-se obsessiva, perversa e destrutiva que a princípio pareceu ser um refrigério para sua alma, uma redescoberta da vida, promoveu uma violência destrutiva de forma tardia e trágica.

2. CAPÍTULO 2: O TALENTO NARRATIVO COMO FORMA DE INTERCAMBIAR EXPERIÊNCIAS

“O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação.”
(BENJAMIN, 1994, p.203)

Todos os dias, pela manhã despertamos com uma gama de informações que são atualizadas no decorrer das horas. Durante estes momentos somos interpelados por notícias que narram acontecimentos de todo o mundo. No entanto, estamos atuando apenas como receptores de informações. Os fatos narrados já chegam impregnados de explicações, indo contra os princípios da arte narrativa que evita dar explicações.

Para Benjamin (2012, p. 2019): “O extraordinário, o miraculoso é narrado com maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor”. Nesta forma posta pelo autor, o leitor teria um papel principal e seria livre para interpretar a história como lhe convém. Mas, a arte da narrativa está sendo aniquilada nos dias atuais, ou seja, a imaginação vem perdendo seu espaço um pouco por dia, consequência de um mundo globalizado que visa apenas à divulgação da informação. Uma das funções dos escritores é garantir aos leitores a possibilidade da arte da imaginação por meio de obras literárias que possibilitam uma nova perspectiva. Diante da afirmação anterior, será analisada a obra *Mongólia* (2003) de Bernardo Carvalho.

2.1. Mongólia: um labirinto sem paredes

“A literatura quem faz são os outros.”
(CARVALHO, 2003, p. 182)

O romance *Mongólia* (2003), de Bernardo Carvalho é um narrado em primeira pessoa e estabelece uma relação com outros gêneros discursivos que são introduzidos ao longo da narrativa como mapas, fotografias, cartas e

diários, os quais, orquestrados por uma intriga, ajudam a compor os romances e insinuam um traço sutil de trama detetivesca.

No caso do romance *Mongólia*, temos um narrador-personagem que se apresenta como Diplomata Aposentado pelo Itamaraty, órgão executivo do governo brasileiro. Por meio desta personagem, o leitor vai puxando os fios da narrativa, encontrando outras personagens, em diferentes espaços.

Não por acaso Bernardo Carvalho escolhe um intelectual – um Diplomata Aposentado, do que se pressupõe um homem viajado, provavelmente poliglota, acostumado a lidar com eventos e incidentes que ocorrem com cidadãos comuns, fora de espaço de sua nacionalidade – para desenvolver sua narrativa: ele precisa justificar um personagem com vasto conhecimento de mundo, geográfico e literário, a fim de angariar credibilidade aos movimentos que a personagem faz no exterior.

Apreciador da literatura mundial, conhecedor dos atributos literários dedicados à Ásia que inquietam a alma com os sentimentos de vazio, perda e desastre, mas, que parecem recompensar os desafios ocidentais. De acordo com Said (1999, p. 61), ao tratar de Geografia e suas Representações: *Orientalizar o Oriental*, se identifica um entusiasmo amador ou profissional por tudo que seja asiático, que era maravilhosamente sinônimo do exótico, misterioso, profundo e seminal.

Como afirma Benjamin(1940, p. 55), quando trata sobre “A Crise do Romance” o estudioso faz uma relação entre o mar, o poeta épico e o romancista. Para o estudioso o romancista segrega de seu povo e vive no isolamento e na solidão, porém ele afirma que o romancista: “Pode navegar o mar. Com muitos objetivos, e sem objetivo nenhum. Pode-se fazer uma travessia marítima e cruzar o céu e o mar, sem terra à vista. É o que faz o romancista.”

Assim o Diplomata Aposentado se tornou um romancista que em seu isolamento e segregação da sociedade escreveu um romance recriando fatos que não viveu baseado na experiência de uma viagem à Mongólia vivida pelo companheiro de trabalho o Ocidental. Como não participou da viagem em busca de um jovem desaparecido, não sabia o que realmente havia acontecido e muito menos o que estava por trás dos fatos apresentados. A princípio não compreendeu a negativa do Ocidental em aceitar a missão e muito menos se

interessou em saber os motivos que o levaram a esta negativa, pois, nesta fase de sua vida, não demonstrava interesse por aqueles que cruzaram seu destino. Possuía um desejo latente de se tornar escritor, projeto sempre adiado, que só se realiza após a morte do colega de trabalho, o Ocidental.

Escrevi este texto em sete dias, do dia seguinte ao enterro até ontem à noite, depois de mais de quarenta anos adiando o meu projeto de escritor. A bem dizer, não fiz mais do que transcrever e parafrasear os diários, e a eles acrescentar a minha opinião. (CARVALHO, 2003, p. 182).

Este narrador que vive uma crise existencial e busca se adaptar a uma nova realidade, com uma rotina totalmente diferente do que estava acostumado a viver ao longo de quarenta e quatro anos dedicados à vida pública. Pela qual dispôs de sua vitalidade e entusiasmo para alçar novos territórios e empreender muitas viagens por terras distantes e desconhecidas. Entretanto, este presente fracionado que já se tornou passado obriga este narrador tomar um novo rumo contrário ao ritmo acelerado da vida contemporânea.

Em busca de se reinventar nesta nova etapa de sua vida, que exige uma mudança brusca em sua rotina diária, o diplomata desacelera e acostuma-se a não ter compromisso com o relógio, (MONGÓLIA, 2003, p. 10): “Desde que me aposentei, não tenho hora para acordar. No começo, saía de manhã para uma caminhada na praia ou na Lagoa, antes de ler os jornais. Tentava criar uma rotina.”.

Evidencia-se o mal-estar vivido neste recomeço de vida, no qual o indivíduo se descobre livre após anos vivendo em função de uma repetição de atos e ações em prol de uma organização que lhe exigiu uma conduta exemplar. De acordo com Tavares (2010, p. 8), “O ser humano é constituído de projetos, sejam estes conscientes ou inconscientes, e a capacidade de antevermos nossas ações no futuro sempre nos legou à possibilidade de visualizar nosso devir ao longo do tempo.”. Desvincular-se dessa rotina causa transtornos para este Diplomata Aposentado, que sempre manteve uma conduta individual exemplar e zelou com respeito e eficiência pelas regras pré-estabelecidas para a função que ocupava no alto escalão do governo, almejando a aposentadoria.

Após correr o mundo e desenvolver sua função como profissional executivo, desempenhou parte deste trabalho no Oriente, esse narrador, o “Diplomata Aposentado”, escolheu a cidade do Rio de Janeiro para viver sua nova e sonhada fase de vida, ou melhor, o que ainda lhe resta dela. Em meio a este espaço urbano, que exala informação e violência nos diversos meios e formatos, nas várias redes de comunicação, desde o amanhecer ao pôr-do-sol. As informações são jogadas e exaltadas diariamente nos diversos meios de comunicação falado, escrito, impresso, midiático, e em meio ao caos dos espaços urbanos, privados e públicos, movimentados e calmos, agitados, barulhentos e atravessados por diversas vozes que compõem o cenário urbano.

O espaço literário de *Mongólia* (2003) é composto pelo deserto e também a cidade grande, com toda sua beleza e violência. Sobre estes índices de realidades promovidos pela obra literária de Bernardo Carvalho, Brandão (2013, p. 34) esclarece, “O fictício é uma realidade que se repete pelo efeito do imaginário, o que o fictício é a concretização de um imaginário que traduz elementos da realidade”. O romance *Mongólia* (2003) está atravessado por fatos cotidianos de violência que compõem este cenário urbano gerador de um mal-estar causado por diversas situações desagradáveis.

A violência é vivida em meio ao espaço urbano de forma coletiva e individual, seja em um congestionamento de trânsito de grande fluxo em ruas e avenidas, guerras entre facções criminosas e policiais, que promovem mortes gratuitas e violentas. Como se observa nesta passagem (MONGÓLIA, 2003, p. 10-11): “[...] quando me deparei [...], com um grupo de policiais que cercavam uma caminhonete dessas que fazem lotação, entupidas de gente, entre São Conrado e Copacabana. Havia uma poça de sangue no asfalto”. Todo esse caos que compõe o dia a dia dos grandes centros urbanos obriga sua população a conviver com uma rotina de violência nos diversos ambientes, sejam públicos ou privados, tornando-a expectadora de uma violência gratuita. As mídias, neste mundo globalizado e contemporâneo, também se tornam grandes promotoras e replicadoras deste mal-estar em tempo real.

É neste espaço urbano violento que o narrador o Diplomata Aposentado gozará de sua tão esperada aposentadoria e buscará realizar um desejo pessoal e antigo de se tornar escritor, (MONGÓLIA, 2003, p. 10): “[...] já não

tenho nem mesmo a desculpa esfarrapada das obrigações do trabalho ou o pudor de me ver comparado com os verdadeiros escritores. A literatura não tem importância. Bastaria começar a escrever.” Neste excerto da obra identificamos o alto grau de autorreferencialidade na literatura de Bernardo Carvalho, pois há uma metaliteratura, ou seja, uma reflexão sobre a literatura que compõe esta obra, mas tal característica não é então explorada.

Todos os projetos profissionais e pessoais demandam tempo para serem efetivados e realizados. As próprias construções subjetivas de sonhos pessoais necessitam de um período para fecundação até sua constituição simbólica e representativa, bem como para sua possível consolidação e materialização. Para que este sonho pessoal do narrador, o Diplomata Aposentado se realizasse necessitava de um bom motivo algo que o impulsionasse para o processo de produção e escrita. Considerando seu largo conhecimento de mundo obtido pela dedicação ao trabalho, este narrador passa por um momento de apatia e prostração nesta fase de adaptação, ao sofrer uma súbita crise de realidade e perceber que:

Abandonei projetos pessoais pela segurança e pela comodidade que o Itamaraty me dava, não sem levar em troca parte da minha alma. Não tive coragem de assumir compromissos, não me arrisquei e acabei só. Se pelo mesmo ainda pudesse me orgulhar de uma carreira de destaque, mas nem isso. (MONGÓLIA, 2003, p. 12)

Essa crise existencial fará o Diplomata Aposentado enxergar e constatar embora tardiamente outro horizonte de possibilidades, mesmo tendo empregado seu vigor e sua juventude em um projeto profissional que lhe trouxe a falsa ilusão de realização pessoal proveniente da função que ocupava em seu antigo trabalho.

Ele então, toma consciência de que a exagerada disciplina a que se impôs durante toda vida profissional – e que resvalou também para sua vida social, em função do cargo que ocupava – havia deixado fraturas em sua vida pessoal. Seus relacionamentos pessoais não foram bem sucedidos como sua carreira profissional, estava separado de sua segunda esposa, que lhe trocou por um antigo companheiro de trabalho, como o próprio narrador declara, (MONGÓLIA, 2003, p. 12): “fazia um ano que ela decidira voltar para o Brasil, para viver com o embaixador francês, como eu acabaria descobrindo”.

Diante da constatação destes rompimentos e da insatisfação pessoal, este personagem segue em sua nova fase, em busca de realizar seu antigo projeto individual, tornar-se um escritor. Mas, a manchete de um jornal impresso que costumava ler todas as manhãs trazia novamente um fato violento, no qual mais um pai de família perdera a vida em meio à violência cotidiana que assola a cidade maravilhosa, fato que transformou a vida deste narrador,

Foi chamado de Ocidental por nômades [...] viajou pelos confins da Mongólia [...]. Voltou da China há cinco anos e largou a carreira diplomática. O jornal diz que ele morreu num tiroteio entre a polícia e uma quadrilha de sequestradores, quando ia pagar o resgate do filho menor no morro do Pavãozinho. (MONGÓLIA, 2003, p.9)

Esta notícia lhe trouxe lembranças do passado, pois este “Ocidental” foi seu companheiro de trabalho no Oriente. O falecido estava em uma condição hierárquica de subordinação, e tinha uma personalidade forte para se submeter a todas as ordens de seus superiores sem que houvesse questionamentos. Como descreve, (MONGÓLIA, 2003, p. 11): “Podia ter seguido uma carreira brilhante, porque era um homem inteligente e ambicioso, mais do que eu, pelo menos, mas não era um sujeito fácil”. Neste trecho o narrador demonstra que seu subordinado, o Ocidental, era um homem inteligente e questionador, que não se submetia a qualquer situação contra sua própria vontade. O mesmo desempenhou por pouco tempo a função de vice-cônsul em Xangai, teve que deixar a esposa grávida e o filho no Brasil, por questões práticas até se organizar para receber a família em Pequim.

O primeiro desentendimento e mal-estar gerado entre os pares se deu por meio de uma (MONGÓLIA, 2003, p.13) “instrução expressa e extraordinária do Itamaraty”, vinda do gabinete da Presidência, diretamente de Brasília; seria uma missão extraoficial sendo necessário deslocar alguém da embaixada para Mongólia, em busca de um rapaz brasileiro desaparecido. Este enviado (MONGÓLIA, 2003, p. 14) “teria que agir como um investigador sob o disfarce de simples turista, já que não tínhamos representação diplomática na Mongólia”. A princípio, o Ocidental se mostrou receptivo e tranquilo com a missão que lhe foi confiada, sem apresentar qualquer constrangimento; pelo fato de ser uma missão extraoficial, pediu apenas a identificação do rapaz, por

questões práticas. Um dossiê completo sobre o caso foi disposto em sua sala, nestes documentos constava uma correspondência entre o pai do desaparecido e o Itamaraty, nome e telefone do guia mongol que havia acompanhado o rapaz na viagem e uma fotografia do desaparecido.

Entretanto, houve uma repentina mudança de personalidade: este personagem, o “Ocidental”, sem muitas explicações disse ao seu superior, (MONGÓLIA, 2003, p. 14): “ele me encarou e disse que não podia cumprir a missão, pedia desculpas, mas não estava em condições de ir a Mongólia.”. Este fato causou certo constrangimento e promoveu uma situação desagradável entre os executivos, pois havia uma instrução que deveria ser cumprida, não havendo uma explicação objetiva para tal recusa essa negação não fazia sentido. Desenvolvendo uma reação automática de seu superior o então Diplomata Aposentado, como se observa

Tentei ser paciente. Perguntei o que era, o que tinha mudado. Ele balançava a cabeça. Estava alterado. Disse que não era nada. Era ele. Não podia ir. E foi quando estourei. Ou melhor, quando decidi não argumentar. Pessoas como eu não estouram. (MONGÓLIA, 2003, p. 15)

Naquele momento houve uma quebra/fratura no relacionamento de fraternidade estabelecido entre os colegas de trabalho, pois, além da amizade entre eles existia uma hierarquia a ser respeitada e uma instrução que deveria ser executada:

Fiquei louco, mas me comportei como um diplomata diante de uma contrariedade. É uma técnica que se aprende com o tempo e na convivência com os superiores. Fingi que não tinha ouvido. Repeti a instrução. Não perguntei mais porque ele não podia ir. Repeti a instrução – ele embarcaria em dois dias – e pedi que se retirasse, eu tinha outros assuntos a resolver. (MONGÓLIA, 2003, p. 14)

A postura tomada pelo narrador o Diplomata Aposentado se faz necessária em virtude da posição ocupada, porém essa decisão promoveu certo mal-estar entre os colegas. Este desconforto gerado pela insubordinação momentânea, causou uma reação autoritária de seu superior. Mesmo contrariado, o Ocidental se põe em seu lugar hierárquico e opta por cumprir a missão extraoficial até a Mongólia, sem dar nenhuma justificativa ao seu superior. Mas o Diplomata Aposentado jamais imaginou que o Ocidental

deixaria por escrito sua justificativa para tal negação, porém este só teria acesso a esses documentos após a morte deste colega. Em vida era um homem silencioso que não tinha o hábito de se justificar por meio da fala, mas mantinha como costume diário o registro de toda sua rotina, que era desgastante. Essa seria a forma escolhida por este personagem para desabafar deixando assim seu testemunho para a posterioridade.

Só ao me deparar com a notícia da morte dele, mais de seis anos depois [...]. Se eu não os lera até então, era menos por falta de curiosidade do que por estar cheio dele na época. Não queria mais ouvir falar dele na época. (MONGÓLIA, 2003, p. 13)

Somente após o choque causado pela notícia da morte de seu companheiro de trabalho, carregada de violência que este narrador começa a rememorar fatos de que este colega havia deixado aos seus cuidados alguns materiais que estavam encaixotados sob sua posse na despensa de seu apartamento. Tomado por lembranças e sem ter muito que fazer em seu atual modo de vida, decide buscar e reviver estas memórias,

São papéis que nunca pensei em ler e de cuja existência já não lembrava, guardados em meio a tudo que não me serve, no fundo de uma despensa. [...] Ainda estavam na mesma pasta verde-clara em cuja capa eu tinha escrito o nome dele. (MONGÓLIA, 2003, pp. 13-14).

Este amontoado de papéis, proporcionou uma nova consciência, que o fez (re)pensar e (re)avaliar certos fatos ocorridos com um outro olhar, talvez mais humano sem críticas e julgamentos precipitados. Como exemplifica o teórico Said (1990, p. 64) em sua obra *Orientalismo*,

É possível que a vários objetos ou lugares ou época sejam atribuídos papéis e significados dados que adquirem validade objetiva só depois que essas atribuições acontecem. Isso é especialmente válido para as coisas relativamente pouco comuns, como estrangeiros, mutantes ou comportamento “anormal”.

Essa memória leva o narrador, o Diplomata Aposentado, ao exercício de rememoração e reflexão de fatos já vivenciados. Esta análise promove o entendimento de situações mal resolvidas que deixaram lacunas abertas. As revelações, por meio da concretização nos registros encontrados, promoveram

um sentimento tardio de arrependimento e sem a menor possibilidade de mudança, como traz a passagem, (MONGÓLIA, 2003, p. 14): “O que aconteceu em Pequim foi inesperado. Mas lógico que, se ele tivesse me dito, eu não teria insistido”. Os indivíduos padecem por consequência desse modo contemporâneo de ser e estar no mundo. Obrigados a se imporem diante a determinada ações com o objetivo específico de garantir seu espaço no mercado de trabalho. Para acompanhar as exigências emanadas pelo discurso social, enfrentam consequências posteriores que desencadeiam uma quota de sofrimento e desgaste, justificada para a manutenção de tais posicionamentos. Como o próprio narrador apresenta,

Aquela era uma coincidência infeliz. Era a sua primeira vez na Ásia. Tinha aceitado o posto de vice-cônsul em Xangai para fugir do círculo de poder, para ficar longe de tudo o que mais detestava naquela carreira. (MONGÓLIA, 2003, p. 16).

Estes fatos deixaram marcas pessoais, consequências de ações por tomadas de decisões passadas, impostas por funções sociais em ambiente de trabalho. Local que não promoveu conhecimento e o envolvimento pessoal entre indivíduos. O Diplomata Aposentado e o Ocidental apesar de conviverem diariamente em um ambiente de trabalho comum, não conseguiram estabelecer laços e vínculos afetivos pessoais e emocionais. Fato que deixou marcas desagradáveis pelo desconhecimento e intolerância que somente foram revistas diante do fato irreversível que é a morte.

A morte neste romance, é a mola propulsora para o desenvolvimento da obra; será por meio dela que este Diplomata Aposentado terá a coragem e a autoridade necessária para a construção de seu romance. Promovendo um olhar ampliado para fatos antigos que ocorreram em uma fase anterior de sua vida.

Toda essa experiência de vida registrada em forma de vários gêneros, o Diplomata Aposentado emprega a vitalidade que lhe resta para a realização de seu sonho. De fato, escrever um romance exige de seu narrador a função de descrever a vida humana, como argumenta Benjamin (2012, p. 217), sobre a função do romance: “Escrever um romance significa, na descrição da vida humana, levar o incomensurável a seus últimos limites. Em meio à plenitude

dessa vida e na descrição dessa plenitude, o romance anuncia a profunda perplexidade de quem vive”.

Diante dessa afirmativa, observamos que este narrador desempenhará sua função de escritor com grande esmero. Possuindo já algumas habilidades coma escrita, não receberá conselhos e muito menos precisará dá-los, pois se encontra segregado, vivendo um isolamento individual esperado e desejado, desconectado com o antigo mundo que o cercou por quarenta e quatro anos de sua vida como diplomata.

Seria possível que este Diplomata Aposentado estivesse buscando na literatura a companhia agradável que seus possíveis leitores pudessem lhe ofertar, como afirma Benjamin (2012, p. 230): “Quem escuta uma história está na companhia do narrador, mesmo quem lê partilha dessa companhia”. Talvez este fosse o grande desejo deste indivíduo que se encontra em uma crise existencial, por estar desligado do mundo de que fez parte por décadas. E nesta nova fase de sua vida almeja outras companhias e novas experiências para o pouco de vida que lhe resta nesta sociedade contemporânea, marcada pelo capitalismo e pela violência que promove o mal-estar na civilização contemporânea. Para Benjamin (2012, pp. 230-31): “A tensão que atravessa o romance se assemelha muito à corrente de ar que alimenta e reanima a chama.” O fato da morte de seu amigo o fez remexer em materiais e arquivos antigos que jamais julgou que ter valor.

O Ocidental os deixara em Pequim ao voltar da Mongólia, junto com outros papéis, provavelmente de propósito, como agora suponho, para que, ao lê-los e compará-los com o que ele mesmo tinha escrito à mulher, eu pudesse por fim montar a imagem do que de fato acontecera. (MONGÓLIA, 2003, p. 33)

A tarefa do Diplomata Aposentado, como escritor, será dar forma à experiência vivida pelo Ocidental e o jovem desaparecido, denominado de “Desajustado”, pelo povo mongol, transformando à vivência em uma narrativa. Caberá a este narrador contar a trajetória do Ocidental em sua missão extraoficial no deserto da Mongólia, em busca do fotógrafo brasileiro desaparecido. A princípio é válido lembrar que a instrução vinha de Brasília, a pedido de,

Um velho empresário, inválido e viúvo, com evidente influência nos bastidores do poder, estava desesperado com o desaparecimento do único filho fazia meses, na Mongólia, e tinha pedido ao Itamaraty que tomasse as devidas providências e o ajudasse a encontrá-lo. (MONGÓLIA, 2003, p.14)

Este pedido representa a maneira como se estabelece as relações entre os setores do poder público e privado, como são promovidas as relações ilícitas e as trocas de favores. Sendo Brasília a capital do Brasil e centro político, reduto de poder e governança. Lugar onde os políticos deveriam atuar em prol da nação brasileira, não de interesses próprios. Estas situações ilícitas geram mal-estar para a comunidade por tomadas de decisões que beneficiam e privilegiam apenas interesses individuais. Toda e qualquer decisão tomada e ordenada pelo alto escalão do poder público e político deve respeitar e prezar por uma conduta reta, sem tendenciar por interesses escusos.

Esse mal-estar, gerado por estas práticas desenvolvidas pelas relações sociais estabelecidas entre os setores que detêm o poder, causam um mal-estar e certo repúdio para os que se obrigam a cumprir com suas funções profissionais neste meio (Carvalho, 2003, p. 16): “Desde que pusera os pés em Pequim, a cidade lhe parecera opressiva e irreal, outra capital do poder, como Brasília ou Washington, que era justamente do que ele vinha tentando escapar”. Este relato reflete a recusa do Ocidental em estar em outro espaço opressivo que lhe traz tristes memórias de seu país e de seu pai. Como Brasília reduto de poder caracterizado pelo individualismo que deixou marcas profundas em sua vida atribuída pela negação e ausência de seu pai. Espaços que se apresentam como centros opressores e redutos de interesses e poder promotores e geradores de um mal-estar entre os indivíduos que se obrigam a conviver em meio a função que ocupam e desempenham nestes ambientes.

Neste romance, diversos gêneros são organizados e dispostos no corpo da narrativa, como testemunhos intencionais, deixados por escrito e direcionados para ao Diplomata Aposentado. Tais cartas, escritas em um diário, revelarão os motivos que levaram o Ocidental a manter uma conduta dissonante em seu ambiente de trabalho. Elucidando a relação pessoal entre o Ocidental e o Desajustado, dois personagens desconectados e separados pelo mundo contemporâneo, mas unidos por laços sanguíneos filhos do mesmo pai. Reflexo de uma ligação familiar fraturada, sendo o Ocidental, fruto de uma

relação extraoficial, filho de um homem que possuía uma vida dupla, que jamais o reconheceu como filho legítimo.

É necessário lembrar que as personagens o “Ocidental” e o “Desajustado” são brasileiros, tendo como língua de origem a língua portuguesa, mas, por acessarem um país oriental, cuja língua oficial é o calca-mongol, enfrentarão um mal-estar por não dominarem a língua estrangeira. O Desajustado é um jovem (MONGÓLIA, 2003, p. 33): “fotógrafo profissional contratado por uma revista de turismo no Brasil para atravessar a Mongólia de Norte a Sul”, que se desloca do Brasil para Mongólia com um objetivo muito específico, registrar todas as suas experiências vividas durante a viagem.

5 de julho. Voamos de Ulaanbaatar para Khatgal [...] terra de xamãs na fronteira com a Rússia. [...] Alguns estrangeiros se entreolham e riem. [...] Batnasan, nosso motorista, um homem grande e boa-pinta, nos espera em seu furgão russo ao lado da pista. Vamos para Tsagaannuur, ao contrário dos outros passageiros, que vieram passar o fim de semana às margens do lago Khövsgöl, na tranquilidade de um campo turístico com uma paisagem alpina e familiar ao fundo. É o começo da minha viagem. Meu objetivo é fotografar os tsaatan, criadores de renas que vivem isolados na fronteira com a Rússia, entre a taiga e as montanhas. Estão em vias de extinção. (MONGÓLIA, 2003, p. 39)

Esta descrição faz parte dos escritos do fotógrafo em seu primeiro dia de trabalho, marcado pela escrita com os traços da linguagem social, rica em detalhes nas descrições do espaço geográfico, social e cultural que está adentrando. A viagem foi registrada em cadernetas de anotações do tipo *moleskine* introduzidas no romance e escritas em letras de fonte arial. O destino do jovem fotógrafo é a Mongólia um dos países mais altos do mundo, localizado na Ásia e considerado o segundo país do mundo sem costa marítima. Faz fronteira com a Rússia ao norte e a China ao sul, pouco povoado. Possui pouca terra arável é coberto por estepes e repleto de montanhas ao norte e ao oeste. Este personagem buscou registrar e fotografar todos os espaços que atenderiam ao contrato firmado, porém houve uma fratura, parte de seus registros extraviaram como relata o narrador Diplomata Aposentado,

Ninguém sabia onde tinham ido parar as fotos. [...] havia dois diários do desaparecido na pasta que encontrei na despensa do meu apartamento, entre tanto papel inútil, depois de ler a notícia da morte

do Ocidental. Um dos diários estava completo e outro se interrompia no meio. (MONGÓLIA, 2003, p. 33).

A forma de registro escrito utilizada por este personagem remete para uma sensação de realismo, que possibilita que a imaginação ganhe uma dimensão real, como explica Watt (2010, p. 204): “Esse tipo de participação que o romance suscita: dá-nos a sensação de que estamos em contato não com a literatura, mas com a própria vida momentaneamente refletida na mente dos protagonistas.”. Esta descrição rica em detalhes reflete também a função social ocupada pela personagem e o cumprimento de seu contrato profissional assumido em seu país. Seu dever era capturar por meio de registros fotográficos os ambientes, as paisagens, o povo e seus costumes. Pois estes registros teriam um fim comercial bem definido, despertar a curiosidade e o desejo em um nicho de mercado voltado a turistas que buscam conhecer lugares místicos, exóticos e multiculturais. Em uma região geograficamente distante, de clima atípico, de cultura nômade voltado ao turismo de interioridade.

No romance, observa-se que as personagens viajaram para o mesmo espaço, Mongólia, porém em tempos diferentes; cada personagem registrou por meio de anotações individuais, deixando marcas pessoais e informações carregadas de personalidade refletidas por meio da linguagem social de cada realidade. O Ocidental registra em seu diário,

Tudo é tão irreal. Nada garante que o manuscrito de Aysuh seja o mesmo do velho lama de 1937. Nada garante que o caderno exista. Nada prova nada, e ainda assim seguimos em frente. O desaparecido atrás do manuscrito, e agora eu atrás dele. É como se todos mentissem e as mentiras fossem complementares. (MONGÓLIA, 2003, p. 148).

Ambas personagens, o Ocidental e o Desajustado, nutrem a narrativa com suas percepções e olhares diversos por meio de gêneros secundários, considerando que eles passaram pelos mesmos espaços, porém, com motivações diferentes. Ainda tratando de narradores e suas experiências, *Mongólia* faz relação direta com a expressão de Walter Benjamin, “Quem viaja tem muito que contar” (2012, p. 214), mas, esta expressão não condiz com a narrativa em questão, existindo uma contradição sobre esta afirmação: o Diplomata Aposentado, na condição de narrador principal, não ter vivenciado a

viagem para Mongólia, mas sim tomado posse das experiências alheias registradas em cartas, diários, mapas e fotografias para uma realização pessoal de se tornar escritor, como o mesmo revela,

Escrevi este texto em sete dias, do dia seguinte ao enterro até ontem à noite, depois de mais de quarenta anos adiando o meu projeto de escritor. A bem dizer, não fiz mais do que transcrever e parafrasear os diários, e a eles acrescentar a minha opinião. A literatura quem faz são os outros (CARVALHO, 2003, p. 182)

Este narrador o Diplomata Aposentado fez o emolduramento dos gêneros secundários dando vida a um amontoado de papéis registrados em cadernetas *moleskine*, mapas, diários, cartas, fotografias que recebeu a forma de uma narrativa híbrida com requinte de romance policial tratando de uma viagem ao desconhecido em busca do desaparecido.

Os viajantes vão deixando seus rastros de forma escrita, como nesta passagem do Ocidental registrada em seu diário,

1º de junho. Faz uma semana que estou aqui. Uma bruma baixa cobre a cidade, faz um calor opressivo. Tem sido assim desde que cheguei. Como em Xangai. Mas, ao contrário do que acontece em Xangai, a escala arquitetônica aqui é inumana. (CARVALHO, 2003, p. 16-17)

Como também neste trecho extraído da caderneta do Desajustado;

9 de junho. A obra principal da prosa chinesa no século XX é um pequeno livro de Lu Xun intitulado A verdadeira história de AH Q, que comprei ontem numa edição popular, bilíngue, em chinês e inglês, no metrô. AH Q pode ser visto como uma alegoria da China: é um sujeito que só toma na cabeça mas sempre consegue (CARVALHO, 2003, p. 16-17)

Desta maneira, o passado será organizado por esta personagem-narrador o Diplomata Aposentado, como forma de dar sentido ao momento presente que está vivendo. Assim este narrador em primeira pessoa terá o controle do passado e começará uma nova fase de sua vida tão esperada e desejada. Mas talvez esteja buscando burlar o seu próprio fim, em uma viagem geográfica, literária e mítica.

2.2. Mongólia: espaço de reencontros

Mongólia (2003) de Bernardo Carvalho é um romance contemporâneo resultado de um projeto de pesquisa pelo qual o escritor viajou durante dois meses e percorreu mais de cinco mil quilômetros em uma região asiática no interior da Mongólia. Para esta produção artística, o autor obteve uma bolsa de incentivo à criação literária oportunizada pela editora portuguesa, Livros Cotovia e pela Fundação Oriente, de Lisboa. O autor escolheu a Mongólia por uma predileção particular pelo deserto. Esta viagem também metafórica, pela cultura, história, política e a economia de um lugar em estado nômade, resultou nesta premiada obra literária *Mongólia* (2003).

Após conferir *in loco* a realidade do povo Mongol, o autor recria uma Mongólia literária, em que discutirá fatos históricos relevantes, pois foi o segundo país comunista do mundo e governado por um dos mais sanguinários ditadores da história da humanidade.

Segundo Resende (2008, p. 83), “o autor coloca diante do leitor ficção e realidade, imaginação e documentalismo, e promove um combate acirrado, violento, quase mortal”. O resultado desta viagem metafórica é uma narrativa ficcional que por meio da repetição, condição fundamental para a vida do povo nômade é também uma das características comum às obras de Carvalho. Utilizada e transformada em um recurso narrativo para a construção e reconstrução dos trajetos percorridos por seus personagens ocidentais no Oriente.

Mongólia é narrada em primeira pessoa e apresenta três narradores: o Diplomata Aposentado, o Ocidental e o Desajustado que irão vivenciar esta forma de encaixe ao final da trama romanesca, quando as personagens, o Ocidental e o Desajustado se reencontram e se reconhecem irmãos na Mongólia. Somente após atravessarem o deserto e suas inúmeras significações terão a verdade e o autoconhecimento de uma relação fraturada ao final da narrativa. A elucidação desta situação que os separou por anos, privando-os de se reconhecerem irmãos e pertencentes à mesma família, se dará no deserto. Bernardo Carvalho logo no início da obra nos remete ao conto de Kafka como se fosse uma pista através do: “Uma mensagem do imperador”

[...] como são vãos os seus esforços; continua a forçar a passagem pelos aposentos do palácio mais interior; nunca conseguirá vencê-los; e mesmo se o conseguisse, ainda assim nada teria alcançado; teria que lutar para descer as escadas; e se o conseguisse, nada teria

alcançado; ainda teria os pátios para atravessar; e depois dos pátios o segundo palácio que os circunda; e outra vez escadas e pátios; e mais um palácio; e assim por diante, por milênios.

Partindo do conto de Kafka, temos a primeira intertextualidade desta obra, fato que não é novo e sempre esteve presente nas diversas narrativas literárias de Bernardo Carvalho, introduzindo citações e fazendo referências a cânones e também às obras contemporâneas. Este conto de Kafka, especialmente, nos remete a pontos importantes, promovendo uma intertextualidade entre as obras de Kafka e Carvalho.

O conto de Kafka utilizado no início de *Mongólia* (2003), representa uma ordem expressa vinda de uma figura importante da época imperial, um imperador em seu leito de morte que envia um de seus súditos, o mais desprezível de seus homens, para que partisse em busca de seu filho desaparecido. Em *Mongólia*, temos a repetição do mesmo pedido, porém emitido por um influente empresário que compõe o cenário de poder em seu país, o Brasil,

Um velho empresário, inválido e viúvo, com influência nos bastidores do poder, estava desesperado com o desaparecimento do único filho fazia meses, na Mongólia, e tinha pedido ao Itamaraty que tomasse as devidas providências e o ajudasse a encontrá-lo (MONGÓLIA, 2003, p. 14).

A viagem ficcional acontecerá neste universo multicultural e místico da Mongólia, onde as personagens se colocarão em trânsito. O famoso deserto de Gobi, que compõe a paisagem da Mongólia e ganhou grande repercussão na história mundial por ser descrito pelo famoso ocidental Marco Polo em 1275, em sua viagem a Pequim, constitui um importante ponto turístico, com as famosas montanhas Altai, que possuem altitudes superiores a quatro mil metros.

As imagens expostas em *Mongólia* são recriações do autor, como se percebe ao ler este e outros romances e ao entrar em contato com os métodos utilizados para o ato da criação de Bernardo Carvalho. Segundo Jaguaribe (2006, p. 222), essas estéticas realistas, “são interpretações da realidade e não a realidade. O paradoxo do realismo consiste em inventar ficções que parecem realidades”. Assim acontece quando o escritor constrói uma representação de

um espaço real visitado e pesquisado, mas em seu processo de produção recria o seu próprio espaço literário como acontece em *Mongólia* (2003). De acordo com Brandão (2013, p. 34):

A literatura é entendida como operação que converte a plasticidade humana em texto. Tal plasticidade abarca a experiência do homem com o que percebe como real, o processo imaginário de conceber as limitações e as potencialidades de tal experiência e a transformação desse processo em obras, ou seja, a concretização do imaginário por meio da ficção.

Esta experiência pessoal reunida em um romance ficcional que expõe diversas situações de mal-estar como a rejeição, os preconceitos, os limites, as fronteiras, divisões entre Ocidente e Oriente e seus diferentes modos de ser e pensar. *Mongólia* (2003), é realmente a concretização do imaginário de seu escritor recriada e representada em obra literária. Em uma entrevista concedida a José Castello da Revista Rascunho Paiol Literário, em 2007, Carvalho faz apontamentos sobre seus romances *Nove noites* (2002), *Mongólia* (2003) e *O Sol se Põe em São Paulo* (2007) relatando:

[...] escrevi *O sol se põe em São Paulo* como reação à recepção a *Nove noites* e *Mongólia*. *Nove noites* é baseado na história real de um antropólogo americano que se matou no Brasil entre os índios, em 1939, quando tinha 27 anos. O livro foi construído a partir desse dado, mas não é um livro sobre história real. Quando eu o escrevi, tinha escrito uns livros esquisitos, que não vendiam, que as pessoas não gostavam. Então, eu fiquei irritado e entendi o que as pessoas queriam: história real, livro baseado em história real. Pensei: “se é isso que eles querem, é isso que eu vou fazer”. Mas resolvi fazer algo perverso para enganar o leitor, criar uma armadilha. O leitor acha que está lendo uma história real, mas é tudo mentira. Tinha foto, autobiografia, etc. E não é que funcionou. O pior é que a minha intenção de criar uma armadilha, de brincar, de ser irônico, foi lida em primeiro grau, não foi lida em segundo grau. A maioria não percebeu que eu estava fazendo um jogo com aquilo. Com *Mongólia*, os leitores acharam que o que estava ali era um país real. (“Entrevista”, Revista Rascunho/Paiol Literário, 2007)

Meireles (2015, p. 20) afirma em sua tese que, nos romances *Nove noites* (2002) e *Mongólia* (2003), o leitor é induzido, sobretudo pela forma como o escritor ‘diabolicamente’ manipula as estratégias de construção de tais narrativas a caírem em uma armadilha propositalmente criada pelo escritor. Ao cair nela, e, sem saber ao certo onde termina a realidade e onde começa a ficção no texto que lê, o leitor é incitado a compartilhar com o narrador ou os narradores dos romances um jogo no qual, segundo o próprio escritor, tudo é

ficção. Os elementos da realidade estão ali somente para enganar o leitor, chamar a atenção dele para o estatuto puramente ficcional dos romances. Esse é, sem dúvida, um dos grandes trunfos de *Nove noites* (2002) e *Mongólia* (2003), e de outros romances do escritor.

Essa campanha exploratória de Bernardo Carvalho está em uma linhagem do romance contemporâneo, como demonstrou Dalcastagnè, que inclui uma elite intelectualmente preparada e aberta aos fluxos globais, possibilitando a expansão do romance como aquele apto a absorver a realidade e a história em sua textura.

De acordo com Jaguaribe (2007, p. 222), o realismo almeja captar as maneiras cotidianas pelas quais os indivíduos expressam seus dilemas existenciais através das experiências subjetivas e sociais que estão em circulação nas montagens da realidade social. A realidade é socialmente fabricada e uma das postulações da modernidade tardia é a percepção de que os imaginários culturais são parte da realidade e que nosso acesso ao real e à realidade somente se processa por meio de representações, narrativas e imagens.

Segundo Perrone-Moisés (2016, p. 35), quando trata da literatura na cultura contemporânea, os escritores de ficção também podem ser considerados pensadores do século XXI, carregando por meio da literatura contemporânea valores da literatura tradicional como:

O exercício da linguagem de modo livre e consciente; a criação de um mundo paralelo como desvendamento e crítica da realidade; a expressão de pensamentos que não são individuais, mas reconhecíveis por outros homens como correspondentes mais exatos aos seus; a capacidade de formular perguntas relevantes, sem a pretensão de possuir respostas definitivas

Estes valores elencados pela crítica literária podem ser facilmente encontrados na literatura de Bernardo Carvalho, pois seus romances representam uma crítica a sociedade capitalista e consumista da qual fazemos parte. Suas obras reproduzem problemas da realidade atual, como o trânsito, a corrupção política, as guerras que envolvem diferentes povos, religiões e facções criminosas.

Diversas situações e questões alimentam as narrativas de Bernardo Carvalho, tanto no plano dos temas sociais, quanto no plano dos temas

existenciais. No que diz respeito aos temas sociais, eles estão centrados principalmente na esfera da urbanidade, tais como desemprego, trânsito caótico, instituições decadentes, saneamento básico precário. Nas questões que transcendem as questões sociais, pois penetram a esfera mais íntima e mais privativa do sujeito, Bernardo Carvalho investe em temas muito incômodos, como a homossexualidade, a discriminação de gênero, o fanatismo religioso, a doença depressão, a solidão das redes sociais. Diante de tamanhas questões, é compreensível que a linguagem verbal não possa representar exatamente o real, mas pode reproduzi-lo.

Perrone-Moisés (2016, p. 234) afirma: “reproduzir uma fala é a forma mais perfeita de realismo, já que a linguagem de um personagem pode ser a mimese exata de um acontecimento discursivo”. De acordo com a crítica literária, o escritor traz para seus romances personagens que a todo o momento indagam seus leitores sobre questões existenciais, culturais, sociais, políticas e econômicas, reproduzindo por meio de suas falas as angústias e os problemas que afligem o mundo. Brandão (2013, p. 34) exemplifica este espaço ficcional criado pelo autor:

O fictício é uma realidade que se repete pelo efeito do imaginário, ou que o fictício é a concretização de um imaginário que traduz elementos da realidade. A rigor, porém, não se pode dizer o que são o real, o fictício e o imaginário, mas somente sugerir que o primeiro corresponde ao “mundo extratextual”; que o segundo se manifesta como ato, revestido de intencionalidade e que o terceiro tem caráter difuso devendo ser compreendido como “funcionamento”.

Assim as obras literárias são uma poderosa ferramenta nas mãos dos escritores estimulando à própria percepção do real, que não apresenta soluções para tais dificuldades reais, mas exerce a importante função de recriar a realidade e proporcionar aos leitores que (re)pensem e (re)vejam de maneira mais profunda e crítica a realidade que se faz presente na sociedade.

Logo quando lançou seu livro *Mongólia* (2003) em Portugal, Bernardo Carvalho afirmou em uma entrevista (REVISTA RASCUNHO/PAIOL LITERÁRIO, 2007) que pretendeu dar à obra uma estrutura semelhante às bonecas russas que se encaixam uma dentro da outra, as famosas Matrioskas; tal declaração esclarece o seguinte trecho: “Escrevi este texto em sete dias [...] A bem dizer, não fiz mais que transcrever e parafrasear os diários, [...] A

literatura quem faz são os outros.” (CARVALHO, 2003, p. 182). Esta declaração do escritor reforça sua capacidade de promover uma literatura de qualidade utilizando-se de recursos como a metalinguagem.

Nas últimas décadas, a cultura mundial vivenciou o período de desenvolvimento tecnológico e industrial e conseqüentemente, ocasionando diversas crises nos campos político e social. A literatura contemporânea reflete bem este momento e a partir do registro ficcional evidencia-se a confusão do “agora” e a imprecisão histórica do “instante” que estamos vivendo. A obra *Mongólia* (2003) de Bernardo Carvalho é um exemplo disso, ao lançar um olhar crítico e reflexivo para os aspectos culturais de um povo distante, num país diferente, resultado de uma complexa combinação de nomadismo, budismo e comunismo. O romance procura demonstrar a fragilidade das identidades contemporâneas que convivem com um passado em ruínas e um presente sem muitas expectativas. Assim, a realidade narrada tem existência na linguagem apresentada por personagens em intensa busca interpretativa.

3. CAPÍTULO 3: ROMANCE COMO EXPRESSÃO LITERÁRIA DE BERNARDO CARVALHO

3.1. Bernardo Carvalho: o romance como expressão maior

Além de *Mongólia*, duas outras obras são de grande expressão no conjunto literário escrito por Bernardo Carvalho: *O Filho da Mãe* (2009) e *Simpatia pelo Demônio* (2016). São dois romances que reforçam os traços estéticos do escritor carioca: preferência pelo gênero romanesco, narrativas sem fronteiras, recorrência de temas inquietantes como as relações homoafetivas, experiências narrativas híbridas, entre outros traços.

Entre doze obras publicadas, onze são romances: *Onze* (1995), *Os Bêbados e os Sonâmbulos* (1996), *Teatro* (1998), *As iniciais* (1999), *Medo de Sade* (2000), *Nove noites* (2002), *Mongólia* (2003), *O sol se põe em São Paulo* (2007), *O Filho da Mãe* (2009), *Reprodução* (2013) e *Simpatia pelo Demônio* (2016). Apenas o primeiro livro, *Aberração* (1993), constitui uma coletânea de contos. A partir desse fato é possível inferir que o romance é a grande expressão literária de Bernardo Carvalho.

As obras *O Filho da Mãe* (2009) e *Simpatia pelo Demônio* (2016), analisadas neste capítulo, como já dissemos, reforçam alguns traços característicos da obra de Bernardo Carvalho, já ressaltados na leitura realizada sobre *Mongólia*. Estes romances recriam temáticas universais, compondo fragmentos do cotidiano do homem contemporâneo, de tal maneira que, o autor, munido de recursos do realismo, consegue resultados que impactam o leitor.

Em *O Filho da Mãe* (2009) e *Simpatia pelo Demônio* (2016), Bernardo Carvalho aborda o amor e as guerras, o amor maternal, o amor entre casal, o amor egocêntrico, o amor às guerras, entre outras formas de amar. A destruição e os conflitos que sempre estão em função da luta pelo poder, geram múltiplas guerras, interétnicas e inter-religiosas. O escritor aborda as diversas formas utilizadas para se obter este poder que em sua maioria acontece de maneira violenta envolvendo indivíduos e povos. Os temas da guerra e do amor se repetem em *Simpatia pelo Demônio* (2016) com uma nova

roupagem. O escritor discute as relações de sobrevivência em meio aos conflitos, ódio e intolerância; a guerra se estende para outros campos de disputa de poder, em que os homens buscam além de domínio territorial, econômico, cultural e social dominar o outro utilizando-se de armas como o sexo e o domínio psicológico, acirrados pelo ódio que se desenvolve em novos modelos de comunicação, de base digital. Este é o contemporâneo. O resultado dessas narrativas proporciona uma amplitude de olhares e reflexões sobre diversas realidades individuais e coletivas que estão presentes nestes espaços.

3.2. As trezentas pontes que unem as quimeras em O Filho da Mãe

“As histórias de amor podem não ter futuro, mas têm passado.” (Carvalho, 2009, p. 186)

O Filho da Mãe (2009) é o nono romance de Bernardo Carvalho. A obra faz parte do projeto “Amores Expressos”, promovido pela editora Companhia das Letras em que vários escritores foram convidados a criar um romance com o tema “Amor”, em diversos lugares do mundo, sendo que Bernardo Carvalho escolheu a cultura eslava para dar ambiente ao romance.

A narrativa tem início no século XX, e se desenvolve em São Petersburgo, por ocasião das festas do tricentenário dessa cidade. O narrador, logo de início, chama a atenção para alguns episódios violentos que ocorreram a Rússia, nesse período, como atentados e, sobretudo, o massacre no teatro da rua Dubróvskaja, em Moscou. Esta é uma característica do autor que compõe suas ficções com dados e fatos reais.

Para esta obra, o autor tem como fonte de inspiração o amor maternal e o amor homoafetivo, em um espaço devastado pela guerra que tenta se refazer, como expressa o narrador: “quando não há mais nada, há ainda o sexo e a guerra” (CARVALHO, 2009, p. 139), boa parte da atenção deste narrador em terceira pessoa, heterodiegético, será empregada para as relações de amor e ódio que irão se estabelecendo entre as personagens e seus pares. O próprio escritor escreve: “As mães têm mais a ver com a guerra do que imaginam” (CARVALHO, 2009, p. 186). A obra trava uma discussão entre distintas formas de amar, observa-se a ironia que o narrador deixa implícita quando faz tal

afirmativa sobre as mães, pois são elas as responsáveis, que fomentam e sustentam as bases de guerras com o elemento essencial para o campo de guerra, o homem, elas geram a vida destes homens. E após dar a vida a estes homens, lutam para salvá-los tentando mudar o destino fatídico em um mundo de conflito e guerras.

Neste romance o autor apresenta mães com diversas características como as que se dedicam de corpo e alma para a maternidade, as que renegam seus filhos, mães estéreis e mães que sofrem. Este amor maternal provoca na obra uma intensa discussão e propõe uma indagação: será melhor ter um filho e perdê-lo para a guerra, ou nem tê-lo? *O Filho da Mãe* (2009) aborda em seu enredo o homossexualidade, o misticismo, o suicídio, o tráfico de pessoas e de riquezas naturais e minerais, as polêmicas sobre fronteiras e as diversas formas de violência.

No início da narrativa, temos a figura de Zainap uma mulher idosa que vive na condição de mãe e avó, em um período histórico de guerra e conflitos, ainda hoje não pacificados, entre a Rússia e a Tchetchênia. Esta personagem, profundamente marcada pelos horrores da guerra, move uma série de artifícios para livrar e proteger da fúria dos conflitos armados o único bem que lhe restou na vida, seu neto, já que não conseguiu salvar seu filho:

Às vésperas do inverno de 1999 para 2000, durante a guerra a retomada da cidade pelos russos, nos primeiros meses do que se convencionou chamar de guerra da Tchetchênia, Zainap pagará quinhentos dólares aos boieviki para reaver o corpo do filho, Chakhban, pai de Ruslan. Corpo modo de dizer. (CARVALHO, 2009, p. 28).

Este homem chamado Chakhban morto em conflito e resgatado por sua mãe Zainap, é o pai do jovem Ruslan, que foi abandonado e rejeitado por sua mãe biológica. Entretanto foi acolhido, criado e muito amado por sua avó paterna Zainap, que assumiu sua tutela ainda recém-nascido. A avó assume o papel de mãe e pai de seu neto. Com uma vida marcada pelas perdas em um ambiente de guerras onde perdeu seu marido e seu único filho, lhe resta agora criar e proteger seu neto. Bernardo Carvalho recria situações da realidade do tempo presente, em que mulheres assumem e conduzem suas famílias sem a presença da figura masculina do patriarca, reflete assim uma realidade constante e universal da trama da vida real de muitas mulheres.

Assim, Bernardo Carvalho imprime força à personagem Zainap, avó do jovem Ruslan: trata-se de uma professora aposentada de russo, dona de uma personalidade forte e muito determinada, característica que desenvolveu para se proteger e também proteger os seus, se fez forte ao longo do tempo em que viveu em meio a um dos cenários mais desoladores de guerra.

Como um recurso narrativo bem orquestrado, Bernardo Carvalho em *O Filho da Mãe* (2009) recria histórias de amor maternal paralelas que se opõem radicalmente à história de Ruslan, rejeitado pela mãe: o autor coloca em sua trama uma associação de mães que lutam por não aceitar perder mais filhos para as guerras e, assim, se organizam por uma luta comum contra as forças opressivas militares. Motivadas e unidas, lutam com a arma do amor até as últimas consequências. Neste sentido, Bernardo Carvalho toma este espaço narrativo como um campo de forças contraditórias, mostrando que o amor de mãe é profundo, mas também falha e perde.

O Filho da Mãe (2009) ultrapassa diferentes limites históricos, sociais, econômicos, culturais e geográficos. Bernardo Carvalho recria por meio do realismo representações do horror deixado pela guerra, que coloca povos irmãos em guerra: russos, ucranianos, tchetchenos. Independentemente do lado em que estão na guerra, às mães sofrem. No caso da guerra entre russos e tchetchenos, ainda havia o drama da exploração e da chantagem que se constituía em torno do “resgate” de reféns:

Sem resgate, rapazes da mesma idade e na mesma situação desapareceriam para sempre. As mães passavam os dias a procurá-los entre os corpos jogados na terra pestilenta, coberto de vermes e moscas, à saída de Grózni. (CARVALHO, 2009, p. 33).

O drama vivido por esta personagem, Zainap, já idosa na condição de avó, demonstra a intensidade do amor de mãe e de avó: ela estava com seus momentos de vida contados, mas, logo após resgatar o neto das mãos dos russos, decide sair daquele ambiente. Conhecedora e experiente, sabia como deveria agir para mudar o rumo da história de seu neto. Buscaria um meio, ainda que ilícito, para enviá-lo a São Petersburgo, onde teria trabalho garantido na construção civil e daria continuidade à sua vida, mas para isso, decide revelar seu grande segredo:

Desde o início, onde começa seu segredo. Vai começar pelo desaparecimento do próprio marido, Arstan, durante uma deportação, no inverno de 1944. Vai contar ao neto que como o suposto avô desapareceu no trem a caminho do Cazquistão, antes de o filho nascer, antes mesmo de o filho ser concebido. Nunca contou isso a ninguém. Nem mesmo a Chakhban, que tinha todo o direito de saber quem era seu pai. Manteve calada por mais de quarenta anos. E agora antes de desaparecer, vai revelar ao neto uma história de mães e filhos. E isso apenas para chegar até a mãe dele, de quem tão pouco lhe falara até então. Vai contar essa história para salvar Ruslan, para convencê-lo a sair dali sem ela. (CARVALHO, 2009, p. 37)

A passagem só é revelada por Zainap pela proximidade de sua morte e para o encaminhamento de seu neto Ruslan e diz respeito a fatos passados de sua vida relacionados a um histórico familiar fraturado pela ação do tempo e da guerra. Zainap faz uma declaração chocante ao neto, revelando a ele que seu pai não era filho biológico do então avô paterno a quem o pai sempre imaginou ser filho legítimo. E ainda revelou ao neto que ele foi abandonado por sua mãe ainda recém-nascido. Ademais, sua mãe estaria viva e residia em São Petersburgo.

A obra carrega em sua essência o híbrido narrativo, que Bernardo Carvalho saca como recurso de composição para a narrativa, nesta o gênero secundário que é a carta a compõe de forma implícita sendo apenas mencionada no decorrer da trama, como se observa na passagem: “É claro que não irá mencionar a carta que escreveu faz três dias e que conseguiu enviar na véspera, apesar de todas as barreiras e interdições, porque tudo tem um preço” (CARVALHO, 2009, p. 37). Nota-se que a obra reflete um momento histórico de tempos difíceis vivido em um clima de guerra, onde o cidadão civil não tinha liberdade para transitar. Era cerceado e limitado por barreiras físicas e humanas, neste meio o sentimento de mal-estar se instaura, esta mãe conhecedora dos caminhos para se manter viva neste tempo, sabe como buscar realizar seus objetivos independentemente se tiver de ser por meios ilícitos, tentará romper as barreiras para salvar a vida de seu neto. Irá se submeter a uma prática ilegal de suborno de militares, muito comum nesta época histórica, por meio do pagamento de propina.

Esse trecho refere-se ainda à personagem Zainap que, antes de convencer Ruslan seu neto, a sair de uma zona de conflito local, onde viveram por anos, e seguir uma nova vida em São Petersburgo, consegue, também por

meio ilícito, enviar uma carta para a mãe biológica de seu neto. Na carta, a avó comunica que seu fim estava próximo, e o filho gerado por ela seguiria sozinho na vida, porém se encontraria mais próximo dela na mesma cidade que residia. Zainap, após perder tudo, marido, filho e sua casa em Grózni, resolve empregar o pouco de dignidade lhe restou para viver seus últimos dias em um campo de refugiados inguche na Tchetchênia e encaminhar seu neto para uma nova vida,

Aos setenta e oito, doente e sem remédios, coagida pela guerra, teria preferido morrer no que uma vez fora sua casa, e que subsistia por um milagre entre ruínas calcinadas e pó, a ser enterrada num mísero campo de refugiados, numa terra estranha. Mas agora era a vida do neto, e não a sua, que estava em jogo. (CARVALHO, 2009, p. 17)

A obra percorre a seara do direito à tomada de decisão individual como a personagem Zainap que mesmo vivendo em um ambiente destruído e sem dignidade e respeito humano, carrega o amor histórico pelas raízes e pela terra natal, estes sentimentos geram uma infinidade de consequências para a vida pessoal destas mulheres que convivem e resistem nesta zona de conflito com seus filhos, os filhos da guerra.

Uma dessas personagens é Anna, mãe de três filhos, que, em sua juventude, viveu uma crise existencial que a obrigou decidir entre o amor próprio e o amor maternal; ela optou pelo amor próprio e abandonou a possibilidade de vivenciar a maternidade, tornar-se esposa e formar uma nova família naquela fase de sua vida.

A decisão de abandonar seu primeiro amor e também seu primogênito Ruslan, foi motivada e influenciada por diversos fatores culturais, interétnico, econômicos e sociais, que pesaram nesta difícil escolha, levando-a optar pela negação daquela realidade presente. Anna decidiu, porém, abandonar seu primeiro amor e o fruto deste relacionamento e não assumir a maternidade nesta fase de sua vida. A tomada de decisão foi motivada pelo egocentrismo de uma mulher, que optou por realizar seus próprios projetos de vida e afastar de si tudo que pudesse atrapalhar e destruir seus sonhos pessoais e profissionais de juventude. Em uma época dominada e orientada pela voz masculina, as mulheres dificilmente se posicionavam e decidiam pelo amor próprio. A atitude de Anna ressoou como um grito de liberdade individual e

feminina, em uma época marcada pelo militarismo, deixando marcas e muitas consequências por esta tomada de decisão, no decorrer de sua vida.

O espaço que este personagem tchetcheno Ruslan adentrará será o espaço urbano da grande metrópole São Petersburgo, às vésperas da comemoração do tricentenário da cidade, ambiente que proporcionou vários encontros. Entretanto, um reencontro entre duas amigas de adolescência Marina e Lúlia, constitui um outro fio narrativo do romance.

Separadas no tempo, e pelo destino, devido a escolhas individuais que afastaram seus caminhos por quase quarenta anos, elas se reencontram em meia idade, neste espaço urbano da grande metrópole. Cada uma com sua história de vida, vivendo seus dramas pessoais e suas frustrações. Marina viúva e mãe de Pável seu filho caçula:

Marina explicou como foi parar no Comitê das Mães dos Soldados de São Petersburgo, por causa do filho caçula, enviado para a Tchetchênia, mais de dois anos antes, porque na época não tiveram dinheiro para pagar a propina que garantia sua admissão na faculdade. A matrícula o teria liberado do serviço militar compulsório. (CARVALHO, 2009, p. 17)

Já a personagem Lúlia, que não pode ter filhos por uma decisão radical tomada e influenciada também pelo poder de Estado “Há mais de vinte anos, optamos por um procedimento radical para uma mulher de sua idade, que não tinha filhos, porque não queríamos correr riscos” (CARVALHO, 2009, p. 12), encontra-se separada há cinco anos, bióloga por formação, mas, atualmente trabalhando em uma agência imobiliária, onde atende telefone e faz relatórios. Lúlia mostra-se frustrada, como mostra a passagem: “Nunca foi nem pensou que pudesse ser uma cientista brilhante. Seguiria a carreira para fazer a vontade da mãe. No fundo, sempre quis ser poeta” (CARVALHO, 2009, p. 18). Neste ponto se observa uma característica recorrente do escritor Bernardo Carvalho suas personagens trazem uma insatisfação pessoal e profissional de não se sentirem pertencentes ao meio que atuam, vivendo uma busca constante, também se observa o profundo desejo pela literatura e o sonho de tornarem-se poetas e escritores. Este amor pela literatura ultrapassa o limite das obras e reflete a vida do próprio Bernardo Carvalho, que não se realizava com a sua profissão de jornalista e desejava se tornar escritor. A princípio, este reencontro acontece por um objetivo comum entre as personagens, um instinto

maternal que reúne mulheres e mães em prol de jovens que foram sequestrados e obrigados a viver em meio às torturas e aos abusos de militares em um estado de guerra.

Observa-se os motivos que levaram a personagem Marina a se tornar uma militante no Comitê das Mães dos Soldados de São Petersburgo, uma organização humanitária, destinada a auxiliar mulheres russas em busca de seus filhos, presos, perdidos, desaparecidos ou mortos:

Marina terminou recorrendo às Mães dos soldados e, ao cabo de dois meses de esforços e contatos com a procuradoria do exército, descobriu que o filho tinha sido sequestrado por milícias tchetchenas e que era dado por morto. Partiu sozinha para Grózní, descobriu onde estava o filho, negociou pessoalmente o resgate com os sequestradores e o trouxe de volta para São Petersburgo. (CARVALHO, 2009, p. 17)

Marina, mais uma figura feminina forte que compõe esta obra criando seu filho sozinha e sofrendo com as consequências da guerra. Infelizmente no decorrer do caminho perde seu filho, em decorrência da violência que gera problemas emocionais e psicológicos, decorrentes dos resquícios deixados pelas torturas e horrores do tempo vivido junto ao exército russo, como se observa na seguinte passagem:

Só fui entender quando passei a defender os filhos dos outros. Quando não fui capaz de salvar o meu. O exército estava atrás dele, queriam que voltasse para a guerra. E eu deixei sozinho. Quando entrei no apartamento, Pável estava pendurado no lustre da sala. (CARVALHO, 2009, p. 186)

Marina é uma mulher determinada, que mesmo após perder seu filho, em consequência de uma política militar opressora, segue sua vida motivada por valores coletivos, em busca de resgatar e salvar outros jovens, filhos de outras mães: “Comitê das Mães dos Soldados de São Petersburgo [...]. Ouviam caso por caso, esclareciam dúvidas e examinavam documentos” (CARVALHO, 2009, p.12). Ela era voluntária neste comitê de mães que promovia informação a mulheres desesperadas em busca de seus filhos.

Sua luta coletiva visa salvar filhos de outras mães do terror, que a guerra gera; não tendo muito a perder, unida a outras mulheres que sofrem pela mesma dor ou por não terem a oportunidade da maternidade, trabalha neste Comitê, na tentativa de salvar a vida de jovens que poderiam ser seus filhos. As guerras continuam causando sofrimento para muitas mulheres e mães, que

carregam o pesado fardo de serem provedoras do material humano primordial que promove guerras e conflitos humanos, os homens, seus filhos, o fomento que propicia e dá continuidade à violência e à guerra.

Agora, em busca por outros filhos que foram obrigados a viver a infeliz experiência militar em ambientes de conflitos e de guerras, mulheres se unem motivadas pelo mesmo sentimento de dor e perda. Como se observa no trecho de Carvalho, (2009, p. 20): “A mãe tem medo de procurar as Mães dos Soldados. Acha que pode ser pior. Tem medo de represálias. Pensa que vão matar o filho no quartel”. Mas, organizadas por meio de uma ONG (Organização Não Governamental), promovem orientação e amparo para outras mulheres desesperadas, que procuram ajuda para reencontrarem seus filhos vivos ou mortos.

As ONGs atualmente significam um grupo social organizado, sem fins lucrativos, constituído formalmente e autonomamente, caracterizado por ações de solidariedade no campo das políticas públicas e pelo legítimo exercício de pressões políticas, em proveito de populações excluídas das condições de cidadania.

Observamos o realismo empregado à obra, por meio de elementos da realidade, como a ONG “Comitê das Mães dos Soldados de São Petersburgo”, que de fato existe. Ela organização faz parte da história real deste espaço urbano em São Petersburgo, que tem a função social e singular de ajudar e orientar mães desesperadas, em busca por notícias de seus filhos desaparecidos, vivos ou mortos, que foram arrancados do seio familiar para prestar serviços militares.

Temos a utilização do realismo como recurso que promove na obra uma riqueza de detalhes estando refletidos nos motivos que unem as mães, no ambiente recriado, nos dramas pessoais vividos em um espaço urbano correspondente a uma organização não governamental que faz parte da realidade.

Bernardo Carvalho recria o tema literário desta obra, recuperando a base histórica da época de 1941, em que a URSS já era composta por várias nações de etnias e culturas diferentes, o bloco era formado pela Rússia, Ucrânia, Bielo-Rússia, Letônia, Estônia, Lituânia, Moldávia, Geórgia, Armênia, Azerbaijão, Turcomenistão, Cazaquistão, Tajiquistão, Quirquistão e

Uzbequistão. Com Stalin no poder, durante 25 anos, a URSS conheceu uma das mais sangrentas e cruéis ditaduras da história.

As diversas relações humanas fraturadas e esfaceladas representam uma diversidade de modelos familiares, nas quais mulheres assumem a função patriarcal de zelar pelo bem-estar da família ou do que dela restou, em meio a uma realidade social opressora. Em sua maioria, essas mulheres estão ligadas por um fio condutor, que é o amor maternal, em meio à dor e ao horror que as marcam profundamente resquícios deixados pelos tempos de conflito e a forma de governança.

De acordo com Oliveira (2017, p. 72), o romance *O Filho da Mãe* (2009), Carvalho elabora alegoricamente a atmosfera opressiva e controladora da São Petersburgo, anteriormente já ficcionalizada em narrativas memoráveis como em “*O capote*”, de Nikolai Gogol; em *Khadji-Murát*, de Leon Tolstói, e em *Pais e filhos*, de Ivan Turguêniev, além de o tema ter sido inspiração para o poema “*A mulher de lábios azuis*”, de Anna Akhmátova.

Os paradigmas de controle que a ficção problematiza, por meio da cidade, que é tomada como um observatório de onde tudo se vê, aliam-se aos modelos literários que, no passado, também tematizaram a cidade como um Big Brother no período da segunda guerra. A obra carrega referências intertextuais de Nikolai Gogol, Leo Tolstói, Mikhail Lermontov, Ivan Turguêniev, Anna Akhmátova entre outros.

Minha avó era a mulher de lábios azuis da introdução ao poema, lembra? Ela recitava de memória. Passei dezessete meses nas filas de prisões de Leningrado./Uma vez, alguém me reconheceu. E então uma mulher de lábios azuis atrás de mim, que obviamente nunca ouvira ninguém me chamar pelo nome, saiu do estupor ao qual tinham sucumbido e sussurrou no meu ouvido (ali todo mundo sussurrava):/ ‘Você pode descrever isto?’./ Eu respondi: ‘ Sim eu posso’./ E, então, o que parecia um sorriso passou pelo que um dia havia sido um rosto”. Os lábios estavam azuis de frio. (CARVALHO, 2009, p. 16)

E ainda:

A cidade foi construída segundo a lógica da visibilidade total. Onde estão, diferentemente do que ocorre nos becos ao longo da linha do trem, e nos prédios com seus labirintos internos perto da praça Vostânia, só há palácios com fachadas intransponíveis e salões dourados, a maioria decrépita, onde no passado nobres e ricos se protegiam da visibilidade das ruas atrás de paredes de espelhos. As avenidas são chamadas de perspectivas. Foram abertas para dar vazão aos desfiles militares e às demonstrações de poder. Não

importa se é o czar, o Estado soviético ou a polícia russa quem comanda a marcha. Não há onde se esconder nem para onde fugir. Acidade foi construída para ninguém escapar (CARVALHO, 2009, p. 132).

Nestas citações, Bernardo Carvalho apresenta uma metaliteratura promovendo um diálogo com o cânone mundial, sobre o qual faz referências diretas a escritores como Tolstói e Ossip Mandelstam. Como relações dialógicas entre o romance e *O Capote* (1842), de Nicolai Gogol, e *O Duplo* (1846), de Fiódor Dostoiévski, mas, neste momento, não nos ocupamos de tal tema.

Outra personagem feminina marcada pela dor e por reflexos de escolhas passadas é Olga, mãe de um casal de filhos de pais diferentes. Sendo Andrei filho de um brasileiro exilado: “Alexandre decidiu voltar para o Brasil depois de vinte anos na Rússia. O caos que se seguiu ao fim do comunismo foi apenas o pretexto ou a gota d’água, porque ele e Olga já não se entendiam” (CARVALHO, 2009, p. 116). Bernardo Carvalho reproduz no romance situações reais do mundo contemporâneo em que mulheres estão expostas a relacionamentos afetivos fracassados, em sua maioria são abandonadas pelos parceiros deixando-as com seus filhos. Estas mulheres acabam submetendo-se a outros relacionamentos afetivos, motivadas pela insegurança, discriminação, medo, angústia de não conseguir manter este novo formato de família sem o homem, como amparo e segurança e provedor financeiro.

Após a separação de Alexandre, Olga iniciou um novo relacionamento com Nikolai um comandante da marinha russa e juntos tiveram uma filha levguênia. Entretanto o relacionamento entre Andrei e padrasto não era muito amistoso: “Logo começaram os desentendimentos entre o padrasto e o enteado, e Olga, por medo e desespero, pareceu ter tomado o partido do marido, nem que tenha sido apenas por se manter passiva e calada” (CARVALHO, 2009, pp. 116-117).

Em outra passagem temos o desejo do padrasto que seu entendo sinta e viva, como ele, as dores e os horrores da carreira militar: “Quer que Andrei siga a carreira militar. Para que seja um homem. Foi para o bem dele que o pôs para fora de casa, para que aprendesse com a vida. [...]. Andrei nunca se entendeu com o padrasto” (CARVALHO, 2009, p.146). O jovem apresenta transtornos, mas sua mãe, refém de uma relação abusiva e de dependência,

não consegue enfrentar seu companheiro e tomar uma decisão favorável a seu filho, obrigando-o a seguir uma carreira militar e realizando o desejo de seu padrasto. Já no quartel Andrei tenta manter sua sanidade mental, escrevendo,

As cartas que escreve eventualmente, à noite, não passam de exercícios de comunicação, para não perder a prática, já que não pode enviá-las. Vai rasgá-las de qualquer jeito. Não conversa com ninguém. Não fala nem mesmo com as paredes, um vício de infância ao qual costumava recorrer, quando estava só, em Vladivostok, mas que interrompeu, providencialmente, nem que tenha sido por um espírito igualmente inconsciente de sobrevivência quando chegou ao quartel. (CARVALHO, 2009, p. 97-98)

O trecho acima, confirma o sofrimento do jovem Andrei e demonstra a forma encontrada por ele para se manter vivo no quartel. O recruta logo descobriria sua outra função no quartel e que seria submetido, aos abusos sexuais, e que esta forma autoritária era uma maneira que seus superiores utilizam para manter o poderio militar o “dinheiro da prostituição para o sustento do exército russo” (CARVALHO, 2009, p. 120). Estes abusos promoverão o encontro entre Andrei e seu companheiro, uma relação que nascerá de uma forma violenta e obscura.

A união entre esses dois jovens Ruslan e Andrei, marcados por traumas familiares, guerras e conflitos, se desenvolve por um afeto sincero, amor que não se confunde com amor de mãe ou fraternal. Ruslan, que havia escapado da guerra pelos méritos de sua avó Zainap, ao cruzar a fronteira da Tchetchênia com a Rússia, havia se tornado um estrangeiro. Longe de sua terra natal, mostra-se suscetível a diversas formas de violência. Andrei, filho de mãe russa e de pai brasileiro exilado, é obrigado por seu padrasto a se tornar recruta e a servir o exército russo. Este espaço urbano da Rússia, ambiente turbulento e em reconstrução, torna-se a ponte para o encontro destes jovens Andrei e Ruslan, que se transformará, por sua vez, em uma mística, efêmera e trágica história de amor. Estes personagens irão viver uma história de amor subterrânea, em meio às ruínas deixadas pela guerra como se observa na passagem:

É possível que não se dê conta de que terminou por associar o sexo às ruínas e ao risco, à força de tê-lo descoberto em meio a uma guerra, e de buscá-las, as ruínas, sempre que encontra alguém, por ter sido obrigado a reconhecer nelas o cenário reconfortante do lar

onde já não há possibilidade de reconforto. Quando não há mais nada, há ainda o sexo e a guerra. O sexo e a guerra são o que todo homem tem em comum, rico ou pobre, educado ou não. O sexo e a guerra não se adquirem. A ideia de uma vulnerabilidade maior que a sua lhe desperta o amor (CARVALHO, 2009, p. 139).

Este relacionamento amoroso marginal e místico está ligado diretamente à decadência das personagens Ruslan e Andrei, que já não têm mais nada a perder, tudo lhes foi subtraído, desde a dignidade até os direitos adquiridos pelo Estado, que deveria resguardá-los.

Este relacionamento amoroso os une por muitas características comuns, a desolação das guerras, a ausência do amor maternal e carência afetiva só lhes restando viver, “Na capital da visibilidade, do poder e da beleza planejada, ele só vê o horror, o bunker, a cidade sitiada para sempre”. (CARVALHO, 2009, p. 178). Eles se encontram na penumbra das noites, assim não são vistos nem julgados na cidade das noites brancas; em São Petersburgo, vivem uma história de amor fulminante e invisível aos olhos de todos. Temas personagens vivendo suas crises existenciais ambos não se encaixam neste formato de mundo carregam um vazio existencial pela inadequação e exclusão do tempo em que apenas sobrevivem.

O *Filho da Mãe* apresenta uma multiplicidade de vozes – muitas delas marginais e marginalizadas, homossexuais, refugiados, *skinheads*, doentes mentais – associando-se à vertente pós-moderna e expondo diversos sentimentos vividos, consequência das mazelas consequência das diversas formas de guerras. De acordo com Oliveira (2017), o discurso literário das personagens revela a falência da promessa moderna, que visava o bem-estar comum aos cidadãos. Este bem estar, dito pelo estudioso se baseia na justiça, na execução das normas pré-estabelecidas, no acolhimento no respeito às diferenças desta dita minoria que seja realmente parte da sociedade.

Os relacionamentos humanos, independentemente de cultura, época ou lugar, continuam os mesmos, em sua essência: são movidos por sentimentos contraditórios e opostos entre si, como amor e ódio. O *Filho da Mãe* recria diversas formas de desespero, desamparo e desesperança, vividas por personagens que poderiam estar ligadas por um fio condutor, que é o amor e o desejo de mudança. Mas, será no cenário da grande metrópole que a

personagem Ruslan será negado pela segunda vez por sua mãe biológica Anna,

E, antes de poder sentir o que quer que seja, antes de poder vacilar ou lembrar ou lamentar, uma força que vem ela não sabe de onde a impele a reagir como se estivesse diante de um agressor decidido a dar cabo de sua vida, e só lhe restasse lutar pela sobrevivência. É um ódio cego, que ela projeta no rapaz na sua frente, mas que muitas vezes já sentiu por si mesma. [...] Eu já paguei pela minha irresponsabilidade. Não vi a hora de abandoná-los. É isso que você quer saber? [...] - Mas já paguei, está entendendo? Não devo mais nada. Que mais você quer saber? Que eu tentei me matar? Eu jamais quis ser mãe. Por que você não me deixa em paz? (CARVALHO, 2009, pp. 91- 92)

No trecho acima temos o reencontro e a confirmação por meio da verbalização da personagem Anna, mãe de Ruslan, que assume para o filho, que nunca desejou assumir essa maternidade e nem mesmo sonhou em tê-lo por perto e participar de sua vida. Preferiu renegá-lo e abandoná-lo, tendo diversos motivos que justificassem tal decisão. Se o assumisse acabaria com todos os seus sonhos de juventude, com a possibilidade de ter uma vida profissional bem sucedida e encontrar um companheiro que estivesse no mesmo nível social e econômico de sua família. Assim fez sua escolha, refez sua vida realizou seus sonhos e formou uma nova família, sendo mãe de outros dois filhos com seu esposo Dmitri. Nesta passagem, temos uma mulher que toma a difícil decisão de seguir sua vida sem seu primogênito, com isso o autor inverte as posições de homens e mulheres, proporcionando aos leitores um novo olhar para a forma de abandono e de tomada de decisão. Propondo um olhar amplo e sem pré-conceitos analisando a forma de abandono, quando o homem abandona seu filho tem o mesmo peso de quando uma mulher abandona o filho para realizar seus desejos e interesses. A dor é a mesma, as consequências e as angústias têm a mesmas proporções para a vida destes envolvidos. Estas são algumas possibilidades que o escritor nos propõe a pensar, pois se o homem foi criado para ser feliz ele pode fazer suas escolhas, mas, terá que viver as consequências destas motivações.

Desta relação fraturada nasceu o ódio entre irmãos que não se reconhecem e não se aceitam: “Ruslan fita o irmão. Tenta ver nos olhos aguados do rapaz de Petersburgo a vida que poderia ter tido, mas não vê nada.” (CARVALHO, 2009, p. 93). O repúdio e o desamor brotam neste

encontro, desenvolvendo uma relação trágica entre os irmãos Ruslan e Maskim:

Olha para os lados e larga o irmão. Está cercado por cinco rapazes armados com barras de ferro. - O tom agora vai ser outro. Você vai pagar pela presunção e pela burrice. Como é que pôde pensar que ela viria a um lugar destes para te encontrar a esta hora? Você acha que ela é o quê? Acha que ela é como as mulheres da sua terra? Você ofendeu a minha mãe e vai pagar por isso. Vai ter que pagar. Como é que foi passar pela sua cabecinha de merda que ela pudesse amar um porco como você? Você não se enxerga, seu bunda-preta filho-da-puta? Que é que você está fazendo na Rússia? Aqui não é o seu lugar. Os cinco se aproximam de Ruslan. Com os braços sobre a cabeça, ele se protege como pode dos golpes que lhe desferem, enquanto gritam injúrias em nome da pureza do sangue da pátria. Cai de joelhos já no quinto golpe, segurando o braço deformado pela pancada. Sua queda é acompanhada de um uivo, e os cinco avançam com mais ímpeto, sem medo. As barras de ferro o atingem na cabeça e nas costas. Um filete de sangue escorre pelo ouvido enquanto o corpo desaba no chão. Dmítri acompanha, impassível, o espancamento. Em meio aos golpes, ouve-se um grito que vem de fora, de alguém que chama pela polícia. (CARVALHO, 2009, p.177)

Nesta passagem, temos a não aceitação sofrida por Ruslan por parte seu irmão Maskim, que acaba por se tornar seu maior agressor, visto que Dmítri seu padrasto acompanhou, estático, toda a agressão promovida por seu filho. Visto que Dmítri tem função de polícia em uma função do cargo que ocupa e obrigatoriamente deve promover e zelar pela segurança da população, porém, age em benefício próprio protegendo o filho agressor e deixando o outro ser vítima de um crime de ódio. Na condição de testemunha Dmítri observou toda a violência promovida por seu filho Maskim, mas, motivado por um interesse próprio e egoísta de manter sua família unida, não age para acabar com o mal-estar promovido por atitudes fascista de seu próprio filho. Maskim atravessado por um sentimento de impunidade segue motivado por preconceitos adquiridos e consolidados ao longo de sua vida; ele reproduz, de maneira hostil, violenta e opressora, um pensamento intolerante e, munido da coragem fascista, investe contra a dignidade de seu irmão, unido a um grupo de amigos – que, carregados de uma mesma ideologia intolerante, racista, xenofóbica, homofóbica – agride Ruslan fisicamente com barras de ferro e verbalmente, por meio de palavras de baixo calão, até que Ruslan desfaleça.

O escritor toma este tema para discutir, em uma linguagem realista, as diversas formas de violências e crimes de ódio movidos por razões interétnicas, pela intolerância religiosa que são submetidos as minorias, estrangeiros,

homossexuais. Esta atitude de Dmitri se torna um elo de união entre pai e filho comparsa de um mesmo crime, e serão unidos por este segredo violento em função do individualismo como, Carvalho, (2009, p. 176): “Por antecedência, Dmítiri sente vergonha da covardia do filho - e da sua própria. Da sua cumplicidade sonsa”. E ainda:

Sentem-se mais próximo de Maskim agora guardam o mesmo segredo. Agiram para salvar a família. E essa cumplicidade garante seu silêncio e aplaca a culpa de ter usado o filho. Se depender deles dois Anna nunca saberá nada. (CARVALHO, 2009, p. 183).

Observa-se que a violência é uma ponte que transporta, por entre as diversas fronteiras, o sentimento de mal-estar comum nos diversos lugares do mundo: em todo o mundo, povos irmãos lutam entre si; em todo o mundo, vozes intolerantes se levantam contra o direito da diversidade; em todo o mundo, as lutas coletivas pela paz são sufocadas por interesses econômicos da guerra.

Atrelado a outros sentimentos, como a impunidade que fratura as relações pessoais e fraternais e fere os direitos assegurados aos indivíduos que possuem tal liberdade para transitar nos demais territórios. O rapaz ferido é Ruslan, morto, vítima do fascismo, um crime de ódio que envolveu outros vários jovens russos motivados pela xenofobia, racismo:

- É meu amigo – Andrei diz. – Não é daqui – continua, agora já empunhando o passaporte que tirou do bolso da calça e que coloca na mão do rapaz ensanguentado em seus braços. Aperta os dedos do rapaz desacordado, forçando-o a segurar o passaporte. Mas os dedos já não têm vida própria. [...] – Vocês têm que tirar ele daqui, desta cidade, deste país. Ele não é daqui. É estrangeiro. Não tem nada a ver com isso. Está aqui o passaporte dele. Alguém tem que salvá-lo! (CARVALHO, 2009, p. 179)

Na passagem observa-se a relação de amor e amizade profunda entre dois jovens que se reconhecem, se aceitam e se preocupam enquanto a sociedade os renega e exclui. Andrei tenta esclarecer que o jovem que agoniza no chão por ter sido espancado era um estrangeiro, vítima de um crime de ódio em um ambiente urbano, tomado por um grupo de *skinhead* que torna a cidade ainda mais violenta e intolerante.

A atitude tomada por Andrei, ao defender seu companheiro, pedindo socorro e afirmando que o mesmo deveria ser expatriado, já que possuía um passaporte que comprovava e o identificava como estrangeiro, demonstra a

vulnerabilidade de grupos considerados minoritários, expostos à truculência fascista. Neste trecho, observa-se o realismo utilizado como ferramenta para o escritor que não alegoriza a cena, descrevendo-a de forma dura e clara para que a forma violenta da agressão sofrida pela personagem seja também um grito pela paz e justiça desta sociedade que insiste em não tomar defesa pela minoria. Esta voz, que vem da minoria se faz eco, unida à imprensa por meio de uma notícia divulgada, impacta outros turistas estrangeiros, remetendo-os a um clima de preocupação e ao sentimento de mal-estar vivido por consequência da violência, como se lê na passagem:

Os turistas conversam com uma mulher risonha e falante, com um sotaque que Anna não identifica. – Não, não sou russa; sou brasileira – a mulher esclarece. Vivi em Paris, quando era estudante. Se gostei de São Petersburgo? [...], mas me parece que também há muita violência. [...] Um rapaz foi espancado até a morte. À noite, no bazar. Bem no dia que eu cheguei à Rússia, e não posso dizer que isso não tenha me deixado com uma impressão estranha. (CARVALHO, 2009, p. 184).

O autor recria situações que remetem aos crimes de ódio envolvendo o racismo, xenofobia e a homofobia. O escritor Bernardo Carvalho reproduz, por meio da história dos jovens irmãos, situações de mal-estar, promovidas pelo fascismo. Este sentimento de mal-estar, que é gerado pela falta de valores como ética, amizade e hospitalidade, é representado pela figura do estrangeiro, vivido pela personagem Ruslan, da obra *O Filho da Mãe*.

A personagem é um estrangeiro e não recebe o acolhimento necessário fora de sua terra, e muito menos a aceitação do outro, que é seu próprio irmão de sangue, a personagem Maksim, filho da mesma mãe que o ataca com fúria e ódio.

Está cercado por cinco rapazes armados com barras de ferro.- O tom agora vai ser outro. Você vai pagar pela presunção e pela burrice. Como é que pôde pensar que ela viria a um lugar destes para te encontrar a esta hora? Você acha que ela é o quê? Acha que ela é como as mulheres da sua terra? Você ofendeu a minha mãe e vai pagar por isso. Vai ter que pagar. Como é que foi passar pela sua cabecinha de merda que ela pudesse amar um porco como você? Você não se enxerga, seu bunda-preta filho-da-puta? Que é que você está fazendo na Rússia? Aqui não é o seu lugar. (CARVALHO, 2009, p. 177)

Esta situação de não aceitação e disputa acontece entre irmãos Ruslan e Maskim, configurando uma rivalidade, tema clássico da literatura e do cânone

religioso, a Bíblia, na qual se encontra o famoso relato de um “primeiro” homicídio, no episódio protagonizado por Caim e Abel¹: possuído por ciúmes, Caim armou uma emboscada para seu irmão e sugeriu a Abel que ambos fossem ao campo e, lá chegando, Caim matou seu irmão. Já na obra contemporânea de Bernardo Carvalho, temos o mesmo embuste, mas com uma proporção ainda maior, dada pelo fascismo.

Quando Maskim, se reúne com seus amigos xenofóbicos e racistas, além de utilizarem da violência psicológica, com palavras ofensivas, cometem um crime de ódio contra Ruslan. Nestas passagens, observa-se o esforço do autor em tratar da cena com realismo, ao criar personagens enfurecidos e tomados pelo ódio representados no romance de ficção.

Ao cometer um crime de ódio, o sentimento gerado pelas personagens é o da não aceitação do outro. Em Todorov (1999, p.175), Sallenave escreve, “É dentro e através da literatura que a ‘vida comum’ é redimida, desfigurada. Não é possível ‘estar no mundo’ sem o apoio dos livros”. De acordo com o estudioso o escritor contemporâneo recria situações por meio do realismo que impactam como na passagem:

Os cinco agressores se assustam e debandam. Só Maksim permanece, paralisado diante do corpo caído no chão com a cabeça numa poça de sangue. É uma espécie de fascínio. Não consegue arredar o pé. Começa a tremer convulsivamente. (CARVALHO, 2009, p. 178)

Por meio da ficção, compreendemos o mundo com maior facilidade, visto que o recurso da imaginação pode nos colocar no lugar do outro. Pela capacidade que tem de ser levada ao extremo, a literatura tem o poder de promover reflexões importantes que afetam a sociedade. A morte de Maskim é um extremo, afinal, ele é assassinado; todavia, no mundo milhares de homens e mulheres são vítimas mortais do ódio disseminado contra as relações afetivas entre pessoas do mesmo sexo.

Em circunstâncias menos extremadas, mas muito perigosas, a passagem da morte de Maskim pode também remeter a um movimento cruel conhecido como *bullying*, que constitui um ataque de um coletivo contra um

¹ Episódio narrado na Bíblia, Livro de Gênesis, Capítulo 4. Cf.: A BÍBLIA. **Jesus lava os pés aos discípulos**. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008. 1110 p. Velho Testamento e Novo Testamento.

indivíduo. Esse movimento de intolerância e tortura psicológica, atinge milhares de crianças e adolescentes, que acabam buscando rotas de fuga no isolamento das redes sociais.

Todas as questões de violência discutidas nas obras de Bernardo Carvalho são de grande relevância, mas, esta questão do *bullying*, em especial, requer uma atenção, pois é um incubadora a semente do ódio e da intolerância, pois acirra o movimento em direção a uma unidade, não à diversidade.

O *bullying* atinge uma grande parcela de crianças e adolescentes, que acaba buscando refúgio na tecnologia, onde encontra companhia que não obtém na vida real; assim, esses jovens, adolescentes e crianças acabam transferindo os anseios e os medos para o mundo virtual, onde se transformam em “viciados em tecnologia”. Este é um problema contemporâneo e mundial, e segundo estudiosos, está acometendo muitos jovens, que apresentam sintomas deste vício, e as consequências são inúmeras como a queda no rendimento escolar, a insônia e o nervosismo sem causa aparente.

Vi Vássia crescer. Ele brincava de polícia-e-ladrão com as crianças do prédio. [...] eu o encontrei escondido no vão da escada. Ele me fez um gesto de silêncio, para eu não revelasse o esconderijo a ninguém, mas o jogo já tinha terminado fazia horas e todas as outras crianças já estavam de volta a suas casas. Até aquele dia eu nunca tinha notado. Sempre ficava escondido depois do jogo acabar. Os outros o esqueciam. Com o tempo, foi ficando mais introvertido, só saía do quarto para ir à escola. Nos últimos anos, passava as noites no computador. Até que um dia a polícia apareceu e o levou. Parece que tinha conseguido tirar do ar o site não sei qual agência do governo. (CARVALHO, 2009, p. 19)

E ainda,

Vássia ficou um ano no reformatório. [...] Acabou não passando de ano. E, quando voltou para casa, já estava na hora de ser incorporado. [...] visitar o filho no hospital militar. [...] Vássia foi espancado. Teve duas costelas e um braço quebrados. Ficou dois dias em coma. [...] Não quer voltar para o quartel e ter que se submeter de novo aos rituais absurdos da *dedovschina*. (CARVALHO, 2009, p. 20)

Para Todorov (1999, p.135), o ser humano não se satisfaz em vir ao mundo físico como animais irracionais; desde o seu nascimento, é considerado um duplo para a vida biológica e para a vida social:

Ao mesmo tempo em que chega ao mundo, ele entra em uma sociedade da qual adquire as regras do jogo, o código de acesso, que chamamos de “cultura”: as tradições, uma língua, as regras de conduta. A cultura tem dupla função: “cognitiva”, por ela nos propor uma pré-organização do mundo a nossa volta, um meio de nos orientarmos dentro do caos de informação que recebemos a todo instante e avançarmos à procura do verdadeiro [...]; e “afetiva” por permitir percebermo-nos como membros de um grupo específico e retirarmos dele uma confirmação de nossa existência. (TODOROV, 1999, p. 134)

A necessidade desse reconhecimento e desta confirmação em nossa existência não se limita à nossa infância, ela percorre e domina a continuação da vida social do indivíduo por toda sua existência. No mundo sociocultural, somos classificados e subdivididos em grupos a princípio por pertencermos a uma determinada cultura. Um dos sentimentos que pode causar o mal-estar é o desamparo, no sentido que precisamos estabelecer referências sólidas de identificação. Só assim se torna possível fixar-se a um determinado grupo, em um cenário de transitoriedade contínua.

O trecho apresenta um personagem em trânsito, um estrangeiro que está de passagem pela cidade de São Petersburgo, e logo é impactada com a notícia de que cidade está tão violenta, como tantos outros lugares do mundo que conhece. Outras personagens estão em trânsito, por diversos territórios em espaços urbanos, ultrapassando também as fronteiras territoriais, entre outros espaços geográficos como o da selva amazônica e o mar do Japão.

Como no trecho temos uma passagem que explica o serviço que Nikolai padraço de Andrei executava como comandante da marinha russa cumprindo sua função a serviço de seu país, “há dois anos quando recebeu a missão de despejar dejetos nucleares no mar do Japão”. (CARVALHO, 2009, p. 150) Observa-se na passagem a forma realista com que o escritor trata os temas atuais como os crimes ambientais que degradam o meio ambiente e afetam a saúde de povos inteiros.

Esta é uma consequência promovida pela falta de ética, respeito, responsabilidade de um governo para com uma nação, pois os mandos são provenientes de órgãos que detém o poder e, no entanto, deveriam se preocupar em preservar os recursos naturais e não promover a degradação. Podemos observar como o autor recria estes temas socioambientais utilizando-se de recursos do realismo pois é uma fonte inesgotável de exploração para temas de relevância que ultrapassam fronteiras, ressoam sem limites fazendo

eco em todo território do globo terrestre pois este é um tema de relevância para todos os povos e nações.

Nesta outra passagem observa-se a função de Alexandre, o pai biológico de Andrei, que também exerce uma função ilícita e utiliza-se de uma prática escusa já em solo brasileiro. Alexandre é um traficante de plantas com propriedades medicinais roubadas na floresta Amazônica e vendidas ilegalmente para um comprador francês. Esta é uma prática ilícita que burla as leis ambientais impostas pelo país o Brasil, já que Alexandre é brasileiro e por isso tenha conhecimento das leis e regras impostas pelo país. Segue o trecho:

Antes de cruzarem o a mala, acondicionamentos de escusos, contatos na polícia dos dois lados da fronteira, propinas nas alfândegas, noites mal dormidas na selva. Faz dois anos que vem fazendo o mesmo trajeto de avião a cada três meses a título de representante comercial de uma firma de autopeças que não existe. (CARVALHO, 2009, p. 162)

De maneira realista, o trecho que remete forma como é feita a viagem por Alexandre para exercer a função escusa que lhe compete como traficante de plantas. Neste romance o autor omite o jogo entre o ficcional e o biográfico, em consequência da escolha do narrador em terceira pessoa. Esta opção confere certa agilidade à narrativa.

Assim como *Mongólia* (2003) e demais romances de Carvalho, *O Filho da Mãe* (2009) entrelaça o itinerário errante do sujeito contemporâneo, vivendo às tensões do mundo globalizado, traço que coloca o leitor em contato com conflitos culturais e sócio-políticos urgentes, ao mesmo tempo em que (re)apresenta a face imemorável da intolerância. Tendo como palco a Rússia do século XX, o romance apresenta questões perturbadoras, como a intensa repressão sofrida pelos homossexuais no Leste Europeu; os sangrentos conflitos entre russos e tchetchenos; a corrupção e a decadência das forças armadas russas; o enraizamento da sujeição feminina; e as diversas facetas atribuídas à maternidade.

O narrador nos esclarece que, “As histórias de amor podem não ter futuro, mas têm passado” (CARVALHO, 2009, p.186). Este romance recria a diversidade do amor e do ódio, em várias fases vividas por personagens que, em certa altura de suas vidas, negaram seu presente, porém, não se furtarão

de reviver o passado que insiste em reencontrá-los, pois, as consequências de um amor negado, resulta em o filho da mãe.

3.3. A armadilha e o sacrifício perpétuo da infeliz bela alma em *Simpatia pelo Demônio*

“Você não me ama, só ama a si mesmo, mas o amor que eu também sinto por mim me faz te querer de qualquer jeito, apesar do seu amor por si mesmo, ou talvez por causa dele.”
(CARVALHO, 2016, p.174)

Simpatia pelo Demônio (2016) é o último romance lançado por Bernardo Carvalho, em 2016, pela Companhia das Letras. Nesta obra o autor apresenta uma literatura de dissenso, por meio de uma trama ficcional recheada de conflitos contemporâneos, tais como terrorismo, guerras, relações afetivas conflituosas, milícias religiosas, comunicação em rede, homossexualidade, de forma ampliada aborda os diversos níveis de violência: social, histórica, virtual, mundial e íntima.

Com engenho narrativo e atravessado por um fio condutor marcado pela violência humana nas instâncias individual e coletiva, Bernardo Carvalho recria conflitos entre povos eslavos. Todavia, como uma relação de irmãos rivais, esses povos lutam entre si: povos subjugados se rebelam para libertar-se do domínio do mais forte e do mais poderoso.

Essa luta é sangrenta e renhida, pois, além das questões étnicas, é fortemente influenciada por valores religiosos, defendidos como causa última para muitos, de todas as partes. Cristãos ortodoxos e islâmicos constituem os principais grupos religiosos que lutam entre si, acirrando a rivalidade étnica; essas disputas motivam ações extremadas por parte dos rebeldes, como ações terroristas.

Em *Simpatia pelo Demônio* (2016), Bernardo Carvalho se insere nesta realidade de disputa entre povos eslavos e retrata a violência e os dramas individuais vividos por personagens em crise existencial que se envolvem em relações amorosas violentas e trágicas.

Sobre a capa, Bosch e Carvalho:

Ao tomar o livro *Simpatia pelo Demônio*, editado pela Companhia das Letras, o primeiro impacto é a capa. Ela, em si, já constitui uma narrativa. Trata-se da edição publicada no ano de 2016. Pode-se dizer que, a partir da capa, a obra remete a um jogo narrativo, pelo qual a violência está estabelecida de forma generalizada. A capa foi elaborada por Claudia Espínola de Carvalho, artista plástica, que desenvolveu a arte da capa sobre um detalhe do quadro *São Cristóvão carregando o Menino Jesus*, de Hieronymus Bosch (c.1940, óleo sobre tela, 113x72, exposta no Museum Boijmans van Beuningen).

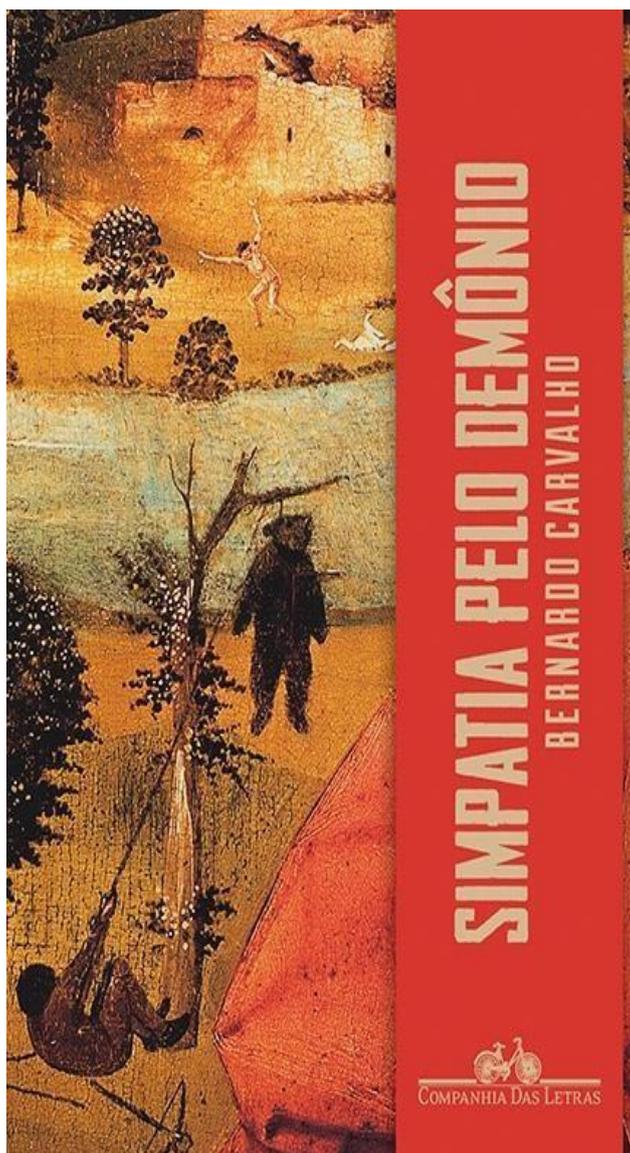


Figura 1 - Capa do livro “Simpatia pelo Demônio”

A capa, assinada por Claudia Espínola de Carvalho, é trabalhada em cores de matizes quentes e exuberantes, indicando temas inflamados, como paixões, guerras e sangue. A capa prenuncia, assim, não somente pelas cores,

mas também, e principalmente, pelas próprias imagens, uma narrativa tensa, repleta de disputas e confrontos.

A capa, como já dissemos, representa apenas um detalhe de uma famosa obra de arte *São Cristóvão* (1490), do grande pintor renascentista Hieronymus Bosch. Partindo para a tela em sua totalidade, vê-se um contexto de fuga, ruínas, pessoas em fuga, pessoas desesperadas. Abaixo, uma imagem mostra o quadro de Hieronymus Bosch em tela inteira, com um círculo indicando o recorte:



Figura 2 - "Saint Christopher" (1490) de Jheronimus Bosch

Como se nota, a capa constitui apenas um pequeno detalhe, do canto esquerdo da tela de Hieronymus Bosch. Em sua totalidade, a obra de Bosch apresenta ao fundo um quadro de destruição e terror, em que pessoas, frente a

um perigo indomável e incontornável, tornam-se selvagens e adquirem caráter assassino. Somente a imagem ao fundo, circulada e destacada, foi extraída para ser a arte de capa do romance *Simpatia pelo Demônio* (2016).

No detalhe, entre outros elementos, duas figuras humanas se destacam: uma, mais “próxima”, mostra a imagem de um “homem” dominando um urso por meio de um engenho técnico o arco e flecha.



Figura 3 - Urso, na capa do livro “Simpatia pelo Demônio” (2016) de Bernardo Carvalho Fonte: Google Imagem

O engenho humano utilizado, arco e flecha, proporcionou de forma certa abater este animal de grande porte e feroz, porém, irracional, que se deixou envolver por tal armadilha sendo abatido e exposto como um prêmio da superioridade humana. O homem, cuja maior capacidade advém da racionalidade, unida à inteligência humana, permite que seus objetivos sejam traçados e alcançados, eliminando as ameaças que colocam em risco sua vida

e sua segurança. Tais características permitem que o ser humano se destaque em relação aos outros animais que habitam este mundo terreno. Todo animal que se deixa envolver por armadilhas de outro animal será abatido exterminado.

“O homem simboliza um nó de relações cósmicas”, é o que afirma Chevalier (1906, p. 495-496). Na capa do livro *Simpatia pelo demônio*, uma das cenas que se destaca mostra um homem que já tem em seu poder um urso, abatido por uma flecha, ainda cravada em seu peito. A partir do universo simbólico apresentado no *Dicionário de símbolos*, de Chevalier (1906, p. 925), o urso preto – animal que acompanhava a Ártemis, uma divindade lunar, de ritos cruéis - encarna uma das suas faces da dialética ligada ao mito lunar: pode ser monstro ou vítima, sacrificador ou sacrificado. Na alquimia o urso simboliza uma força primitiva e mais:

o urso corresponde aos instintos e às fases iniciais da evolução. Sua cor é o preto da matéria primeira. Poderoso, violento perigoso, incontrolado, como uma força primitiva, foi tradicionalmente o emblema da crueldade, da selvageria, da brutalidade. Mas, e o outro aspecto do símbolo aparece aqui, o urso pode ser, numa certa medida, domesticado: dança, é hábil com uma bola. Pode-se atraí-lo com mel, pelo qual é apaixonado. Que contraste entre a leveza da abelha, cuja substância ele ama, a da dançarina, cuja passo ele imita, e sua lentidão nativa! Simbolizaria, em suma, as forças elementares suscetíveis de evolução progressiva, mas capazes também de terríveis regressões. (CHEVALIER, 1906, p. 925)

Já a flecha, segundo Chevalier (1906, p. 435), é um símbolo de unificação, de decisão e de síntese. Em “oposição ao forçado, a flecha é um objeto apropriado para simbolizar a ruptura da ambivalência, a projeção desdobrada, a objetivação, a escolha, o tempo orientado”. E ainda indica a direção certa das vítimas. Se fizermos a relação objetiva com as duas ferramentas de épocas históricas distintas, teremos a flecha e a internet. Duas ferramentas com alto poder de precisão e destruição.

A internet sendo uma arma da contemporaneidade e a flecha cunhada em madeira representa na arte da capa representa outra época distante, porém, ambas possuem velocidade e um poder certo e devastador. Se analisarmos a imagem do urso morto e pendurado em uma árvore, que é o símbolo do conhecimento (bem e o mal), atacado por uma flecha lançada por um homem, podemos compreender que a capa nos remete à totalidade da narrativa de Carvalho.

Partindo das características do urso, podemos fazer uma das várias e possíveis leituras que a arte da capa nos proporciona. Se relacionarmos a simbologia do urso, que traz características de uma dupla personalidade, podendo representar um duplo sentido animal violento e dócil, leve e pesado, sacrificador e sacrificado. Este animal se transforma a partir do encontro com algo que lhe dá prazer, como o mel é a substância que mais ama e o transforma em ser dócil domesticado. Assim, este predador forte e temível se torna uma presa fácil quando recebe o mel que deseja. O mel constitui uma substância doce e líquida que alimenta e dá prazer, como as relações afetivas e sexuais, mas que também nutre e alimenta as alianças entre os seres.

Entretanto, a figura do urso carrega consigo a capacidade inata de uma possível regressão tornando-se para o seu maior predador o homem uma sombra. Partindo da simbologia implícita, que torna a figura do urso um ser dominador e pesado, podemos fazer uma analogia com a simbologia da figura da personagem Rato. Ao fazer um paralelo entre a imagem exposta do grande urso preto, abatido, com uma flechada em seu peito dilacerado e exposto nas alturas em uma forca, representa que o homem, seu predador natural, dispõem de artifícios que o fazem muito mais capaz

No plano acima, outro ser humano parece estar envolvido em um movimento de desespero, em queda livre, próximo a ele temos a imagem de outro animal abatido; esta cena é sinistra quando se observa que, logo acima deste homem em queda, há um animal, semelhante a um réptil que possivelmente pode ser visto ou imaginado como um dragão. Este animal parece observar ameaçadoramente todos os movimentos que acontecem a sua volta tentando de certa forma dominar o espaço que habita, como se nota no detalhe da obra, presente no recorte da capa:

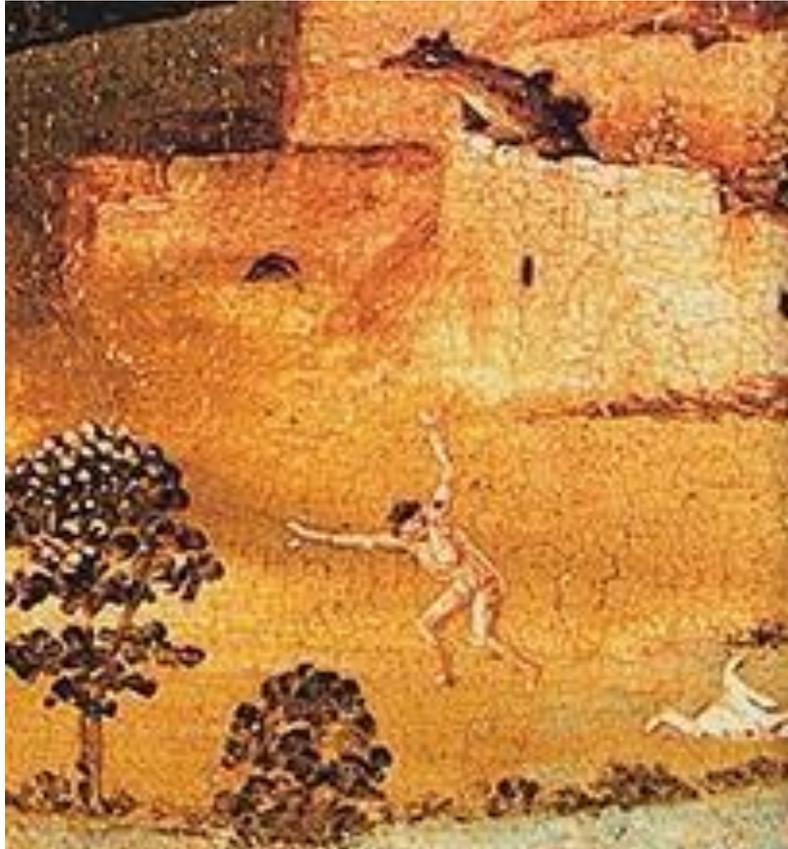


Figura 4 - Homem, na capa do livro "Simpatia pelo Demônio" (2016) de Bernardo Carvalho

Fonte: Google Imagem

Com tais destaques, notamos que a capa enfatiza os movimentos periféricos à ação central evidenciada por Hieronymus Bosch, que é a salvação de uma criança, retirada, talvez, das ruínas que aparece aos pés de uma espécie de “dragão”, ou um réptil imenso e ameaçador que, em grande medida, lembra o monstro lendário citado na Bíblia, no Velho Testamento, em alguns livros:

Ali andam os navios; e o **leviatã** que formaste para nele folgar. (Salmos 104:26)

Poderás tirar com anzol o **leviatã**, ou ligarás a sua língua com uma corda? (Jó 41:1)

Fizeste em pedaços as cabeças do **leviatã**, e o deste por mantimento aos habitantes do deserto. (Salmos 74:14)

Naquele dia o SENHOR castigará com a sua dura espada, grande e forte, o **leviatã**, serpente veloz, e o leviatã, a serpente tortuosa, e matará o dragão, que está no mar. (Isaías 27:1)

Todavia, a mais famosa passagem bíblica está no livro de Jó, Capítulo 41, em que se encontra, entre os Versículo 10-22, uma descrição do monstro:

Ninguém há tão atrevido, que a despertá-lo se atreva; quem, pois, é aquele que ousa erguer-se diante de mim?

Quem primeiro me deu, para que eu haja de retribuir-lhe? Pois o que está debaixo de todos os céus é meu.

Não me calarei a respeito dos seus membros, nem da sua grande força, nem a graça da sua compostura.

Quem descobrirá a face da sua roupa? Quem entrará na sua couraça dobrada?

Quem abrirá as portas do seu rosto? Pois ao redor dos seus dentes está o terror.

As suas fortes escamas são o seu orgulho, cada uma fechada como com selo apertado.

Uma à outra se chega tão perto, que nem o ar passa por entre elas.

Umas às outras se ligam; tanto aderem entre si, que não se podem separar.

Cada um dos seus espirros faz resplandecer a luz, e os seus olhos são como as pálpebras da alva.

Da sua boca saem tochas; faíscas de fogo saltam dela.

Das suas narinas procede fumaça, como de uma panela fervente, ou de uma grande caldeira.

O seu hálito faz incender os carvões; e da sua boca sai chama.

No seu pescoço reside a força; diante dele até a tristeza salta de prazer.

Hobbes (2003), pensador inglês de grande influência, tendo como referência esse monstro assustador, publica, em 1651, sua obra mais conhecida: *Leviatã*, em que o pensador desenvolve uma tese em defesa do soberano, tendo como pano de fundo o grande monstro leviatã.

Simbolicamente, o leviatã pode ser associado ao grande mal-estar que avança sobre as pessoas e sobre o coletivo: o mal-estar diz respeito à falta de perspectivas, ao medo, ao desamparo. O homem, em si, é muito pequeno para conter esses sentimentos e que podem levar até mesmo à depressão.



Um destaque no livro de Jó: “Quem confia, se faz ilusões, pois já seu aspecto o derruba. Ninguém se atreve a provocá-lo. Quem lhe resistirá? Quem ousou desafiá-lo e ficou ileso? Ninguém debaixo do céu”. (Jó 41, 1-3). Abaixo, o detalhe do “leviatã” de Bosch:

A partir da ideia de monstro ameaçador, conhecido por Leviatã, podemos fazer uma leitura ampla sobre o mal-estar da civilização: o dragão ameaça e atormenta a todos. Os seres humanos que assumem causas violentas e se tornam extremistas respaldados por justificativas de cunho religioso. Outros aderem a conflitos por causa de disputa de territórios, por motivos étnicos e raciais, questões de gênero com o objetivo de salvar o mundo dos homens que não são dignos de ocuparem o mesmo espaço. Ainda homem em queda pode representar a liberdade cerceada das escolhas em um mundo regido por normas e regras de Estado. O homem segue livre e ao mesmo tempo conduzido e atravessado por regras violentas motivadas pelo egoísmo de determinados grupos e formas de governo, onde cada um pode seguir seu caminho assumindo sempre as consequências de suas escolhas.

Outros aspectos ainda devem ser considerados na elaboração da capa. A artista plástica Cláudia Espínola de Carvalho, deliberadamente modificou os tons originais, mais pastéis e claros, para uma elaboração plástica com tons predominantes entre o vermelho e o laranja atendendo assim a proposta comercial da editora Companhia das Letras, de antecipar os leitores desta narrativa para um enredo motivado por muitos conflitos.

A equipe de arte da editora Companhia das Letras abre uma nota, na orelha da capa, com a seguinte advertência: “As personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e

fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles” (CARVALHO, 2016, p.6). O arco de cores escolhido por Claudia Espínola de Carvalho é bastante sugestivo em relação ao conteúdo da narrativa, pois, na recriação, uma nova paleta de cores sugere ações que sugerem paixão e violência.

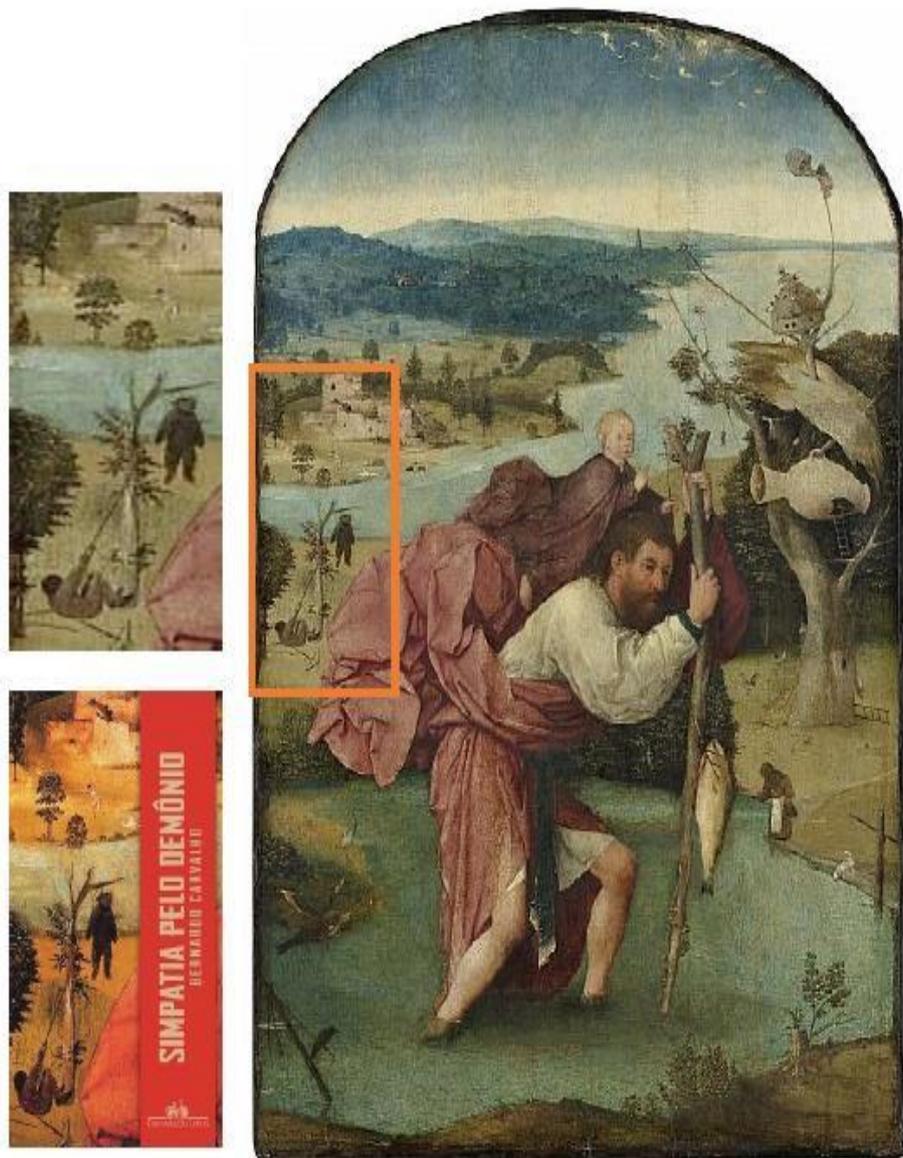


Figura 5 - O livro "Simpatia pelo Demônio" (2016) de Bernardo Carvalho e "Saint Christopher" (1490) de Jheronimus Bosch

Fonte: Google Imagem

Nas artes visuais, a cor carrega significados não apenas por ser um elemento decorativo ou estético, mas por sua ligação direta com sensações e expressões de valores sensuais, culturais e espirituais. As cores utilizadas para arte da capa recriam um crepúsculo carregado pela predominância das cores

preto, vermelho, amarelo, verde e laranja, que sugerem a narrativa um tom pesado e fúnebre. Esta técnica foi muito utilizada no século XIX, pelo romantismo que utilizava para as temáticas sobrenaturais e de conflitos entre o real e o imaginário.

As cores carregam a função de introduzir vários sentimentos de bem-estar e mal-estar. O preto representa muitas vezes o medo, pânico, desespero, morte, infortúnio entre outros sentimentos em sua maioria sentimentos de mal-estar. O preto é a cor que remete às trevas, ao mundo inferior e subterrâneo, que causa um desprezo pela vida e pelo mundo. Na arte da capa vem representado pela figura de um urso morto e pendurado em uma forca.

A cor vermelha representa o amor e o erotismo; vermelho é a cor do pecado carnal. Está associada diretamente a cultura cristã pelo sangue que positivamente dá vida, purifica e santifica. É também um signo de força, energia e redenção. Ao contrário é um símbolo da impureza da violência e do pecado, e está relacionado diretamente ao amor carnal, à paixão, ao erotismo, os tabus e as transgressões além de representar o sangue, a luta, o perigo e a morte. Esta será para a narrativa a cor das diversas relações entre as personagens que viverão seus conflitos étnicos, religiosos, amorosos individuais e coletivos.

O laranja carrega ainda em seu matiz o vermelho, oferecendo o doce proveniente da felicidade e do poder unido ao amarelo que é ácido, e representa a perfeição. Desta fusão se obtém o laranja, com um significado próprio e fundamental: é a cor da transformação. Em sua associação material, carrega a ideia de ofensa, agressão, competição, festa, fogo, perigo, robustez entre outros. Para associação afetiva está associada ao desejo, sexualidade, excitabilidade, dominação, força, euforia, tentação, prazer, senso de humor entre outros. O marrom está associado à cor da pele morena, à cor da terra que traz fecundidade. Sua associação afetiva está ligada diretamente ao pesar, a melancolia, a resistência e ao vigor. Em sua função prática a cor distingue, identifica e designa um determinado *status*, em sua função simbólica pode refletir o amor, perigo, paz para as funções indicial e sinalética pode emitir sinais indicação, proibição, advertência entre outras indicações.

O verde reporta ao misticismo muito difundido no século XXI, na contemporaneidade. Essa cor, secundária, como é a cor laranja, é o resultado

da fusão entre o azul e o amarelo sugerindo a ideia de unidade, calma, esperança, amizade e equilíbrio favorecendo o desenvolvimento das paixões. Simboliza a faixa harmoniosa de paz entre que há entre o céu e o sol. Já o laranja é a correspondência do vermelho moderado. Para o budismo a cor laranja é o signo da iluminação e traz consigo o grau supremo da perfeição. Assim as cores emitem um forte apelo aos olhos humanos que carregam emoções e emitem sensações positivas e negativas em diversos contextos.

As cores comunicam e demonstram sentimento. Para Kandinsky (1969) a cor exerce uma influência direta: “A cor é o toque, o olho, o martelo que faz vibrar a alma, o instrumento de mil cordas”. As cores e a arte recriam o crepúsculo e representam o realismo animista, que por meio da representação simbólica entoam o tom trágico e quente que a narrativa terá. Estes símbolos, unidos às cores, têm a tríplice função de impressionar, expressar e construir a representação das personagens do romance, que serão submetidos em diversas relações de dominação, violência e conflitos, em que o ser o dominante acaba sendo o dominado, envolvido por armadilhas.

No romance de Bernardo Carvalho, a obra de *São Cristóvão* é referida por ocasião de uma visita feita, pela personagem Rato, ao museu era uma forma de esquecer seu parceiro. A obra de Bosch chama sua atenção: “O Rato deparou pela primeira vez com o São Cristóvão, de Bosch, no museu Boijmans, em Rotterdam” (CARVALHO, 2016, p. 212).

A capa do romance *Simpatia pelo Demônio* (2016), omite o tema central da obra de arte, que retrata um tema religioso, cuja é a representação da imagem de São Cristóvão carregando uma criança nos ombros: “A explicação ao lado do quadro dizia que o gigante pagão representado no centro da pintura com uma criança nos ombros, varava o mundo à procura de alguém mais forte que ele e que nesta busca tinha servido até o diabo” (CARVALHO, 2016, p. 212-213). Entretanto, o que mais despertou a atenção de Rato na obra se localizava,

a extremidade esquerda do quadro, a representação diminuta de um homem que podia passar por um índio brasileiro, de costas no chão, enquanto se esforçava para segurar a corda com a qual enforcava um urso pendurado no galho de uma árvore morta. A situação era grotesca e inexplicável. (CARVALHO, 2016, p. 213)

Esta imagem remete o leitor a um efeito psíquico de provocação originada por uma sensação visual das sombras e do contraste entre cores e

as imagens que representam símbolos. A imagem causa certo desconforto para Rato ao se questionar, “Por que o urso, e não outro animal para representar os pecados dos homens?” (CARVALHO, 2016, p. 214). Nesta passagem a personagem faz uma provocação, pois se elevarmos o olhar para observarmos um pouco acima na obra de arte teremos a figura do réptil que se assemelha a um dragão. Podemos fazer uma relação deste animal no alto das ruínas com a figura de *Leviatã* de Hobbes (2003), que também é uma criatura temível e poderosa no mundo, que inspira medo e temor. Sendo este animal uma metáfora do poder absoluto, estabelecido no início da Idade Moderna e da Monarquia regidos por um governo que controla tudo e todos com poder soberano criado pelo homem para governar este mesmo homem, podemos considerar que o animal da capa tenta manter o controle de tudo que está a sua volta.

Soma-se a isso, para Rato, a figura do urso lhe chama atenção,

O urso uma criatura terrena, pesada e temperamental como o gigante havia sido antes de se elevar às alturas da fé. Tudo no quadro tinha a ver com a oposição entre o peso e a leveza. Mas também com os limites e as ambiguidades da pintura. A criança sozinha não podia representar o peso do mundo. Por vias tortas, o quadro punha em questão a própria possibilidade de Deus. (CARVALHO, 2016, p. 213)

Metonimicamente, a imagem do urso representada na capa, também pode ser relacionada a algumas outras questões internas na narrativa, que dizem respeito ao mal-estar vivido pela coletividade. A figura do urso preto abatido, enforcado e exposto em uma árvore seca pode significar a representação da eliminação das ameaças sofridas pela humanidade que tiram a paz e a tranquilidade, dependendo expressamente que os homens tenham atitudes racionais para agir em benefício próprio.

A personagem Rato, no romance *Simpatia pelo Demônio* (2016), era encarregado de difundir a paz.

Em seu primeiro ano na agência humanitária, salvou um recém-nascido de assassinos que destruíram sua aldeia e mataram seus pais. Por vezes negociou tréguas pouco duradouras entre povos guerrilheiros, que nunca cessaram de guerrear, mas, sempre difundiu a paz. Escapou por várias vezes de emboscadas e de alguns atentados; detinha o poder de convencimento entre governos para criação de zonas e campos de refugiados onde eram antes

refratários de medidas humanitárias. E ainda: “Mais de uma conseguira reunir inimigos mortais na mesma mesa, sem, entretanto, chegar a um acordo de paz entre eles” (CARVALHO, 2016, p. 27-28).

3.4. O Rato e o demônio chihuahua

Em *Simpatia pelo Demônio* (2016), Rato é um personagem que vive uma crise de meia idade. Logo no início do romance temos a descrição deste personagem,

Rato estava com cinquenta e cinco anos. A mulher o deixara dois anos antes, levando a filha de sete anos para Berlim. Desde então ele envelheceu proporcionalmente mais do que nos vinte e sete anos que trabalhou para a agência humanitária, vinte e dois deles em New York, dez no comando da seção que cuidava das zonas de conflito interétnico e de religião. [...] Ainda amava a mulher quando ela o deixou. Na verdade, seu amor por ela não diminuiu; mudou. (CARVALHO, 2016, p. 25)

O romance inicia com uma característica que se repete nos romances apresentados anteriormente, *Mongólia* (2003) e *O Filho da Mãe* (2009): as personagens estão envolvidos em uma trama detetivesca, que marca e traz certa tensão para a obra. Um suposto sequestro moverá a personagem Rato a uma missão extraordinária: ele deverá resgatar um homem sequestrado pelas milícias em terras estrangeira, um espaço de conflito armado motivado por questões inter-religiosas e interétnicas:

Rato era um profissional tarimbado, com experiência de guerra, quando sua tese de doutorado, cuja publicação coincidiu com sua ascensão fulgurante dentro da agência humanitária, mudou o modo de intervir em zonas de conflito interétnico e inter-religioso. (CARVALHO, 2016, p. 20)

Rato que já estava devastado e detonado pela relação amorosa que viveu com chihuahua, não tendo mais nada a perder aceita a missão secreta, como se observa no trecho: “a agência se via envolvida numa operação escusa para salvar um desconhecido que poderia ser espião ou até um criminoso de guerra” (CARVALHO, 2016, p. 18). Este era o pedido de um pai desesperado. Sendo ele um estudioso conceituado, conhecedor e observador da violência em áreas de

zonas de conflito seria o escolhido ideal para tal missão escusa, na qual deveria levar em mãos o valor do resgate em sigilo e entregar aos milicianos, mas, não teria contato direto com a vítima. Para obter sucesso na missão, deveria compactuar com pragmatismo abjeto e desta forma de agir só assim garantiria o futuro da agência e principalmente o seu, como observamos na passagem:

Ninguém melhor que você para esse papel, o diretor desconversou, dando a entender que havia coisas das quais não podia falar e que talvez fosse melhor o Rato não saber. Ele teria de tomar decisões com autonomia e a independência de quem age por conta própria, à revelia dos chefes, embora na verdade apenas seguisse ordens de chefes cuja identidade desconhecia. Assim no caso de falhar, não levaria a agência humanitária consigo em sua queda autônoma e independente. [...] Não haveria a quem recorrer. Sofreria todas as consequências sozinho [...] Como um agente secreto, justamente. Um anjo caído. A missão seria sua escola na vida que começava fora da agência. (CARVALHO, 2016, p. 21-22)

Rato, uma típica personagem contemporânea, possui características que condizem com este tempo moderno, homem branco de meia idade, urbano, independente, intelectual, estudioso, divorciado, pai, esgotado e solitário passando por uma crise existencial da meia idade e por uma relação homoafetiva perversa e fraturada que lhe deixaram marcas profundas e terríveis.

O amor tinha se dividido, tinha se tornado demasiado consciente e reflexivo. [...] No início da relação, sob o pretexto de protegê-la, a fragilidade da mulher o atraíu. Achava que não pudesse vê-la chorar, mas no fundo o choro o seduzia. Inconscientemente associava o amor ao sofrimento, o amor se confundia com a violência. E precisava manter essa associação inconsciente para poder amar. (CARVALHO, 2016, p. 26)

Rato só se deixava atrair em suas relações amorosas quando acreditava que eles fossem mais frágeis e submissos aos seus desejos, foi assim que se apaixonou e viveu com sua esposa, mãe de sua filha, por alguns anos. Depois que se assumiu homossexual, na meia idade. Tinha o desejo de ser um poeta, era um colecionador de adornos de guerra, cujos artefatos conseguia como era um colaborador de uma agência humanitária em Nova York – este era um vício que descontentava muitos de seus colegas de trabalho, pois isso contrariava a ética pregada pela agência.

Agora, no auge dos seus cinquenta anos, em meia idade, fará a escolha que o levará à grande derrocada. A escolha de uma paixão fulminante e

obsessiva por um neurocientista chamado de chihuahua. Em *Simpatia pelo Demônio* (2016), o autor reafirma que o indivíduo deve estar sempre pronto para as mudanças que a vida proporciona, como na passagem: “A paz é um estado temporário de exceção; é o cansaço da guerra”. (CARVALHO, 2016, p. 30). E ainda, “Toda crise é um acerto de contas entre uma promessa e a realidade. A dos cinquenta é a primeira claramente irreversível” (CARVALHO, 2016, p.23).

Nesta fase da vida que Rato reviverá seu passado de adolescente mal resolvido quando não pode viver um amor proibido por seu amigo de infância. E assim nesta fase da vida de Rato que chihuahua o descobre como mais uma vítima em potencial para viver um relacionamento doentio, obsessivo e destrutivo.

Rato, ao se apaixonar por chihuahua, envolve-se em um triângulo amoroso homoafetivo, pois chihuahua é casado com Palhaço. Nesse triângulo amoroso, as personagens se submetem a uma relação obsessiva, perversa e conflituosa em um cenário urbano. Atravessado por diversas instâncias espaciais, a personagem Rato se torna uma verdadeira cobaia, ao se apaixonar pelo mexicano chihuahua, um grande manipulador.

A personagem chihuahua era um discípulo ardente do grande pensador da violência e da inveja, René Girard, e fará de Rato mais uma cobaia de seus experimentos afetivos, passionais e sexuais: “O homem por quem ele tinha se apaixonado três anos antes mais parecia um verme se esgueirando entre as barracas, com uma sacola cheia de verduras, temperos e frutas secas na mão” (CARVALHO, 2016, p.212).

Esta personagem denominada Rato se deixa envolver em uma relação carnal com chihuahua, em um relacionamento conturbado e movido por atividades sexuais selvagens. Depois que chihuahua envolve sua vítima em um

encontro masoquista, abate-a, denegrindo-a pelas redes de comunicação sociais internet, não dando-lhe possibilidade de defesa. Desta maneira surge a necessidade de um poder maior e comum aos indivíduos capaz de impor a ordem, já que os homens, entregues a si mesmos, viveriam em um perene estado de guerra, onde todos estariam contra todos, sob o domínio de suas paixões.

Voltando à tela de Hieronymus Bosch, o imenso animal, um réptil, postado sobre algumas ruínas, pode-se imaginar que a figura do temível réptil, exposto na capa em cima das ruínas de um palácio, parece tentar manter o controle soberano de tudo e de todos. Este poder pode vir a representar um pacto entre os ser o poder de Estado que produzido e exercido pelo próprio homem que se encarrega de manter a unificação entre os homens pelas leis e não movido por paixões.

Rato irá vivenciar uma relação ardente, dominada pelo sexo a partir do momento em que se entrega para chihuahua, assume o posto de prisioneiro. De acordo com Todorov (1999, p. 52): “Cada um é, ao mesmo tempo, prisioneiro e carcereiro”. A literatura de Bernardo Carvalho não é uma literatura estática de estreitamento, é de fato impactante, de choque, que inquieta, uma literatura de alargamento, de enfrentamento, sem fronteiras, do mundo contemporâneo e carregado das mazelas.

Para Chevalier (1906, p. 770), em seu *Dicionário de símbolos*, a figura do Rato, transmite a ideia de um ser esfomeado, prolífico e noturno. Ainda segundo Chevalier, este animal é tido como impuro, que escava as estranhas da terra, tem uma conotação fálica e anal, que o liga à noção de riquezas, de dinheiro. É o que faz com que seja frequentemente considerado como uma imagem da avareza, da cupidez, da atividade noturna e clandestina. Todas essas características condizem com a personagem Rato de *Simpatia pelo Demônio* (2016):

Realizava seu trabalho com competência, nunca lhe passou pela cabeça perder a oportunidade de adquirir os objetos que mais cobiçava, pelo preço que conseguisse, de preferência o mais baixo. Esse comércio era um vício menor, ao qual os superiores da agência faziam vista grossa mas que irritava os colegas. [...] Ele as usava como amuletos. E embora não fosse um homem supersticioso, havia quem especulasse que também se servisse do trabalho humanitário para se proteger de uma ameaça ainda maior do que qualquer

atentado ou qualquer guerra, como se procurasse o horror para se desviar de si, para evitar o destino a que estaria condenado longe do perigo. (CARVALHO, 2016, p. 23)

O trecho comprova que as características da personagem Rato condizem com a simbologia do animal Rato que, segundo Chevalier (1906, p.770), se mostra como uma imagem da avareza e da clandestinidade sendo que a personagem realizava seu ofício com qualidade, porém buscava sempre se beneficiar nos momentos que conseguia transgredir as regras obtendo vantagens para si próprio. Assim alimentava seus pequenos vícios ilícitos ligados a sua conotação fálica à noção de riquezas.

O escritor Bernardo Carvalho recria diversas maneiras de dominação e violência que fazem parte deste século sacando elementos do realismo para recriar as relações humanas e afetivas. Estes personagens vivem na era digital e utilizam as redes de comunicação para conviver e nutrir as relações amorosas por meio da internet, com trocas de mensagens por e-mail, Skype, SMS e whatsapp, como se observa nas passagens, Carvalho (2016, p. 189): “Rato decidiu enfim proscrevê-lo como um junk na lixeira de sua conta de e-mail e bani-lo para sempre de sua conta de Sykpe”. Na passagem Rato tenta descartar seu amante como algo velho e sem valor.

As mensagens trocadas entre as personagens alimentaram esta relação de dominação e dependência, por um tempo, como uma droga de uso diário e contínuo. Esta forma de relação amorosa mantida entre as personagens recria uma forma de realidade vivida por muitos contemporâneos, que sustentam relações à distância, utilizando este meio que é a rede de comunicação social a internet. Essa relação amorosa e destrutiva foi alimentada por determinado tempo por mensagens como se ambas personagens fossem adolescentes que trocam mensagens, declarações e juras de amor inesperadas durante todo o dia; esta era uma forma que nutria esta relação.

Viveram uma paixão, motivada pelo sexo, observa-se a forma como este personagem, o Rato, foi envolvido por seu companheiro que, apesar da pouca idade, carrega em seu currículo uma vasta experiência neste tipo de relação. Rato buscava uma felicidade mística e universal, tentava uma realização pessoal tardia neste novo relacionamento com chihuahua, tendo como base o prazer adquirido no sexo:

chihuahua usava o sexo como instrumento de poder na sua relação com os homens mais velhos, não porque, a despeito da idade, em geral era mais experiente do que eles, mas porque sabia que o sexo para eles, ao contrário da insensatez da juventude, era uma obsessão consciente. Quanto mais temiam perdê-lo, quanto mais temiam a impotência e a morte, mais punham o amor acima de qualquer suspeita, para além de todo o bom senso. (CARVALHO, 2016, p. 206)

A personagem chihuahua, com vasta experiência em relação homoafetiva, usa deste conhecimento para manipular suas presas e conseguir tudo o que desejava delas. Com um caráter repugnante e destrutivo, usa da jovialidade para manipular e dominar seus parceiros, sempre com mais idade, através de seus jogos sempre com segundas intenções. Em sua infância chihuahua foi abusado por seu pai, depois foi deixado por sua mãe em um seminário:

Aos dez anos, no colo do pai fantasiado de Papai Noel, ele teve a primeira ereção de que se lembrava. Uma ereção correspondida, segundo ele. Um mês depois, a mãe o despachou para um colégio de padres na Cidade do México e é claro que associou uma coisa à outra. Menos de um ano depois de o chihuahua ter ido para Berlim, o pai visitou. Estava desenganado, tinha poucos meses de vida, e era essa a razão não dita da viagem: queria ver o filho antes de morrer. Ao se despedirem, em Tegel, o pai pediu desculpas. (CARVALHO, 2016, p. 206)

Nem o pedido de perdão e a proximidade da morte de seu pai o fizeram sentir compaixão e perdoar pelo abuso ocorrido em sua infância. Este primeiro abuso aconteceu dentro da própria casa, quando ainda criança deveria receber amor, segurança e proteção de seus pais. O autor ao recriar esta situação de violência novamente utiliza do realismo para restabelecer uma conexão com o mundo real onde esta mesma situação é vivida por tantas crianças e adolescentes.

Essa pode ser considerada uma forma de escuridão vivida por muitas vítimas da pedofilia no mundo. Considerando chihuahua uma vítima se transformou em um homem adulto manipulador e invejoso, por mais que carregue uma história fatídica de sua infância, jamais desejou mudá-la decidiu replicar todo o mal sofrido para que os outros sintam e sofram como ele.

O autor utiliza de elementos da realidade para compor a personalidade e o caráter deste personagem abusado que passa a ser um abusador refletindo inúmeras personagens da vida real. A partir da obra literária é possível fazer um movimento de alargamento para o mundo real e visualizar dados alarmantes que indicam um crescente número da violência sofrida por crianças presas fáceis que sofrem abusos por pessoas muito próximas a elas. Pessoas que deveriam oferecer e promover o conforto e a segurança tornam-se abusadores, transfigurados e ocupantes das mais nobres funções que a vida real oferece estão inseridos na célula *mater* da sociedade humana a família.

Depois da experiência do primeiro abuso sofrido, pelo próprio pai, e de ter sido renegado pela mãe, por ela reconhecer que havia gerado um ser perverso e de conduta monstruosa, Chihuahua foi levado a um internato com onze anos de idade. Jamais perdoou o pai por ter ficado ao lado de sua mãe. Chihuahua se transformou em um homem de conduta e caráter duvidoso, um abusador passando a fazer suas próprias presas como “[...] o colega de faculdade, alguns anos mais velho do que ele, o segundo amante, que veio depois do padre poeta e lhe ensinou tudo o que era preciso saber.” (CARVALHO, 2016, p. 133). Ao ficcionalizar fatos que fazem parte da sociedade contemporânea, Bernardo Carvalho aborda questões de conduta que deveriam estar embasadas em valores éticos e morais. Ficcionalizando questões que causam mal-estar e envolvem poder e dominação, como os abusos sexuais praticados por parte do clero:

A literatura se converteu na carta de alforria que lhe faltava para escapar ao mundo medíocre da família, ao qual até então ele pensara estar condenado. Na verdade, descobriu tudo ao mesmo tempo, a literatura, a liberdade e o sexo. Durante dois anos o padre gozou de seus favores. E, em troca, lhe ensinou todas aquelas belas coisas literárias, de modo que o chihuahua não se arrependia do preço pago nem nunca pretendeu prestar queixa como vítima de um pedófilo, porque seria, segundo ele, assumir um papel reservado aos perdedores e aos ressentidos – ele se considerava um sobrevivente e um forte. (CARVALHO, 2016, p.134)

O chihuahua antes vítima do pai passa a ser abuso pelo padre, tomado pelo processo de vitimização, aproveita-se do estado de vítima para obter vantagens e reconhecimento. Durante toda narrativa a personagem chihuahua é descrito com a primeira letra minúscula, sendo que todos os outras

personagens recebem as nomeações com a primeira letra maiúscula. Para Magalhães (2012, p.217), esse recurso pode ser “um modo proposital de diminuir ou dessacralizar” personagens desprezíveis como chihuahua.

Esta personagem é incorporada por traços de vitimização assim definidos por Todorov (1999, p. 226): “guarda um privilégio permanente; a atenção e o reconhecimento dos outros lhe estão assegurados”. E ainda para o estudioso esta mesma vítima busca ser exalta por tal característica nas diversas relações, sejam elas familiares, de poder ou amorosas, em que ninguém é apenas vítima, mas deve-se considerar que a vida afetiva não é unidimensional, pois Todorov (1999, p. 227) argumenta: “aceitamos ser vítimas aqui porque isso nos oferece compensação lá fora”.

Expõe-se assim uma situação de mal-estar que atualmente tornou-se público para o mundo real contemporâneo, com diversas notícias de abusos praticados pelo alto escalão desta instituição eclesial. Observamos a escuridão dos tempos contemporâneos por meio da obra quando é recriado abusos sexuais praticados por um padre da Igreja Católica Apostólica Romana:

Graças ao que aprendeu com o padre e sobre tudo a Hofmannsthaal, ao mesmo tempo que era molestado, por assim dizer e por pouco tempo (porque logo estaria molestando), [...] Manteve aquela relação enquanto lhe foi útil, até sair do internato (CARVALHO, 2016, p.134-135).

A personagem chihuahua usa a posição de vítima para atrair e dominar seus parceiros sempre mais velhos e depois os rechaçava sem nenhum constrangimento, como fez com seu primeiro parceiro e colega de faculdade, que, após o término do romance, adoeceu e se tornou depressivo, sem forças para sair de sua casa; sua segunda vítima, o padre do internato, procurou-o por várias vezes na universidade, acabou abandonando a batina e cometendo suicídio.

Para Todorov (1939, p. 227) “O ex-perseguido, uma vez no poder, torna-se perseguidor, o desejo mimético.” As relações vivenciadas por chihuahua foram todas projetadas em valores abusivos e destrutivos, pelos quais prevaleceram apenas interesses próprios resultando sentimentos e situações de mal-estar para seus parceiros. Com uma capacidade de ver, ouvir e lembrarsomente o que lhe dizia respeito, conseguia abstrair situações

passadas que se encaixavam em suas metas para atrair suas presas. Ao apontar a natureza das paixões humanas Hobbes (2003), reforça a natureza egoísta dos indivíduos, em que todos estão preocupados em garantir a própria sobrevivência e os interesses próprios.

O chihuahua não aceitava que nenhuma de suas presas tivesse consciência das reais intenções que estavam por trás dos seus planos, nos quais existia apenas uma grande farsa empregada por ele que não acreditava no amor pelo outro, para ele todas as formas de amor inexistiam, apenas uma única forma a do amor próprio, uma forma extremamente narcisista de amor por si mesmo. Envolvia suas vítimas que se apaixonavam dominadas pelos prazeres sexuais que lhes oferecia, envolto em relações conflituosas em que só as vítimas amam, pois o predador só tem amor por si próprio e mantém seu único e exclusivo objetivo, que é flechar e acabar com a vida e a reputação de suas vítimas.

Rato ao aconselhar a leitura do conto “Amor e Psiquê”, em *Asno de Ouro* de Apuleio, dá sinais que estava totalmente consciente dos perigos desta relação, e desperta em seu parceiro um alerta. Como no excerto, “Rato queria lhe dizer por meio da fábula era que, apesar dessa consciência, ainda preferia se deixar enganar pelo amor, uma vida desiludida não tinha a menor graça. Mas chihuahua não ouvia.” (CARVALHO, 2016, p. 174).

Esta consciência de Rato em relação aos sentimentos de chihuahua fez com que seu parceiro continuasse mentindo, pois, para ele o único amor que existia era o amor próprio; “Não amava ninguém, amava a si mesmo, amava o amor, a amor do outro por ele. E ninguém podia acusá-lo de desonestidade” (CARVALHO, 2016, p. 174).

Desta forma o único sentimento que manifestava era a raiva e o medo de um animal acuado principalmente quando se sentia contrariado ou quando sua farsa corria o risco de ser desmascarada. De acordo com Hobbes:

A natureza fez os homens tão iguais, quanto às faculdades do corpo e do espírito, que, embora por vezes se encontre um homem manifestamente mais forte de corpo, ou de espírito mais vivo do que outro, mesmo assim, quando se considera tudo isto em conjunto, a diferença entre um e outro homem não é suficientemente considerável para que um deles possa com base nela reclamar algum benefício a que outro não possa igualmente aspirar. Porque quanto à força corporal o mais fraco tem força suficiente para matar o mais forte, quer por secreta maquinação, quer aliando-se com outros que

se encontrem ameaçados pelo mesmo perigo (HOBBS, 2003, cap. XIII, p. 106).

Desde muito jovem quando ainda estava no internato era obrigado a passar os fins de semana com os doentes mentais em um pavilhão à parte, chihuahua se considerava inteligentíssimo e por esse motivo era obrigado a conviver com aqueles deficientes, já que não conseguia se relacionar com mais ninguém. Mesmo neste ambiente, mostrava-se sedutor com os que faziam visitas de caridade (CARVALHO, 2016, p. 177):

Achou que estivesse sido confinado entre os que não tinham nada a perder, para que já não pudesse roubar mais nada de quem tinha. E então se voltou ainda com mais fúria contra os que tentavam ajudar aquela gente jogada para escanteio e esquecida no internato pelas famílias: contra os que ainda procuravam estabelecer relações caridosas e humanitárias com os que tinham sido rejeitados pelas famílias e que eram tratados como excrescência pela sociedade. De forma invertida, se reconhecia neles e agia por vingança. Passou a envenenar toda solidariedade e toda empatia, como se fizesse justiça pelos deserdados. Mas voltava atrás e se retraía sempre que sua maldade era reconhecida e exposta em público.

Cursou psicologia e psicanálise na faculdade do México, em seu trabalho de finalização de curso, chihuahua propôs técnicas utilizadas pela antipsiquiatria para aniquilar o ego das outras pessoas em nome de um ideal de corpos e espíritos mais livres e desprendidos. Entretanto seu trabalho não foi aceito e teve que se restringir a algo mais convencional. Depois de um tempo adaptou seu antigo desejo em um projeto para admissão no mestrado, transformou em um método de imobilização e destruição dos egos violentos. Com este projeto foi selecionado e conseguiu uma bolsa de estudos do governo alemão para estudar hipnose em Berlim, onde atuou em um laboratório de neurociência que desenvolvia: “uma pesquisa sobre a disseminação do amor e dos bons sentimentos através do olhar, com o objetivo de influenciar o comportamento de sociopatas, impedindo que continuassem a fazer o mal” (CARVALHO, 2016, p. 185).

Os objetivos que chihuahua propusera era contrário ao que o grupo de neurocientistas propunha. Tentava a todo custo fazer ressurgir seu antigo trabalho da graduação que foi reprovado, chihuahua propôs uma tática de guerrilha pessoal contra o ego dos outros. Carrega uma ânsia de aniquilar e

destruir os egos dos que estavam ao seu redor principalmente de seus superiores os que detinham poder e autoridade e poderiam acabar com seus planos e suas propostas insanas. Foi desmascarado por seus colegas de pesquisa, que não caíram em sua farsa medonha e reconheceram nele um psicopata que se escondia atrás de uma figura de vítima, que almejava,: “reinar sozinho único e solar, como na infância fundido à mãe que o havia traído e enviado ao internato de padres, e que terminou comprando um cãozinho para se lembrar do filho quando ele foi viver em Berlim” (CARVALHO, 2016, p. 185). Jamais aceitou e perdoou seu pai, e muito menos sua mãe pela decisão tomada na época. A mãe de chihuahua talvez tenha compreendido na época que o filho estava tomado pelo complexo de Édipo ou seja, por um desejo incestuoso no qual o filho do gênero masculino deseja possuir a mãe, mas para isso ele deve destruir seu pai, seu primeiro rival, ao mesmo tempo em que o ama e o admira.

Para ser dono de sua mãe, ele se identificará com o pai, torna-se o objeto a imitar para se apropriar de seu poder. Mas sua mãe decide buscar a possibilidade de conversão e mudança de caráter de seu filho e se apoia na doutrina cristã. Entretanto este conflito pode estar relacionado à proibição do incesto, aspirado ainda criança:

Desprezava os animais domésticos e as crianças, mas insistia em se fazer de menino e não disfarçava a urgência de encontrar um dono que o tratasse como a um cãozinho de estimação e que, apesar de severo, se deixaria enganar e conduzir pela graciosidade do animal. Para o chihuahua, o pensamento animista, anulando a distinção entre o mundo dos homens e o mundo animal, servia ao dispositivo do qual todo narcisista precisa. Nada o irritava mais do que ser confrontado com as contradições da realidade e com a autonomia do outro. (CARVALHO, 2016, p. 221)

Seu único desejo era ser superior e admirado por pessoas que detinham poder e prestígio, nutria os piores desejos para com os outros. Carregado de traços como o sadismo e masoquismo como explica Freud (2011, p. 65):

No sadismo, há muito conhecido como instinto parcial da sexualidade, teríamos uma fusão assim, particularmente forte, entre o impulso ao amor e o instinto de destruição, e na sua contraparte, o masoquismo, uma ligação da destrutividade dirigida para dentro com a sexualidade, o que faz visível e notável a tendência normalmente imperceptível

Procurava se aproximar e imitar as pessoas superiores para lutar contra elas e tomar sua posição. A figura da mãe não lhe era bem quista, mesmo tendo se dedicado e empenhando amor e dedicação ao filho enquanto criança, porém como sua genitora enxergou logo na infância, que seu filho trazia consigo uma natureza destrutiva. chihuahua jamais empreendeu esforços para mudar a condição de vítima como Todorov explica (1939, p. 227):

A vida privada conhece este cenário já há muito tempo: um membro da família se ocupa do papel de vítima porque, a partir deste fato, ele atribuir aos que o cercam um papel bem menos vantajoso, o de culpado. Ter sido vítima lhe dá o direito de se lamentar, de protestar e de reclamar o dia inteiro; se não romperem a ligação com a pessoa, os outros são obrigados a atender a seus pedidos. É mais vantajoso permanecer no papel de vítima do que receber uma reparação por ter sido submetido a uma ofensa.

Soma-se a isso ainda em outra passagem,

O chihuahua se alimentava da ingenuidade do amor, mesmo sem acreditar nele, sem sentir amor nenhum. Forjava a inocência e a loucura e a loucura do amor, fingia sofrer de amor, imitava os trejeitos que apreendia do amor dos outros. [...] mas apenas reproduzia uma caricatura, um arremedo, um maneirismo constrangedor e sem futuro. (CARVALHO, 2016, p. 227)

Desta mesma forma, assim como envolveu outras vítimas, chihuahua manipulava Rato, vivendo uma relação falsa, obsessiva, envolta em diversas coincidências místicas inventadas. Este relacionamento foi marcado por rompimentos nas redes sociais, os reatamentos também se davam por elas através de e-mails inesperados: “Se brigavam, bastava receber dois e-mails enumerando novas coincidências místicas para o Rato voltar a comer na mão do chihuahua.” (CARVALHO, 2016, p. 226). A relação entre Rato e chihuahua passou por um rompimento de oito meses:

A aproximação calculada do chihuahua, a promessa de um amor que simplesmente não existia, não teria outro motivo senão expor a fraqueza daquele que dedicou a vida ao combate da violência. O chihuahua queria comprovar a vaidade da virtude. E havia mirado no Rato, como exemplo ideal. Como se bastasse dobrá-lo e fazê-lo cair para provar a impostura de sua luta por um mundo menos violento (CARVALHO, 2016, p. 221).

Em busca de uma relação verdadeira se deixaram flechar por um romance destrutivo que os levou a morte ou a uma terrível regressão individual como a depressão e a derrocada profissional de Rato que pensava ter o domínio da relação e se deixou levar, Carvalho (2016, p. 208): “O que o Rato dizia, cheio de si e de inconsciência, o chihuahua tomou por desafio: vamos ver quem faz o outro se matar primeiro”. Carregado de estilo, o escritor segue, deixando suas marcas em meio a uma escrita enxuta, direta, clara, dura, irônica e formada por frases curtas, sem grandes rodeios, e tornando claro toda escuridão violenta vivida na contemporaneidade. O autor traz diferentes referências literárias para este romance apontando para a formação de uma metaliteratura que, de acordo Schøllhammer (2009, p. 131), se constrói a partir da interação com outras literaturas. A personagem chihuahua usada à literatura para embalar e envolver suas presas, carregado de um mau desejo de transformar suas experiências de vida em um texto literário. Hobbes (2003, pp. 12-13) sugere a necessidade de aprender a “ler a natureza humana”: lê-te a ti mesmo:

graças à semelhança de pensamentos e paixões de um homem para com os pensamentos e paixões de outro, quem olhar para dentro de si mesmo e considerar o que faz quando pensa, opina, raciocina, tem esperança e medo, etc., e por quais motivos o faz, poderá por esse meio ler e conhecer quais os pensamentos e as paixões de todos os outros homens, em circunstâncias idênticas

O excerto trata de diversos elementos que compõem as relações humanas condizentes ao respeito entre os homens desde a linguagem, vícios e virtudes, costumes, leis naturais, liberdade. A personagem chihuahua conhecia muito bem suas vítimas e sabia o momento exato que deveria persuadi-las sendo ele também uma vítima de diversas situações que o transformou negativamente sua personalidade. Desejando ser grande e reconhecido mundialmente por uma capacidade intelectual que não condizia com a sua capacidade profissional mas era um grande admirador de Borges escritor argentino.

O chihuahua se dizia ser um Pierre Menard, fazendo uma analogia ao conto do Jorge Luís Borges. Tinha como livro de cabeceira o romance do século XVIII “*Ligações perigosas*” de Choderlos de Laclos publicado em 1782. A obra recriava as relações de um grupo de aristocratas através das cartas trocadas entre si, na época nobres ociosos e sem escrúpulos se dedicavam prazerosamente a destruir as reputações de seus pares. O enredo tem como

foco os jogos de sedução que através de intrigas entre personagens manipulam e humilham. Como observamos na passagem:

E de repente o chihuahua estava se abrindo para o Rato, entregando-se ao assassino, como a puta de Rocco e seus irmãos, como Cristo. Aquilo o excitou ainda mais. [...] Dessa vez estranhamente, o sexo desprotegido não revoltou o chihuahua. [...] Agora o chihuahua dava a entender que era o que queria. Se entregava em sacrifício. Ia morrer em nome dos homens. Estava de quatro na cama, com a bunda empinada e as pernas afastadas, enquanto o Rato o comia por trás.

“Te gusta mi culo?” “Sí, mucho.”
“Es tuyo.” (CARVALHO, 2016, p. 229)

No trecho percebe-se que a relação sexual entre as personagens se deu pelo consentimento de ambos, que demonstram estar envolvidos naquele momento, ambos estavam transe e a relação se tornou violenta, apesar de consentida.

De repente, o Rato viu naquele homúnculo com um pau grande balançando uma possessão, a encarnação do demônio no corpo franzino, frágil e indefeso da vítima inconsciente, e desferiu o primeiro golpe. Foi um ato estranho a seu feitio e que o pegou de surpresa e o assustou tanto quanto ao chihuahua, que se virou para trás ao receber o primeiro tapa na cara, como se fosse reagir. Não reagiu. Ao contrário, fitou o Rato por um segundo e retornou os gemidos de prazer, como se o encorajasse. O Rato hesitou e bateu de novo. “Más fuerte”.

O Rato já não tinha certeza do que ouvia. Encheu a mão e lhe acertou um soco na têmpora. E mais outro. Estava ao mesmo tempo assustado e excitado com o ritmo que a violência tomava. Uma mancha de sangue se alastrou pelo lençol branco, entre as pernas do chihuahua. [...] O Rato esmurrou mais forte e gozou, para afinal se dar conta, horrorizado, de que o chihuahua estava inconsciente. (CARVALHO, 2016, pp. 229-230)

Suas vítimas se apaixonam dominadas pelo mel que o seu predador lhes oferece, por meio do prazer sexual, envolto em relações conflituosas em que só as vítimas amam, pois o predador só tem amor por si próprio e mantém seu único e exclusivo objetivo, é flechar e acabar com a vida e a reputação de suas vítimas. Rato jamais imaginaria que poderia despertar um ímpeto de violência que estava adormecido dentro de si, logo ele que sempre proferiu a luta contra a violência em todos os sentidos. Mas caiu na armadilha que já sabia que estar envolvido o

que o levou para sua queda. Rato viveria a partir daquele momento a pior de suas crises tendo sua vida exposta da pior forma, por meio de uma notícia bombástica e mortal:

O chihuahua hesitou dois dias antes de mudar a sua versão (de que fora uma acidente) e decidir enfim contar à polícia, contra o Rato, por agressão e estupro, incentivado pelo ex-namorado o sociólogo e por um amigo, advogado de uma associação de defesa dos direitos dos homossexuais. [...] chihuahua justificou a hesitação e a mentira do primeiro depoimento com o argumento de que estava com medo do agressor, que o levara ao hospital, onde ele contou aos médicos a versão deturpada do que ocorrera. A nova informação se espalhou como vírus pela internet. (CARVALHO, 2016, p. 234)

Após refletir sobre a sua situação, chihuahua analisa a possibilidade de se assumir como uma vítima de uma violência homofóbica e assim concretizaria seu plano inicial de envolver e destruir sua vítima o Rato. Ao se assumir vítima ele acaba com a carreira profissional do seu parceiro e conseqüentemente ganha visibilidade no cenário mundial por meio da comunicação em rede. A notícia parcial que se espalhou como vírus pela rede de internet, relatava o envolvimento sexual entre Rato um reconhecido agente humanitário que violentou e estuprou seu parceiro chihuahua. Este fato correu com um rastilho de pólvora, gangrenando a vida profissional e pública de um homem conceituado e reconhecido pela sociedade mundial por lutar contra a violência e promover paz.

A guerra neste século ganha uma arma que arrasa a vida dos seres humanos, agindo silenciosa e sem luta, sem confronto corporal e sem queimar cartuchos de pólvora, esta arma finaliza suas vítimas a distância utilizando apenas com um toque. E seu poder de aniquilação é terrível, em uma fração de segundos avança e de forma gratuita em rede de *networking* arrasa sua vítima. Diferente do início do século XX, quando a destruição acontecia entre o povo, em praça pública. Como exposto por Todorov (1999, p. 226): “O que há de novo em nossos dias é que o papel de vítima individual é reivindicado em praça pública.” Contemporizando a fala do teórico, hoje pessoas no papel de vítima reivindicam seus direitos através das redes sociais ou nos *networking* atingindo um número muito maior de público em praça pública. Nesta rede as informações são replicadas instantaneamente muitas vezes de forma irresponsavelmente

sem mesmos serem analisadas e verificadas quanto ao seu conteúdo e teor factual.

A internet promoveu o fim das distâncias proporcionando o trânsito fluido das informações e promovendo a navegação em um tempo real, atingindo incontáveis receptores. Dispomos da violência e dos crimes de ódio disseminados pelos meios de comunicação e interação virtual transmitido e replicados pelas redes sociais ou a networking. A mídia para o mundo contemporâneo é um recurso extraordinário que favorece e promove o ser humano. Esta ferramenta virtual bem utilizada produz muitos benefícios para a sociedade, mas apresenta outra face negra carregada de malefícios que pode destruir a história dos homens. Por se tratar de uma comunicação em rede tem o poder de enaltecer e conseqüentemente de denegrir o ser humano, e espalhando sentimentos de amor e o ódio gerando ao mesmo tempo reações inesperadas em uma fração de segundos:

Um dos comentários mais replicados dizia que o neurocientista mexicano fora vítima de agressão e estupro por parte de um indivíduo violento e homofóbico, que, para completar, trabalhava para uma agência humanitária (o que já era uma grande ironia) e cujo “desejo dominador” o levava a gozar quando fazia sexo desprotegido e não consentido, “quando invadia à força o interior do corpo dos outros, como colonizasse com seu esperma, tomando o que não lhe pertencia, fazendo seu o território alheio”. (CARVALHO, 2016, p. 234)

Esta é uma forma violenta e destrutiva utilizada para guerrear e aniquilar vítimas específicas no atual cenário contemporâneo. No decorrer dos dias recebemos e compartilhamos informações enviadas por nossas redes de contatos e podendo ser replicadas sem passar por um filtro ou mesmo sem conferir quanto a veracidade das mensagens. Pois mensagens neste espaço virtual e se alastram como um vírus navegando por toda rede de internet. Neste excerto temos uma fratura por uma personalidade em crise:

Há sempre felicidade maior em outro lugar e há sempre um momento em que a sorte vira as costas e as desilusões começam a desabar em série, uma atrás da outra. Nessa hora [...] é melhor apertar o cinto e tentar assistir a catástrofe com distanciamento de um espectador [...], por pior que seja terá um fim, mesmo se voltar a ser encenado no dia seguinte, dizia o instrutor de tae kwon do, sem saber que resumia, na limitação de suas palavras, a tese do aluno que dedicara a vida ao estudo da violência. (CARVALHO, 2016, p. 33)

Justamente quando Rato imaginou que tudo estivesse acabado encontra a oportunidade de recomeçar, e ressurgir das cinzas que os cobre em um atentado terrorista e age de forma rápida sem pensar muito para não perder a oportunidade (CARVALHO, 2016, pp. 235- 236):

O Rato entende que o curdo se ofereceu em sacrifício no lugar do filho capturado por jihadistas que pretendiam usá-lo numa missão suicida: “Você consegue tirar o colete? Consegue andar?” [...] “Fizeram um trabalho porco. Sorte sua. E minha”, ele diz ao curdo, que começa chorar e a tremer mais forte, assim que removem o colete [...] Rato enche os bolsos do casaco jogado na cama com o dinheiro do resgate. [...] “É isso que eles querem. Com esse dinheiro, você pode pagar o resgate do seu filho e ainda contratar um motorista pra te levar até a fronteira. Qual é o seu nome?” O curdo diz seu nome ao Rato. “Quando perguntarem seu nome, diga o meu”, o Rato lhe diz, e lhe entrega o passaporte. “Vai ter que ir sozinho. Vai ser a sua escola”, o Rato diz, como se falasse para si”

Assim Rato vê naquele ambiente destruído a possibilidade de um recomeço de uma nova vida, deixando para trás uma história manchada pela desonra, de uma acusação injusta que destruiu seu passado. naquele meio tempo observou a oportunidade de ressurgir das cinzas.

De acordo com Tavares (2010, p. 34): “O indivíduo deve estar a todo o momento preparado para o que há por vir, sem poder apegar-se demasiadamente ao passado, pois no mundo contemporâneo não existe lugar possível para saudosismos de um passado que se esvai com facilidade” E assim, “É a última vez que se ouve falar no Rato.” (CARVALHO, 2016, p. 236)

Agamben, (2009, p.62) quando se refere ao contemporâneo como “aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro.”, diante de tal tema abordado podemos considerar que este romance dá luz para à escuridão vivida em diversas relações humanas marcadas por inúmeras formas de violência.

Rato representa a imagem do homem em queda livre que cairá ao lado de uma carcaça quase soterrada, representando as diversas figuras humanas que compõem a narrativa, vítimas das paixões deste mundo contemporâneo.

Assim as obras contemporâneas nos oferecem não as luzes deste tempo, mas toda a escuridão que circunda o homem contemporâneo, refletida por meio das personagens que sobrevivem aos dramas pessoais e seguem lutando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Mongólia* (2003) *O Filho da Mãe* (2009) e *Simpatia pelo Demônio* (2016) Bernardo Carvalho representa a vida e o mal-estar recriados nos dramas e conflitos vividos por seus personagens contemporâneos, em sua maioria homens intelectuais sempre em movimento, ultrapassando fronteiras, buscando outros caminhos e vivenciando realidades plurais. Esta é também uma característica pessoal do autor, em permanente estado de trânsito, mas no momento da produção de seus romances se estabelece em um ambiente pré-determinado para escrever sobre o outro lugar, que não o próprio. Os conflitos recriados e vivenciados por tais personagens de Carvalho nas obras estudadas, em parte possuem relação com a vivência pessoal de muitos homens reais que fazem parte desta sociedade capitalista, inquieta e podem se reconhecer nas ficções construídas por Bernardo Carvalho. Considerando que o próprio escritor é um intelectual, incomodado por questões existenciais de cunho econômico, social, sexual, religiosa, entre outras, podemos pensar que as tramas estão imbricadas por tais relações que o inquietam. Nestes romances observou-se que o mal-estar está presente nas obras citadas quando o autor representa as crises existenciais das personagens em meio aos diversos dramas de meia idade, nos conflitos de gênero, na exaustão de trabalho, na insatisfação pessoal, nos traumas de infância, nos abusos sexuais, em meio a negação e exclusão da própria filiação, por amores não correspondidos, pela proximidade da morte ou pela sombra do suicídio.

O mal-estar é uma condição humana resultado de relações fraturadas como as recriadas nas obras citadas, por meio do realismo personagens representaram dramas como desamparo individual, social e dos poderes públicos. Considerando que estas personagens representam a realidade de muitos homens e suas realidades antagônicas, que hora se apresentam cúmplices e outras vítimas representando assim uma realidade inacabada, da mesma forma que a constituição do romance como gênero literário. Diante deste fato o autor cria suas ficções inspirado nos desafios enfrentados por uma sociedade que luta entre anseios e fracassos individuais e coletivos que

sobrevivem ao esfacelamento da família, em meio ao egoísmo e a perversidade das fronteiras geográficas e as lutas das minorias.

Recriando o mal-estar e suas mazelas o autor recria personagens que representam indivíduos contemporâneos angustiados que convivem e se submetem a relações e situações ilícitas visando conseguir realizar um desejo ou objetivo próprio, e ainda relações inconfessadas para beneficiar um bem maior em função da família. Observou-se que o mal-estar está representado em situações ilegítimas fazem parte da temáticas das três obras citadas, em *Mongólia* (2003) o escritor recria esta situação por meio da relação entre os meios políticos e o setor privado, no *O Filho da Mãe* (2009) resulta da relação de uma mãe e o poder militar, as formas de poder, a exploração de plantas medicinais na Amazônia, o trabalho escravo, a exploração sexual para manter o poder militar na época, a poluição do meio ambiente entre outras *Simpatia pelo Demônio* (2016) recria novamente as relações ilegais entre o setores privados e a comunidade. Estas situações de mal-estar postas pelo escritor proporcionam ao leitor uma ampliação do olhar sob os direitos e deveres do homem na contemporaneidade.

Por mais que estas obras sejam subjetivas e não espelhem o real, proporcionam ao leitor o efeito de algo real, dada a utilização de procedimentos poético-literários com dados factuais que as compõem e conferem veracidade com uso de datas, dias da semana, localização, cidades, espaços urbanos e vários dramas pessoais. As obras reproduzem o mal-estar por meio da violência num contexto amplo nacional e internacional, coletivo, individual e íntimo, o autor recria por meio do realismo temas atravessado por fatos reais como o terrorismo, disputas entre facções criminosas, guerras históricas, conflitos interétnico e inter-religiosos estabelecendo uma conexão com situações reais que chocaram o mundo.

Em *Mongólia* (2003) *O Filho da Mãe* (2009) e *Simpatia pelo Demônio* (2016), seus personagens sofrem e convivem com todos os tipos de violência por estarem em constante movimento de deslocamento entre metrópoles, periferias e contemplando diversos lugares extremos são suscetíveis ao sentimento de mal-estar. Encontramos nestes ambientes deslocados o fascismo que gera os crimes de ódio, como a homofobia, xenofobia e racismo, violência sofrida por personagens despatriados outros desterritorializados que

estão em busca de sua identidade, outros em permanente estado de trânsito geográfico enfrentando dificuldades pelas diferentes línguas. Todas estas situações geram como consequência o mal-estar, que é causada pelas relações humanas e desperta um sentimento individual de humilhação, discriminação, repulsa pelo não pertencimento a determinada cultura.

Nos romances *O Filho da Mãe* (2009) e *Simpatia pelo Demônio* (2016) o autor recria a temática sobre internet e suas formas de comunicação pela rede através das trocas de e-mail, Skype, sms. Esta rede de comunicação virtual proporciona aos contemporâneos uma sensação de proximidade e liberdade fluida estabelecida pela interação e relação entre pessoas plurais suprimindo a distância geográfica. Este ambiente virtual que aproxima grupos que compartilham dos mesmos ideais, sentimentos e interesses e por elas fazem suas trocas de informações por meio de mensagens distanciam outros da vida real. Em *O Filho da Mãe* (2009) o autor representa o mal-estar pelo mau uso da rede de internet por jovens e adolescentes que se tornam viciados no mundo virtual e se negam a viver a própria realidade. Muitos jovens justificam a dependência pela rede como uma fuga na tentativa de evitar o contato interpessoal e fugir da violência exalada pelo bullying. O bullying atinge uma grande parcela da sociedade sendo esta de crianças e adolescentes, que acabam buscando a companhia e o reconhecimento que não obtém na vida real, transferindo este anseio para o mundo virtual se transformando em “viciados em tecnologia”. Este é um problema contemporâneo mundial, e segundo estudiosos, acomete muitos jovens que apresentam sintomas clínicos deste vício pelo uso excessivo de aparelhos eletrônicos interligados a rede de internet, as consequências são a queda do rendimento escolar, a insônia e o nervosismo sem causa aparente.

Em *Mongólia* (2003) o amor é vivido por diferentes facetas como o amor de irmão, de pai que dá a vida por seu filho e o amor pela literatura. *O Filho da Mãe* (2009) recria o amor de mães por seus filhos e o amor homoafetivo que une dois jovens e ainda o amor incosequente e manipulador de um homem por uma mulher. Em *Simpatia pelo Demônio* (2016) temos uma forma perversa de amor que envolve várias personagens movidos pelo amor carnal.

A violência é um dos temas mais abordados por Carvalho nas três obras observou-se a violência transvestida por vários formatos, porém em *Simpatia*

pelo Demônio (2016) o escritor faz aproximações entre violência e sexualidade, violência contra a sexualidade e ainda a sexualidade reprimida que gera violência. Nestas obras temos um conflito entre as diversas formas de amor. Ainda temos diversas situações e formas de violência, como a pedofilia por parte do clero, pelos abusos de poder, violência física, psicológica, homofobia sofrida por um jovem que depois se tornou um abusador. Dispomos da violência e dos crimes de ódio disseminados pela rede de internet e meios de comunicação e interação virtual transmitindo e replicando informações pelas redes sociais ou a networking. A mídia para o mundo contemporâneo é um recurso extraordinário, porém, se não for bem utilizada produz muitos malefícios para a sociedade. Por se tratar de uma comunicação em rede poderá enaltecer e conseqüentemente denegrir o ser humano ou a coisa em voga, e espalhando sentimentos de amor e o ódio gerando ao mesmo tempo reações inesperadas em uma fração de segundos.

Desta forma a literatura de Bernardo Carvalho se apresenta como uma forma plural, multicultural, miscigenada, ampla e porosa de expressão cultural baseada em dados reais que representam múltiplas situações de mal-estar, características do mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA. **Jesus lava os pés aos discípulos**. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008. 1110 p. Velho Testamento e Novo Testamento.

ABDALA JR, Benjamin. **Literatura Comparada & Relações Comunitárias, Hoje**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

ADORNO, T. W. **Notas de literatura I**. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução: Vinícius N. Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. Tradução: Aurora F. Bernardini. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

_____. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Tradução: Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. **Os gêneros do discurso**. Tradução: Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. **Teoria do romance I: A estilística**. Tradução: Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

BARBOSA, Marta. **A maternidade pelo avesso**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/>. Acesso em: 19 de abril de 2019.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução: Sérgio P. Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 51. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

BRANDÃO, Luis Alberto. **Teorias do Espaço Literário**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte, MG: FAPEMIG, 2013.

BULHÕES, R. M; ENEDINO, W. C. **Reprodução, de Bernardo Carvalho: uma fala desordenada como representação da instabilidade do real**. Raído, Dourados, MS, v.9, n.20, jul./dez. 2015.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A Queiroz, 2000; Publifolha, 2000.

CARVALHO, Bernardo. **Aberração**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **Mongólia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Nove noites**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **O Filho Da Mãe**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **O Sol Se Põe em São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Reprodução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. **Simpatia pelo Demônio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

COUTINHO, Eduardo F; CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura Comparada – textos fundadores**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2012.

DALCASTAGNÈ, Regina; AZEVEDO, Luciene. **Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre, RS: Editora Zouk, 2015.

FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. **Psicodinâmica das cores na comunicação**. São Paulo: Edgard Blucher, 2006.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução: Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

JAGUARIBE, Beatriz. **Modernidade cultural e estéticas do realismo**. ECO-PÓS, v.9, n.1, jan./jul. 2006. pp.222-243.

KRYSINSKI, Wladimir. **Discurso de Viagem e Senso de Alteridade**. In: *A viagem na literatura*. Edição: Maria Alzira Seixo. Tradução: Carla Muller. P. 235-263. Lisboa: Publicações Europa-América, 1997.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. Tradução: José M. Mariani de Macedo. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2018.

_____. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas.** Tradução: Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAQUÊA, Vera. **A escrita nômade do presente:** literaturas de língua portuguesa. São Paulo: Arte e Ciência, 2010.

MEIRELES, Clóvis Nóbrega Júnior. **As Representações do Espaço e Outras Estratégias Narrativas em Dois Romances de Bernardo Carvalho.** Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguísticas, Goiânia, 2015.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PIERRE, B.; PICHOS, C.; ROUSSEAU, A. M. **Que é literatura comparada?** 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

REBINSKI, L. J. Radiografia da literatura brasileira. **CÂNDIDO - Jornal da Biblioteca Pública do Paraná.** Abril. 2014. Disponível em: <http://www.candido.bpp.pr.gov.br>. Acesso em: 14 de junho de 2019.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SCHØLLHAMMER, Karl Erick. **Ficção brasileira contemporânea.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

STEINER, George. **Extraterritorial: a literatura e a revolução da linguagem.** Tradução: Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Companhia da Letras, 1990.

TAVARES, L. A. T. **A depressão como "mal-estar" contemporâneo: medicalização e (ex)-sistência do sujeito depressivo.** São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 10 de Setembro de 2019.

TODOROV, Tzvetan. **O homem desenraizado.** Tradução: Christina Cabo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

WATT, Ian. **A ascensão do romance.** Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.